ACTAS DO

X Congresso Internacional

A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO

SILVES 22 a 27.outubro'12

Coordenação editorial de:

Maria José Gonçalves
Susana Gómez-Martínez

Edição de: Silves câmara municipal

Campo Arqueológico de Mértola

X CONGRESSO INTERNACIONAL A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO SILVES - MÉRTOLA, AUDITÓRIO DA FISSUL, 22 A 27 DE OUTUBRO DE 2012
10TH INTERNATIONAL CONGRESS ON MEDIEVAL POTTERY IN THE MEDITERRANEAN. SILVES & MÉRTOLA, 22-27 OCTOBER 2012

ORGANIZAÇÃO: CÂMARA MUNICIPAL DE SILVES, CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA
EM COLABORAÇÃO COM: AIECM2 E CEAUCP
APOIOS: FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA, FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

COMITÉ INTERNACIONAL DO AIECM2
PRESIDENTE: SAURO GELICHI
VICE-PRESIDENTE: SUSANA GÓMEZ-MARTÍNEZ
SECRETÁRIO: JACQUES THIRIOT
TESOUREIRO: HENRI AMOURIC
SECRETÁRIO ADJUNTO: ALESSANDRA MOLINARI

MEMBROS DOS COMITÉS NACIONAIS
FRANÇA: HENRI AMOURIC, JACQUES THIRIOT, LUCY VALLAURI
ITÁLIA: SAURO GELICHI, ALESSANDRA MOLINARI, CARLO VARALDO
MAGHREB: RAHMA EL HRAIKI
MUNDO BIZANTINO: VÉRONIQUE FRANÇOIS, PLANTON PETRIDIS
PORTUGAL: MARIA ALEXANDRA LINO GASPAR, SUSANA GÓMEZ-MARTÍNEZ
ESPANHA: ALBERTO GARCIA PORRAS, MANUEL RETUERCE, JUAN ZOZAYA STABEL-HANSEN
PRÓXIMO ORIENTE: ROLAND-PIERRE GAYRAUD

ACTAS DO X CONGRESSO INTERNACIONAL A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO. SILVES - MÉRTOLA, 22 A 27 DE OUTUBRO DE 2012
PROCEEDINGS OF 10TH INTERNATIONAL CONGRESS ON MEDIEVAL POTTERY IN THE MEDITERRANEAN. SILVES & MÉRTOLA, 22-27 OCTOBER 2012
SILVES, OUTUBRO DE 2015

EDIÇÃO /// PUBLISHER: CÂMARA MUNICIPAL DE SILVES & CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA
COORDENAÇÃO EDITORIAL /// EDITOR: MARIA JOSÉ GONÇALVES E SUSANA GÓMEZ-MARTÍNEZ
DESIGN GRÁFICO /// GRAPHIC DESIGN: RUI MACHADO
IMPRESSÃO /// PRINTING: GRÁFICA COMERCIAL DE LOULÉ

ISBN 978-972-9375-48-4
DEPÓSITO LEGAL /// LEGAL DEPOT ??????
TIRAGEM /// PRINT RUN: 500

Silves, enquanto realidade com características de urbanidade, conta com mais de mil anos de história. Durante todo esse tempo, a região conheceu momentos de desenvolvimento, de apogeu e de crise, cumprindo ciclos próprios de um certo determinismo histórico.

As fontes escritas mas sobretudo os utensílios usados no quotidiano pelas populações que aqui viveram, de que a cerâmica constitui o testemunho mais abundante, têm permitido a historiadores e arqueólogos uma reconstituição muito real do seu modo de vida, com especial relevância para os cerca de cinco séculos em que viveu sob domínio islâmico.

Consciente da importância da produção de conhecimento científico, enquanto forma de aproximação das populações às suas raízes e às suas memórias mas também da importância de partilha dessas vivências com quem nos visita, o Município não se tem poupado a esforços para promover todas as formas de investigação disponíveis. Para tal recorre, não só aos seus meios, como apoia equipas externas e estabelece parcerias com instituições ligadas à investigação em arqueociências que, a pouco e pouco, vão preenchendo vazios e dando forma e expressão a imagens difusas que povoavam o nosso imaginário.

Foi, por isso, para nós, um imenso privilégio ter tido a oportunidade de realizar em Silves, em parceria com tão prestigiadas instituições como são a Associação Internacional para o Estudo das Cerâmicas Medievais e Modernas no Mediterrâneo e o Campo Arqueológico de Mértola, um tão importante evento, como foi o X Congresso Internacional sobre a Cerâmica no Mediterrâneo, que promove a divulgação e a partilha de conhecimentos em torno do estudo dos objectos em cerâmica.

A décima edição deste encontro, aqui realizada entre 22 e 27 de Outubro de 2012, contou com mais de trezentos participantes, oriundos de cerca de vinte diferentes países, que apresentaram mais cento e cinquenta comunicações, orais e escritas. Esta tão expressiva participação resulta agora neste volumoso livro de actas, que temos o prazer de vos apresentar, certos de que o mesmo constituirá uma referência internacional e será um marco para a história da investigação histórica e arqueológica em Portugal, tornando-se objecto de consulta obrigatória para todos quantos se interessam por estes temas.

Fica-nos o sentimento de ter cumprido mais um objectivo dentro de uma estratégia que definimos para a defesa, preservação e divulgação da nossa história e do nosso património, e a certeza da importância de se aliarem esforços em prol de uma causa que não conhece fronteiras territoriais – o conhecimento do Homem na sua plenitude.

A Presidente da C. M. SILVES
Rosa Cristina Palma

INDICE

TEMA: 1
AS CERÂMICAS NO SEU CONTEXTO
POTTERY WITHIN ITS CONTEXT

SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ | MARIA JOSÉ GONÇALVES | ISABEL INÁCIO | CONSTANÇA DOS SANTOS | CATARINA COELHO | MARCO LIBERATO | ANA SOFIA GOMES | JACINTA BUGALHÃO | HELENA CATARINO | SANDRA CAVACO | JAQUELINA COVANEIRO | ISABEL CRISTINA FERNANDES
1. A cidade e o seu território no Gharb al-Andalus através da cerâmica 19

ROLAND-PIERRE GAYRAUD | JEAN-CHRISTOPHE TREGLIA
2. La céramique d'une maison omeyyade de Fustât - Istabl 'Antar (Le Caire, Égypte). Vaisselles de table, céramiques communes et culinaire, jarres de stockage et amphores de la pièce P5 (première moitié du VIIIe s.) 51

VÍCTOR CAÑAVATE CASTEJÓN | SONIA GUTIÉRREZ LLORET
3. Cerámica, espacio doméstico y vida social: el temprano al-Andalus en el sudeste peninsular a la luz de El Tolmo de Minateda (Hellín, Albacete) 56

JOSÉ AVELINO GUTIÉRREZ GONZÁLEZ | JOSÉ LUIS HERNANDO GARRIDO | HORTENSIA LARRÉN IZQUIERDO | FERNANDO MIGUEL HERNÁNDEZ | JUAN ZOZAYA STABEL-HANSEN | CARMEN BENÉITEZ GONZÁLEZ
4. Notas sobre la cerámica en la iconografía cristiana del norte peninsular (ss. X-XII) 68

VANESSA FILIPE
5. Islamic pottery from the Évora Municipal Museum 84

MARCELLA GIORGIO
6. Ceramics and society in Pisa in Middle Ages 93

MÁRIO VARELA GOMES | ROSA VARELA GOMES
7. A Cerâmica e o Sagrado, no ribāt da Arrifana (Aljezur, Portugal) (Séc. XII) 106

FRANCESCO M. P. CARRERA | BEATRICE FATIGHENTI | CATERINA TOSCANI
8. Le Ceramiche e le Attività produttive. Recenti acquisizioni da un quartiere artigianale di Chinzica (Pi) 114

VESNA BIKIĆ
9. Context, Character and Typology of Pottery from the Eleventh and Twelfth Century Danube Fortresses: Case Studies from Morava and BraniČevo 125

VALENTINA VEZZOLI
10. The area of Bustan Nassif (Baalbek) between the 12th and the early 15th cent.: the ceramic evidence 133

ELENA SALINAS
11. Uso y consumo de la cerámica almohade en Córdoba (España) 139

MARCELLO ROTILI
12. Aspetti della produzione in Campania nel basso medioevo 148

ALESSANDRA MOLINARI | VALERIA BEOLCHINI | ILARIA DE LUCA | CHIARA DE SANTIS | EMANUELA FRESI | LAURA ORLANDI | GIORGIO RASCAGLIA | MARCO RICCI | JACOPO RUSSO
13. Stili di vita, produzioni e scambi: la città di Roma a confronto con altri siti del Lazio. Secoli IX-XV 158

SILVINA SILVÉRIO | ELISABETE BARRADAS
14. A cerâmica medieval e tardo-medieval na Beira Interior: materiais provenientes dos castelos de Castelo Novo e Penamacor (sécs. XII – XVI) 180

ISABEL MARIA FERNANDES
15. A cerâmica e seu uso em Portugal, a partir de posturas, taxas e regimentos de oleiros (séc. XII a XVIII): a análise de algumas peças 188

MARGHERITA FERRI | CECILIA MOINE | LARA SABBIONESI
16. The sound of silence. Scratched marks on late medieval and early modern pottery from nunneries: Practice and significance 203

HENRI AMOURIC | LUCY VALLAURI
17. La vie de château d'un vaisselier : Roquevaire près Marseille, 1593 215

ALEXANDRA GASPAR | ANA GOMES | ANDREIA AREZES
18. Recipíentes de medidas da cidade de Lisboa 236

VICTORIA AMORÓS RUIZ
19. La estratigrafía como herramienta 242

CRISTINA CAMACHO CRUZ
20. Candiles de piquera. Uso y morfología en la Córdoba del siglo X 248

SARA ALMEIDA | ALEXANDRE VALINHO | JOÃO NUNO MARQUES
21. Conjunto medieval cerâmico no contexto da linha de muralha de Cacela Velha (Portugal) 253

SILVINA SILVÉRIO | ELISABETE BARRADAS
22. Ocupação islâmica na vertente sudoeste da várzea de aljezur – o sítio da barrada e a envolvente da igreja matriz de n. Sra. Da alva 257

MARIA JOÃO DE SOUSA
23. Uma habitação do século XI/XII sob a muralha do Castelo dos Mouros de Sintra – Evidências arqueológicas de um contexto doméstico 262

MANUEL JESÚS LINARES LOSA
24. Un nuevo lote cerámico del poblado fortificado medieval de "el castillejo" (los guájares, granada). La casa 7 266

MARIA INÊS RAIMUNDO | VANESSA DIAS
25. Al-Madan e o seu Contexto na Península Ibérica 271

VANESSA FILIPE | CLEMENTINO AMARO
26. Castle of Torees Vedras. Archaeological perspectives on a medieval context 275

ALBERTO GARCÍA PORRAS | MANUEL JESÚS LINARES LOSA
MOISÉS ALONSO VALLADARES | LAURA MARTÍN RAMOS
27. De castillo fronterizo nazarí a fortaleza castellana. Los materiales cerámicos del entorno de la torre del homenaje del castillo de moclín (granada) 279

PILAR LAFUENTE IBÁÑEZ
28. Cerámica mudéjar sevillana hallada en la excavación del solar nº 16 de la calle cervantes de coria del río (sevilla, españa). Los materiales del pozo b 285

SARA ALMEIDA | Susana TEMUDO
29. Cerâmica do século XIII, no contexto do Bairro Judaico de Coimbra (Portugal) 291

TÂNIA MANUEL CASIMIRO | TELMO SILVA | DÁRIO NEVES | CAROLINA SANTOS*
30. Cerâmicas Medievais da Rua da Corredoura (Évora) 298

ALBERTO LÓPEZ MULLOR
31. La cerámica del mas montgròs, el brull (barcelona), siglos xi-xv 303

ANTÓNIO MANUEL S. P. SILVA | MANUELA C. S. RIBEIRO
32. Cerâmicas medievais (sécs. Ix-xii) do castelo de arouca (n. Portugal) 310

M. CARMEN RIU DE MARTÍN
33. Ladrilleros barceloneses de la primera mitad del siglo xv 318

ALEXANDRA GASPAR | ANA GOMES
34. Cerâmicas pintadas a branco do século xv/xvi encontradas no castelo de s. Jorge, lisboa, portugal 326

LUÍS SERRÃO GIL
35. Entre tachos e panelas: cerâmica medieval do silo do castelo de Porto de Mós 333

MARIA RAFFAELLA CATALDO
36. Ceramica rivestita dal castello di Circello (Benevento) 340

GONÇALO LOPES | JOSÉ RUI SANTOS
37. Cerâmicas islâmicas da natatio das termas romanas de Évora 346

MARIA JOSÉ GONÇALVES
38. Contributo para o estudo dos utensílios do quotidiano de um Arrabalde islâmico de Silves: a cerâmica decorada a verde e manganês 353

TEMA: 2
CERÂMICA E ALIMENTAÇÃO
POTTERY AND FOOD

JOANITA VROOM
39. The archaeology of consumption in the eastern Mediterranean: A ceramic perspective 359

F. CANTINI | S. G. BUONINCONTRI | B. FATIGHENTI
40. Ceramica e alimentazione nel Medio Valdarno inferiore medievale: il caso di San Genesio (San Miniato-Pi) 368

JAQUELINA COVANEIRO | SANDRA CAVACO
41. Entre tachos e panelas: a evolução das formas de cozinha (Tavira) 377

JUAN ZOZAYA
42. Cacharros, fuegos, comidas, servicios, escrituras… 387

TÂNIA MANUEL CASIMIRO | LUÍS DE BARROS
43. De quem são estas ollas? Comer, beber, armazenar Em Almada no século XIII 392

TEMA: 3
O MEDITERRÂNEO E O ATLÂNTICO
THE MEDITERRANEAN AND THE ATLANTIC

ANTÓNIO MANUEL S. P. SILVA | PEDRO PEREIRA | TERESA P. CARVALHO
44. Conjuntos cerâmicos do Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia, N. Portugal). primeiros elementos para uma sequência longa (sécs. Iv-xi) 401

JORGE DE JUAN ARES | YASMINA CÁCERES GUTIÉRREZ | MARÍA DEL CRISTO GONZÁLEZ MARRERO | MIGUEL ÁNGEL HERVÁS HERRERA | JORGE ONRUBIA PINTADO
45. Objetos para un espacio y un tiempo de frontera: el material cerámico de fum asaca en sbuya, provincia de sidi ifni, marruecos (ss. Xv-xvi) 420

HUGO BLAKE | MICHAEL J. HUGHES
46. The mediterranean and the atlantic archaeometrical research on the provenance of 'mediterranean maiolica' and italian pottery found in great britain 432

HENRI AMOURIC | GUERGANA GUIONOVA | LUCY VALLAURI
47. Céramiques aux îlles d'Amérique. la part de la Méditerranée (XVIIe-XIXe s.) 440

RODRIGO BANHA DA SILVA | ADRIAAN DE MAN
48. Palácio dos Condes de Penafiel: a significant late antique context from Lisbon 455

MARCO LIBERATO | HELENA SANTOS
49. Circulação de materiais setentrionais na Santarém medieval 461

MIGUEL BUSTO ZAPICO | JOSÉ AVELINO GUTIÉRREZ GONZÁLEZ | ROGELIO ESTRADA GARCÍA
50. Las lozas de la casa carbajal solís, punto de encuentro entre el mediterráneo y el norte de europa 466

ARMANDO SABROSA† | INÊS PINTO COELHO | JACINTA BUGALHÃO
51. As porcelanas da Sé da Cidade Velha, Ilha de Santiago, Cabo Verde 473

TEMA: 4
EVOLUÇÃO E TRANSFERÊNCIA DAS TÉCNICAS
EVOLUTION AND TRANSFER OF TECHNIQUES

JOAN NEGRE PÉREZ
52. Producciones cerámicas en el distrito de ţurţūša entre la antigüedad tardía y el mundo islámico (siglos VI-XII) 483

KONSTANTINOS T. RAPTIS
53. Brick and tile producing workshops in the outskirts of thessaloniki from fifth to fifteenth century: a study of the firing technology that has been diachronically applied in the ceramic workshops of a large byzantine urban center 493

LÍDIA FERNANDES | JOÃO COROADO | MARCO CALADO | CHIARA COSTANTINO
54. Ocupação medieval islâmica no Museu de Lisboa -Teatro Romano de Lisboa: O caso do aproveitamento do post scaenium no decurso do século XII 509

ROSALIND A WADE HADDON
55. What was cooking in Aleppo in the twelfth and thirteenth centuries? 519

IBRAHIM SHADDOUD
56. Production de poterie chez les Nizarites de Syrie : l'atelier de Massyaf (milieu XIIe-premier tiers du XIVe siècle) 525

SERGIO ESCRIBANO-RUIZ | JOSE LUIS SOLAUN BUSTINZA
57. La introducción y normalización de la cerámica vidriada en el Cantábrico Oriental a la luz del registro cerámico de Vitoria-Gasteiz (siglos XII-XV) 534

JAUME COLL CONESA | JOSEP PÉREZ CAMPS | MARTA CAROSCIO | JUDIT MOLERA
TRINITAT PRADELL | GLORIA MOLINA
58. Arqueología, arqueometría y cadenas operativas de la cerámica de Manises localizada en el solar Fábricas nº 1 (Barri d'Obradors, Manises, campaña 2011) 549

JACQUES THIRIOT | DAVID OLLIVIER | VÉRONIQUE RINALDUCCI
59. Fouiller les encyclopédistes : transfert de modèles aux Antilles françaises 560

ELENA SALINAS | JUAN ZOZAYA
60. Pechina: el antecedente de las cerámicas vidriadas islámicas en al-andalus 573

GUERGANA GUIONOVA | ROCCO RANTE
61. Aperçu sur la production des ateliers de Paykend, Oasis de Bukhara, Ouzbékistan 577

KRINO P. KONSTANTINIDOU | KONSTANTINOS T. RAPTIS
62. Archaeological evidence of an ELEVENTH-century kiln with rods IN Thessaloniki 589

LAURA APARICIO SÁNCHEZ
63. El alfar cordobés de Ollerías y sus producciones (siglos XII-XIII) 596

SERGEY BOCHAROV | ANDREY MASLOWSKIY
64. The Eastern Crimean Centers of Glaze Pottery Production in 13th and 14th centuries 604

JAUME COLL CONESA | CLODOALDO ROLDÁN GARCÍA
65. Composición del pigmento de cobalto y cronología de la azulejería medieval de Manises (Valencia) conservada en el Museo Nacional de Cerámica 608

JULIA BELTRÁN DE HEREDIA BERCERO | CLAUDIO CAPELLI | ROBERTA DI FEBO
MARISOL MADRID I FERNÁNDEZ | ROBERTA DI FEBO | JAUME BUXEDA I GARRIGÓS
66. Imitaciones de ceràmicas à taches noires en barcelona en el s. Xviii. Datos arqueológicos y arqueométricos 613

ANNA RIDOVICS | BERNADETT BAJNÓCZI | GÉZA NAGY | MÁRIA TÓTH
67. The transfer of the tin-glazed faience technology by hutterite anabaptists to east-central europe during 16th and 17th centuries 619

TEMA: 5
CERÂMICA E COMÉRCIO
CERAMICS AND TRADING

YASEMIN BAGCI VROOM
68. A New Look on Medieval Ceramics from the Old Gözlükule Excavations: A Preliminary Presentation 627

EVELINA TODOROVA
69. Policy and trade in the northern periphery of the eastern mediterranean: amphora evidence from present-day bulgaria (7TH–14TH centuries) 637

ISABEL CRISTINA FERNANDES | CLAIRE DÉLÉRY | SUSANA GÓMEZ | MARIA JOSÉ GONÇALVES | ISABEL INÁCIO | CONSTANÇA DOS SANTOS | CATARINA COELHO MARCO LIBERATO | ANA SOFIA GOMES | JACINTA BUGALHÃO | HELENA CATARINO SANDRA CAVACO | JAQUELINA COVANEIRO
70. O comércio da corda seca no gharb al-andalus 649

CLAUDIO FILIPPO MANGIARACINA
71. La Sicilia islamica: produzione, circolazione e consumo di ceramica (IX-pieno XI secolo) 667

GUERGANA GUIONOVA
72. Céramique d'importation du XIVe au XVIIe s. en Bulgarie 681

INÉS Mª CENTENO CEA | ÁNGEL L. PALOMINO LÁZARO | MANUEL MORATINOS GARCÍA Mª J. NEGREDO GARCÍA | J.E. SANTAMARÍA GONZÁLEZ
73. Cerámica de cocina rugosa de pastas claras/campurriana versus cerámica granítica/zamorana. Patrones de distribución y expansión en época bajomedieval y en la transición a la edad moderna en el norte de castilla y león 692

VASSILEIOS D. KOROSIS
74. Consumption and importation of ceramics in a fairly unknown site of late Roman Greece. A case study from Megara, Attica, Greece 701

NATALIA GUINKUT | VICTOR LEBEDINSKI | JULIA PRONINA
75. Medieval amphorae from shipwrecks near Chersones Taurica 707

VICTOR FILIPE | MARCO CALADO | SANDRA GUERRA | ANTÓNIO VALONGO JOÃO LEÓNIDAS | ROMÃO RAMOS | MARGARIDA ROCHA | JACINTA COSTA
76. A cerâmica de importação no arrabalde ocidental de luxbuna (lisboa). Dados preliminares da intervenção realizada no hotel de santa justa 711

SYLVIE YONA WAKSMAN
77. Late medieval pottery production in South Western Crimea: laboratory investigations of ceramics from Cembalo (region of Sebastopol / Chersonesos)* 719

RAFFAELLA CARTA
78. La ceramica italiana indicatore del commercio tra il mediterraneo occidentale e l'atlantico (secoli xv-xvii) 724

JULIA BELTRÁN DE HEREDIA BERCERO | NÚRIA MIRÓ I ALAIX
79. Barcelona y el comercio interior de cerámica en el siglo xvii y principios del xviii: vilafranca del penedés (barcelona), teruel, villafeliche y muel (zaragoza), valencia, talavera de la reina (toledo), sevilla y portugal 729

TEMA: 6
NOVAS DESCOBERTAS
NEW DISCOVERIES

RICARDO COSTEIRA DA SILVA
80. Medieval pottery from the forum of aeminium (Coimbra, Portugal) : a proposal of chrono-typological evolution 739

ABDALLAH FILI
81. Le décor de la céramique de Fès à l'époque mérinide, typologie et statistiques 750

SOPHIE GILOTTE | YASMINA CÁCERES GUTIÉRREZ | JORGE DE JUAN ARES
82. Un ajuar de época almorávide procedente de Albalat (Cáceres, Extremadura) 763

MARCO LIBERATO
83. A pintura a branco na Santarém medieval. Séculos XI a XVI 777

THIERRY JULLIEN | MOHAMED KBIRI ALAOUI | VIRGINIE BRIDOUX | ABDELFATTAH ICHKHAKH | EMELINE GRISONI | CÉLINE BRUN | SÉVERINE LECLERCQ | HICHAM HASSINI | HALIMA NAJI
84. Les céramiques mérinides de kouass (asilah-briech, maroc) 792

ELVANA METALLA
85. La céramique médiévale en Albanie : relations entre les productions byzantines et italiennes 807

ANDRÉ TEIXEIRA | AZZEDDINE KARRA | PATRÍCIA CARVALHO
86. La céramique médiévale d'Azemmour (Maroc) : données préliminaires sur des vestiges de production potière 819

EBRU FATMA FINDIK
87. Medieval Glazed Ceramics from Myra and New Results 831

SERGEY BOCHAROV | ANDREY MASLOWSKIY | AIRAT SITDIKOV
88. The Kashi pottery in the Western Regions of Golden Horde 840

ÉLVIO DUARTE MARTINS SOUSA | FERNANDO CASTRO
89. Novos dados químicos de formas de pão-de açúcar produzidos em Portugal: séculos XV a XVI 846

ALEXANDRA GASPAR | ANA GOMES
90. Cerâmicas comuns da Antiguidade Tardia provenientes do Claustro da Sé de Lisboa – Portugal 851

Mª TERESA XIMÉNEZ DE EMBÚN SÁNCHEZ
91. Tipos y contextos cerámicos en el yacimiento emiral del Cabezo Pardo (San Isidro, Alicante). Una breve reflexión sobre la cultura material en el SE Peninsular 861

CRISTINA GONZALEZ
92. Quinta da Granja 1: cerâmica emiral de um povoado da Estremadura 866

DÉBORA MARCELA KISS
93. La cerámica del Tossal del Moro (Benilloba, Alacant). Primeros resultados del estudio de los fondos depositados en el Centre d´ Estudis Contestans 875

CRISTINA GARCIA | PATRÍCIA DORES | CATARINA OLIVEIRA | MIGUEL GODINHO
94. Tipologia e funcionalidade nas cerâmicas da casa i do bairro islâmico do poço antigo em cacela-a-velha 882

MANUEL RETUERCE VELASCO | MANUEL MELERO SERRANO
95. Azulejos almohades vidriados a molde de Calatrava la vieja (1195-1212) 887

ANA CRISTINA RAMOS | MIGUEL SERRA
96. Novos dados sobre halqal-zawiya (Lagos, Portugal) 893

KAREN ÁLVARO | M. DOLORES LÓPEZ | ESTHER TRAVÉ
97. Una nueva contribución al estudio de la loza barcelonesa decorada en verde y manganeso 900

CARLOS BOAVIDA
98. Medieval pottery from the castle of Castelo Branco (Portugal) 906

FRANCISCO MELERO GARCÍA
99. Pottery of the nasrid period of cártama (málaga) 912

CONSTANÇA GUIMARÃES DOS SANTOS | ELISA ALBUQUERQUE
100. A Capela de São Pedro da Capinha através dos materiais: a cerâmica medieval 917

RICARDO COSTEIRA DA SILVA
101. "Traços mouriscos" na cerâmica do século XV do antigo Paço Episcopal de Coimbra (Museu Nacional de Machado de Castro) 924

IRYNA TESLENKO
102. Crimean Local Glazed Pottery of the 15th century 928

MARIA JOSÉ GONÇALVES
103. Cerâmica em Corda Seca de um Arrabalde Islâmico de Silves: contributo para o seu estudo 934

*Susana GÓMEZ MARTÍNEZ | Maria José GONÇALVES | Isabel INÁCIO | Constança dos SANTOS | Catarina COELHO | Marco LIBERATO | Ana Sofia GOMES | Jacinta BUGALHÃO | Helena CATARINO | Sandra CAVACO | Jaquelina COVANEIRO | Isabel Cristina FERNANDES**

A CIDADE E O SEU TERRITÓRIO NO GHARB AL-ANDALUS ATRAVÉS DA CERÂMICA

Resumo: *Um dos principais elementos caracterizadores da sociedade islâmica medieval é a predominância da cidade na organização territorial e a sua estreita interligação com o meio rural que a envolve. Esta relação campo/cidade é o resultado de um longo processo de reorganização do povoamento e da sua articulação territorial, a partir das realidades da Antiguidade Tardia. As formas de articulação dessa relação, o raio de influência de cada cidade e a eventual existência de territórios intersticiais fora do âmbito de influência urbana, com marcadas diferenças em relação aos anteriores, são aspectos que importa analisar. Também é importante dirimir, no caso existia um modelo de articulação territorial, se este se aplica de forma homogénea a territórios diversos ou, se existem diferenças regionais marcadas, nas formas de articular os povoamentos urbano e rural.*

A cerâmica, como mais abundante testemunho material da vida das populações medievais, será um indicador privilegiado para espelhar esta relação entre a madina e o seu alfoz, bem como a evolução da mesma ao longo dos séculos.

Partindo destes pressupostos, o Grupo CIGA pretende aprofundar o conhecimento das afinidades e diferenças entre as cerâmicas da cidade e do seu território, na região do Gharb al-Ândalus inserida no actual espaço português. Tendo em conta a dimensão do território contemplado, esta comunicação de síntese debruçar-se-á sobre quatro casos de estudo, centrados em quatro das suas regiões mais significativas: Coimbra, Estuários do Tejo e Sado, eixo Beja-Mértola e eixo Faro-Silves. A análise de carácter comparativo deve contemplar, necessariamente, uma caracterização técnica e morfológica das diferentes regiões estudadas e as características dessa relação ao longo do tempo. A abundância de dados obriga-nos a sistematizar a informação em categorias cronológicas e territoriais apriorísticas, certamente mais rígidas do que seriam as realidades concretas.

Abstract: *One of the main features of the medieval Islamic society is the predominance of the city in the territorial organization and its close links with the countryside that surrounds it. The relationship countryside/city is the result of a long process of settlement reorganization and its territorial articulation, from the realities of the Late Antiquity. The forms of articulation of this relationship, the radius of influence of each city and the possible existence of interstitial territories outside of the urban influence, with marked differences from the previous ones, are important aspects to analyze. It is also important to clarify, in case of a territorial articulation model, if it applies evenly to several territories or if there are marked regional differences in the ways of articulating the urban and rural settlements.*

Ceramics, as the most abundant material testimony of the medieval populations lives, should be a key indicator that reflects the relationship between the madina and his alfoz, as well as its evolution over the centuries.

Under these assumptions, the CIGA Group aims to deepen the knowledge of the similarities and differences between the ceramics of the city and of its territory in the region of the Gharb al-Andalus, in the current Portuguese space. Considering this territory size, this communication synthesis will address four case studies, focusing on four of its most significant regions: Coimbra, the Tagus and Sado estuaries, the Beja-Mértola axis and the Faro-Silves axis. The comparative analysis should necessarily contemplate a technical and morphological characterization of the different studied regions and the terms of that relationship over time. The abundance of data requires us to systematize the information in chronological and spatial aprioristic categories, certainly more rigid than the concrete realities.

1. NOTA INTRODUTÓRIA

Nos últimos anos, a historiografia e a arqueologia têm dedicado importantes reuniões científicas às questões urbanas e às cidades islâmicas, no geral; mas, como muito bem salienta Christine Mazzoli-Guintard, "*quedan problemas pendientes como el de las relaciones entre ciudad y su territorio, sobre el cual existen sin embargo algunas interesantes reflexiones por aquí y por allá a propósito de la influencia real de la ciudad sobre sus campos, o de la importancia de una élite urbana propietaria de tierras agrícolas*" (Mazzoli-Guintard, 2011: 16). São, portanto, apenas algumas reflexões que tentaremos tecer neste estudo, tendo por base uma estrita abordagem arqueológica, e sobretudo arqueográfica, na tentativa de podermos relacionar a cultura material ceramológica, identificada em dissemelhantes âmbitos urbanos e rurais, com as diferentes etapas vivenciais da história do Gharb al-Andalus.

A primeira questão que se levanta, mas que não pode ser aqui desenvolvida, por não ser nosso objectivo nem o estado da investigação o permitir, é o da definição e diferenciação dos múltiplos modelos de espaços urbanos (*madīnat-qā'ida*, *ḥisn-madīnat*, *madīnat-qarya*, entre outros), nem dos intrincados sistemas de relações entre cada cidade e o seu alfoz. As condicionantes derivadas das lacunas de informação que subsistem para o Gharb só nos permitem traçar, pontualmente e com reservas, alguns aspectos sobre as relações entre o espaço urbano e o seu meio rural, a partir do papel que algumas cidades (como Santarém, Lisboa, Mértola ou Silves) desempenharam enquanto mercados centralizadores de importações, produção e circulação de produtos, onde se inserem as cerâmicas, objecto principal do nosso estudo.

A segunda questão centra-se na definição e individualização de cada espaço urbano e do seu respectivo território, tarefa ainda difícil de concretizar, considerando que "*las ciudades*

* Grupo de Trabalho CIGA – Cerâmica Islâmica do Gharb al-Andalus, ciga.portugal@gmail.com. susanagomez@sapo.pt, CEAACP-CAM; maria.goncalves@cm-silves.pt, Câmara Municipal de Silves/CEAACP-CAM; isabelminacio@gmail.com, CEAACP-CAM; constancavs@gmail.com, CEAACP-CAM; catgcoelho@gmail.com, DGPC/ CEAACP-CAM; marcoliberato@hotmail.com, Bolseiro FCT/CEAACP-CAM;agomes@dgpc.pt, DGPC/ CEAACP-CAM; jacintabugalhao@gmail.com, DGPC/FCT/UNIARQ/CEAACP-CAM; hcatarino@fl.uc.pt, FLUC/CEAACP-CAM; scavaco@cm-tavira.pt, Câmara Municipal de Tavira/CEAACP-CAM; jcovaneiro@cm-tavira.pt, Câmara Municipal de Tavira/ CEAACP-CAM, isacrisff@gmail.com, Museu Municipal de Palmela/CEAACP-CAM.

andalusíes (são) calidoscopios de territorios, conjuntos de territorios que se mueven sin cesar y, a veces, no pueden cogerse" (*Ibidem*, 31). Na verdade, e ao contrário do que acontece para outras regiões de al-Andalus, nem sequer estão bem delineadas as balizas territoriais das *kuwār* do Gharb, embora possamos considerar, com base nas crónicas e nos anais cordoveses que indicam a nomeação de governadores, as seguintes cidades-província e/ou *kuwār*: Coimbra, Santarém, Lisboa, Alcácer do Sal, Évora, Beja e Ocsonoba (com transferência de poder de Faro para Silves). Cada uma pode considerar-se *madīna/qā'ida*, no sentido de capital administrativa, que centralizava territórios, mais ou menos amplos, e que incluíam outras entidades urbanas e fortificações, que por sua vez foram centros de distritos rurais. Entre essas entidades menores podemos considerar as *mudun/ḥuṣūn* (sing. *madīnat/ḥisn*), no sentido de castelo/território ou cidadela urbana que primava pela função defensiva (por exemplo Montemor-o-Velho em relação a Coimbra, Sintra e Palmela em relação a Lisboa - sobretudo a partir do séc. XI -, ou Mértola em relação a Beja), e as *mudun/qurā* (sing. *madīnat/qarya*) enquanto centros de distritos rurais (*iqlim*, *nahiya*…), em alguns casos fundados a partir de uma ou várias alcarias (como parece serem os casos de Tavira e de Loulé).

É, pois, a partir destas cidades-província (deixando de fora outras, de maior complexidade hermenêutica, como Lamego, Viseu e o paradigma de Idanha-a-Velha) que elaboramos o presente estudo, tendo consciência da fragilidade que ainda existe no conhecimento das materialidades cerâmicas. E se essa fragilidade é verificável para as *madīnat/qā'ida* de cada *kūra*, muito maior é quando analisamos os espaços rurais. Quanto a estes, sabemos que o al-Andalus estava densamente povoado e que as fontes escritas mencionam alcarias, aldeias/casais, herdades e outros tipos de povoações, com casario disperso ou agrupado, mas persistem as dificuldades de interpretação quando nos aproximamos das realidades arqueológicas. Assim, e considerando que, na maior parte dos casos, o conhecimento que conseguimos compilar advém dos resultados de escavações pontuais e de intervenções preventivas, feitas em sondagens espacialmente reduzidas, mencionamos unicamente como alcarias aqueles sítios que, pela dimensão e características dos espaços habitados, se podem considerar como tal (por exemplo, Alcarias de Guerreiros de Cima, Alcaria Longa, Alcariais de Odeleite, Alcaria de Arge…), sendo que a maior parte das entidades rurais mencionadas no texto são indicadas, à falta de melhor explicitação, por sítio arqueológico.

Colocada esta breve nota introdutória, o estudo que se segue organiza-se, de norte para sul do Gharb al-Andalus - de Coimbra ao Algarve -, numa abordagem geográfica e diacrónica. Após uma pequena explicação de cada território, destacamos as principais características das cerâmicas, por período cronológico-cultural (emiral, califal/taifas, almorávida, almóada), tentando distinguir, para cada fase, as semelhanças e dissemelhanças entre as realidades materiais reconhecidas para as cidades e as actualmente disponíveis para os seus sítios rurais. Sempre que possível, tecem-se considerações sobre o papel que desempenharam as cidades enquanto centros de produção e de mercado distribuidor das cerâmicas que produziam e importavam.

2. A KŪRA/'AMAL DE COIMBRA

Como acontece em outras regiões localizadas nas "Marcas Fronteiriças" do al-Andalus, Coimbra (1)[1] (a anterior sede visigótica da *Diocese Eminiensis*) terá correspondido a uma cidade-território, centro de um *'amal* não militarizado, nunca tendo sido propriamente uma capital de *kūra*, embora na crónica de *al-Rāzi* esteja incluída nas *kuwār* de época califal. Também a sua extensão territorial não foi constante, nem manteve domínio político islâmico estável e permanente, pelo que nos deparamos com diferentes dinâmicas de ocupação no espaço urbano e seu alfoz: num primeiro momento, a época emiral é interrompida com a presúria cristã, em 878; o período seguinte corresponde aos finais do califado (campanhas de *al-Manṣūr*, em 986 e 987) e termina durante o período dos reinos de taifa, em 1064.

Neste contexto, não existe uma matriz contínua da cultura material islâmica, nem a arqueologia tem, no estado actual da investigação, permitido fazer, salvo raras excepções, uma estreita relação entre as evidências materiais registadas no espaço urbano e suburbano/arrabaldes (cujas intervenções arqueológicas carecem de publicações) e no seu território rural (que permanece praticamente desconhecido). Constatamos, porém, a discrepância que existe entre a grande quantidade de povoações rurais conhecidas através das fontes documentais, sobretudo dos séculos X e XI, e a quase inexistência, apesar da riqueza toponímica da região, de sítios arqueológicos comprovados pela presença de cerâmica islâmica. Tal facto dever-se-á a um conjunto de condicionantes, sendo a principal, quase seguramente, a falta de investigação de campo (prospecções e escavações) direcionada para a problemática do povoamento rural e, consequentemente, a de publicações que incluam vestígios materiais da época islâmica. Por outro lado, ao reduzido número de escavações realizadas na região, pode também equacionar-se a dificuldade em distinguir a cerâmica comum de época visigótica com a dos primeiros séculos do al-Andalus (como, aliás, acontece em todos os territórios do Gharb).

Posto isto, a análise que se segue é ainda embrionária, os conjuntos cerâmicos conhecidos são escassos, nem sempre provêm de contextos arqueológicos seguros, alguns são mesmo achados descontextualizados, os sítios rurais estão praticamente ausentes, sendo apenas contemplados neste estudo os materiais provenientes das cidades de Coimbra/*Madīnat Qulumriyya* (1) e de Conímbriga/*Madīnat Qubdiyaysa* (2), assim como de algumas fortificações, que seriam centros de distritos rurais. No entanto, podemos constatar, de certa forma, que a alternância de poderes, que caracterizou o território de Coimbra, se encontra plasmada na cultura material, que parece evidenciar coexistência de cerâmicas próprias do "mundo cristão" e do "mundo islâmico". Tal realidade tem vindo a evidenciar-se com o incremento do número de escavações urbanas realizadas na cidade do Mondego, tanto no seu espaço intramuralhado como nos arrabaldes, onde se identificaram estruturas e cerâmicas, sobretudo formas comuns, sendo minoritária a presença de fabricos vidrados provenientes certamente das regiões mais meridionais do al-Andalus.

1 Número atribuído na cartografia.

Fig.1 *Período emiral 1: Coimbra; 2: Conimbriga; 3: Ega; 4: Santa Olaia; 10: Santarém; 13: Quinta da Granja 1; 16: Lisboa; 17: Castanheira do Ribatejo; 18: Caparide; 19: Freiria; 20: Alto do Senhor da Boa Morte (Povos); 21: São Miguel de Odrinhas; 22: Miroiços; 23: Alto do Cidreira; 24: Sintra; 41: Quinta dos Castros; 43: Palmela; 45: Alcácer do Sal; 48: Alto da Queimada; 49: Setúbal; 51: Serra da Azóia; 52: Lapa do Jerónimo; 53: Gruta do Forte do Cavalo; 54: Moinho da Fonte do Sol; 59: Évora; 60: Beja; 61: Casarão da Mesquita 1; 65: Mértola; 72: Raposeira; 74: Funchais 6; 75: Cerro do Castelo das Bouças; 76: Odemira; 77: Cabeçana 4; 78: Monte Roncão 13; 79: Monte de Roncanito 10; 80: Barranco da Mourata 4; 81: Castelo das Relíquias; 82: Castelo Velho de Alcoutim; 87: Faro; 88: Silves; 91: Milreu; 92: Cerro da Vila; 93: Montinho das Laranjeiras; 100: Barradas; 101: Alferce; 102: Vale do Boto; 103: Tejo do Praio.*

2.1. PERÍODO EMIRAL (ver fig. 1)

Para a época emiral, encontramos neste território dois âmbitos urbanos (*Madīnat Qulumriyya* (1) e *Madīnat Qubdiyaysa*) (2), mas são ainda fracos os indícios materiais (algumas moedas e cerâmicas), nem sempre provenientes de contextos estratigráficos fiáveis. Contudo, partindo das poucas referências de que dispomos, sobretudo para Coimbra (Catarino, Filipe e Santos, 2009: 333-376) e Conimbriga (Alarcão, 1975; Alarcão *et alii*, 1976), verifica-se exclusividade da cerâmica comum e o predomínio de fabricos a torno, embora também com algumas produções manuais ou a torno lento, num prolongamento da tradição anterior, destacando-se as formas fechadas, mormente panelas/potes de perfil em S. As superfícies podem apresentar-se, por vezes, brunidas e/ou espatuladas, aparecendo também peças, ainda que mais raramente, com decoração incisa ou com aplicações plásticas, nomeadamente cordões digitados. Enquanto elemento inovador, surgem os púcaros com caneluras no colo e os primeiros exemplares ostentando pintura, por meio de traços finos a branco, a negro ou a vermelho (os últimos em Coimbra). Quanto ao meio rural, são muito insuficientes os dados que possuímos, o que apenas nos permite uma visão incompleta e fragmentária do território. Deste modo, encontramos indicações para o período emiral no Paço da Ega (Condeixa-a-Nova) (3), onde são referidos materiais que parecem recuar ao século IX, de pastas escuras e grosseiras e de fabrico a torno lento (Revez, 2012: 52), tratando-se claramente de cerâmicas, tal como acontece no centro urbano, que prolongam a tradição visigótica. Também neste sítio aparecem a decoração incisa, os cordões plásticos, os púcaros com caneluras no colo, podendo ainda recuar a este período algumas peças pintadas a branco, de traços finos ondulados, mormente na vertical. Também a primeira fase medieval do castelo de Santa Olaia (4) (Figueira da Foz) poderá corresponder a este período, considerando alguns fabricos grosseiros a torno lento, o predomínio de formas fechadas, entre as quais panelas de perfil em S, púcaros de colo com finas caneluras, algumas peças de superfícies brunidas e com espatulado vertical, bem como fragmentos com decoração incisa, em linhas onduladas, e outros com finos traços de pintura a branco (Nazaré, 2013).

Considerando os dados expostos, não encontramos grande diversidade entre a cerâmica identificada em meio urbano e nas fortificações rurais. Estão presentes em ambos os ambientes a cerâmica de tradição tardo-antiga/visigótica, seja de fabrico a torno alto, seja a torno lento, tratando-se exclusivamente de cerâmica comum, seguramente produzida em olarias locais/regionais, podendo encontrar-se decorada por meio de aplicações plásticas, embora ainda pouco representativas, por meio de linhas incisas, ou com pintura a branco. Nestes conjuntos, o reportório formal é reduzido, predominando as formas fechadas, nomeadamente panelas, potes, jarros e púcaros, formas e decorações que não se afastam muito dos grupos morfotipológicos que têm vindo a ser registados no Vale do Douro (Zozaya *et alii*, 2012: 217-229).

2.2. PERÍODO CALIFAL/TAIFA (ver fig. 2)

Relativamente ao período califal, não o poderemos separar da época seguinte - reinos de taifas - sobretudo pelo facto de só a partir dos finais do século X esta região ter voltado a ficar inserida na esfera política do al-Andalus. Deparamo-nos, com as lacunas com que nos defrontámos anteriormente, ou seja, a falta de estudos e publicações relativos a esta cronologia, sendo, contudo, a época melhor representada na cidade de Coimbra, em termos de cerâmica vidrada.

Assim, e com base nos dados que possuímos, podemos dizer que em época califal/taifa encontramos, no que diz respeito à cerâmica comum não vidrada, uma certa homogeneidade entre a cidade e o seu território, sendo que este continua a ser, essencialmente, formado por recintos fortificados.

Em Coimbra (1) mantêm-se as produções locais/regionais, onde se integra o grupo dos "grés" e se conjugam produções de cariz claramente islâmico, embora algumas decorações se possam considerar de dupla influência, associando elementos mais próprios do "mundo cristão", como sejam as asas puncionadas em púcaros e jarros. As molduras e caneluras continuam presentes, mas agora ocupando outras áreas da peça, não se restringindo apenas ao colo.

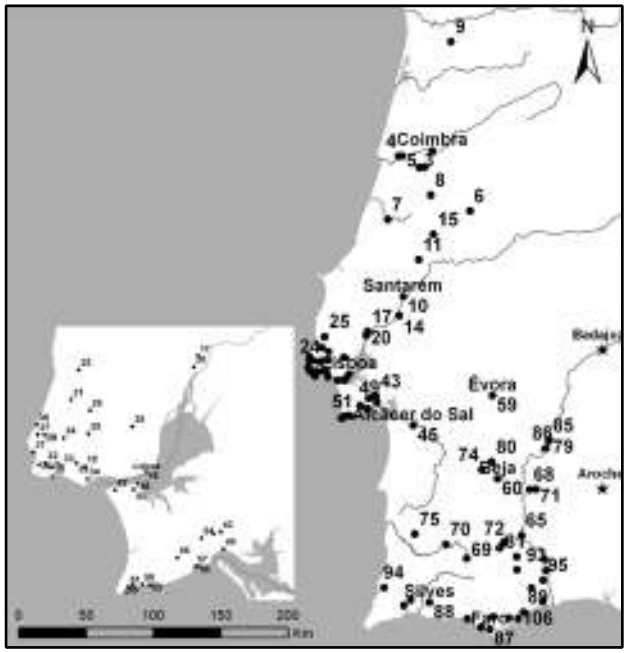

Fig.2 *Período Califal/Taifa. 1: Coimbra; 2: Conimbriga; 3: Ega; 4: Santa Olaia; 5: Montemor-o-Velho; 6: Sertã; 7: Leiria; 8: Ansião; 9: Castro de Valinhas/Castelo de Arouca; 10: Santarém; 11: Torres Novas; 14: Horta da Casa Cadaval; 15: Gruta do Caldeirão; 16: Lisboa; 17: Castanheira do Ribatejo; 18: Caparide; 19: Freiria; 20: Alto do Senhor da Boa Morte (Povos); 21: São Miguel de Odrinhas; 23: Alto do Cidreira; 24: Sintra; 25: Vale Casal Mourão; 26: Granja dos Serrões; 27: Santo André de Almoçageme; 28: Colares; 29: Telhal; 30: Cascais; 31: Alcabideche; 32: Vilares; 33: Zabrizes; 34: Oeiras; 35: Casal do Clérigo; 36: Casais Velhos; 37: Espigão das Ruivas; 38: Alto da Vigia; 39: Casal do Mortal; 40: Almada; 41: Quinta dos Castros; 42: Murfacém; 43: Palmela; 45: Alcácer do Sal; 46: Coina-a-Velha; 48: Alto da Queimada; 49: Setúbal; 50: Lapa do Fumo; 51: Serra da Azóia; 52: Lapa do Jerónimo; 53: Gruta do Forte do Cavalo; 54: Moinho da Fonte do Sol; 55: Porto da Baleeira; 56: Praia dos Coelhos; 57: Creiro; 59: Évora; 60: Beja; 65: Mértola; 68: Serpa; 69: Mesas do Castelinho; 70: Castro da Cola; 71: Cidade das Rosas; 72: Raposeira; 74: Funchais 6; 75: Cerro do Castelo das Bouças; 79: Monte de Roncanito 10; 80: Barranco da Mourata 4; 81: Castelo das Relíquias; 82: Castelo Velho de Alcoutim; 83: Costa 2; 84: Alcaria Longa; 85: Monte de Roncanito 18; 86: Cid Almeida 1; 87: Faro; 88: Silves; 89: Tavira; 91: Milreu; 92: Cerro da Vila; 93: Montinho das Laranjeiras; 94: Alcaria de Aljezur; 95: Odeleite; 96: Aldeia dos Mouros; 100: Barradas; 102: Vale do Boto; 103: Tejo do Praio; 104: Poço da Hortinhola; 105: Monte Canelas; 106: Balsa; 107: Castelo de Altamora.*

Também a decoração plástica, assim como a decoração incisa permanecem em uso, constituindo a pintura a branco, no entanto, a técnica dominante. Encontra-se em todo o tipo de loiça, embora seja mais relevante nas formas fechadas, sendo os motivos simples, normalmente em composições de três ou quatro traços paralelos, dispostos tanto na horizontal como na vertical ou na diagonal, podendo ainda aparecer motivos de carácter vegetalista e geométrico criando, por vezes, composições pseudo-epigráficas (Catarino, Filipe e Santos, 2009: Quadro II).

No que se refere ao reportório formal, conquanto se mantenha a sua reduzida variedade, onde ainda é notório o predomínio das formas fechadas (panelas, púcaros, bilhas e cântaros) sobre as formas abertas (tigelas, pratos, caçoilas e alguidares), estão agora presentes as formas forâneas, de produção claramente islâmica, como sejam, entre outras, as jarrinhas pintadas e as peças vidradas, que se encontram por todo o al-Andalus, incluindo nas "marcas fronteiriças" mais setentrionais, como sejam Zamora, Valladolid e outras cidades e fortificações do Vale do Douro (Zozaya *et alii,* 2012: 217-229).

Embora minoritária nos contextos analisados, a cerâmica vidrada não pode deixar de ser referida, tratando-se claramente de produções de diversas regiões do al-Andalus, tendo-se registado vidrados monocromáticos e bicromados, destacando-se os melados e os melados com traços de manganés, os pratos e tigelas decorados a verde e manganés, bem como fragmentos decorados a corda seca parcial e a corda seca total.

Para o território rural sob o eixo de influência mais directa de Coimbra (1), mantêm-se as mesmas lacunas já referidas, sendo de assinalar, mais uma vez, o predomínio dos sítios fortificados. Assim, no controlo da barra do Mondego, temos Montemor-o-Velho (5) (cerâmica pintada não publicada) e Santa Olaia (4), permanecendo as referências a Conimbriga (2) e ao Paço da Ega (3). Os materiais cerâmicos recolhidos nestes sítios, são constituídos exclusivamente por cerâmica comum, predominando as decorações que utilizam pintura a branco, estando também presentes as caneluras e as aplicações plásticas. Estes conjuntos denotam uma relativa homogeneidade formal e decorativa a nível territorial no âmbito do Baixo Mondego.

Já em territórios intersticiais, para sul, destaca-se o *ḥisn* da Sertã (6), um enclave entre o rio Zêzere e a Isna, onde as escavações permitiram reconhecer um contexto, atribuído aos séculos X/XI, com cerâmica comum, alguma com traços de pintura a branco (Batata, 2000: 435-437). Também no castelo de Leiria (7), as escavações realizadas na Torre de Menagem identificaram fragmentos cerâmicos pintados que podem enquadrar-se neste período (Lopes, 2001: 32-37). Por fim, há ainda a assinalar, na vila de Ansião (8), o achado (não publicado), descontextualizado, de um conjunto de candis, alguns vidrados, que se inserem nos finais do califado ou nos reinos de taifa.

Por outro lado, para norte de Coimbra, *in Territorium Arauca*, são de assinalar as escavações no Castro de Valinhas/Castelo de Arouca (9). Esta pequena fortificação roqueira do século IX torna-se, no século XI, a cabeça de Terra de Arouca e foi abandonada no século XII, em resultado da conquista cristã para sul, tendo sido aí identificadas cerâmicas islâmicas vidradas e formas abertas de filiação islâmica (Silva e Ribeiro, 2006-2007: 75, 80; 2011: 8), que podem ser enquadráveis nos séculos X/XI. Entre os vidrados incluem-se: um colo de pequena bilha (?), de pasta e superfícies beges, ressalto externo e vidrado interno melado esverdeado; um fragmento de tigela (?), com pasta e superfícies rosadas, vidrado interno e motivos indistintos de verde e manganés; uma parede de pasta e superfície bege rosado e vidrado interno

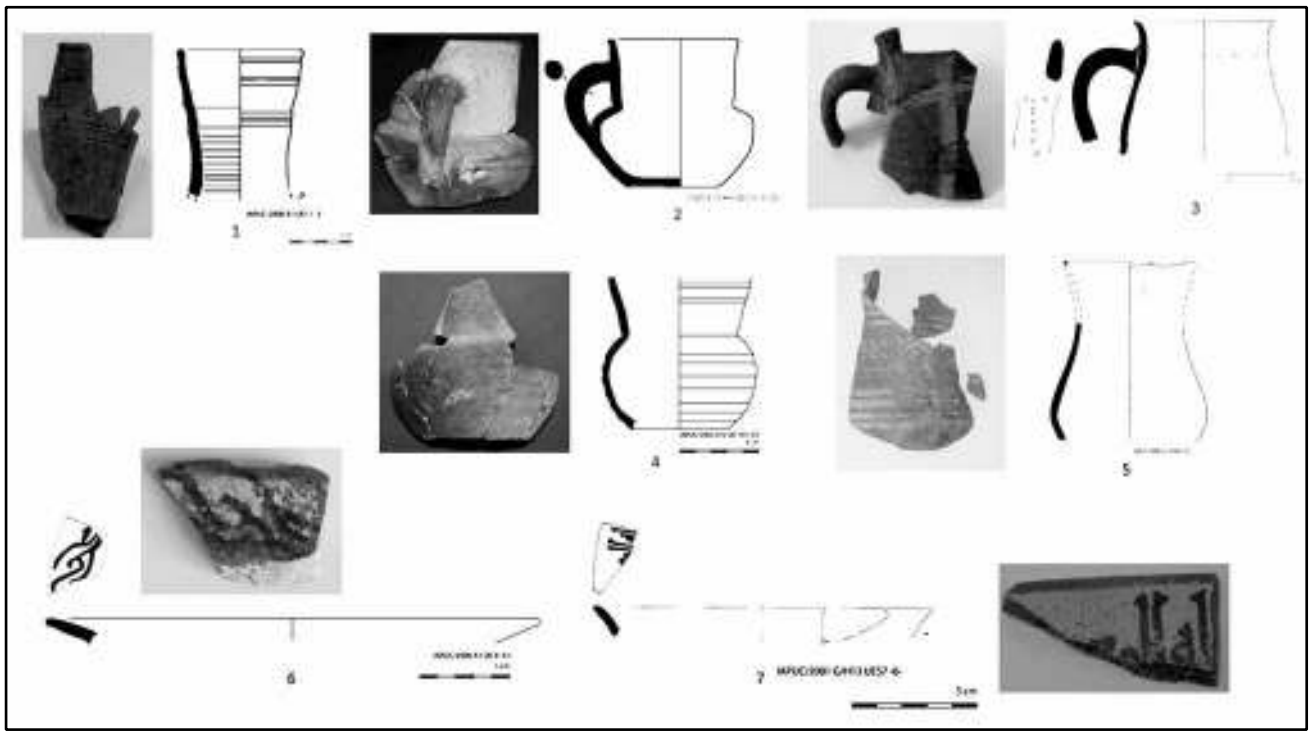

Fig.3 *Cerâmica islâmica no território de Coimbra: Pátio da Universidade de Coimbra (Catarino, Filipe e Santos, 2009) e nº 3 Santa Olaia (Nazaré, 2013).*

melado amarelado. Podemos ainda acrescentar que, para os contextos mais antigos (séculos IX a XI), não dominam as cerâmicas cinzentas, mas sim as pastas e superfícies ocre alaranjadas e avermelhadas, as superfícies alisadas, brunidas e espatuladas, e as decorações incisas, que podem indiciar influências meridionais.

Em síntese, podemos verificar não serem visíveis grandes disparidades entre as cerâmicas comuns não vidradas, onde dominam as pastas e superfícies castanhas, avermelhadas e alaranjadas e as decorações incisas, as caneluras e a pintura a branco, identificadas tanto em Coimbra como nos sítios rurais fortificados. Contudo, apenas em Coimbra e no Castro de Valinhas/Castelo de Arouca temos registos da ocorrência de materiais provenientes de olarias meridionais, seja nos vidrados, sobretudo melados, com ou sem traços a óxido de manganés, e nas decorações em verde e manganés, sendo que apenas na *Madīnat Qulumriyya* (2) se recolheram peças decoradas a corda seca parcial e total e louça dourada. Mas, no conjunto dos sítios em apreço, há ainda que registar a presença de peças onde se conjugam elementos decorativos de cariz islâmico, com elementos decorativos comuns ao "mundo cristão", como é o caso das peças que misturam pintura a branco e incisões (asas puncionadas) e pintura a branco e aplicações plásticas.

Tendo caído definitivamente sob o poder cristão em 1064, a transição do período taifa para o período almorávida (cerca de 1091/1094) corresponderá, em Coimbra ao momento final da influência islâmica, mantendo-se, porém, algumas produções anteriores, entre estas as que apresentam decoração mista, mas já com menor intensidade. No momento coincidente com a conquista cristã são ainda introduzidas algumas inovações, como sejam as formas abertas carenadas, ou os cântaros de bordo moldurado e pintura a branco, que se aproximam de produções almorávidas atribuídas a Lisboa (16). Também desta cidade, ou de Santarém (10), onde foi identificado um fragmento em tudo semelhante a outro recolhido no Pátio da Universidade de Coimbra (Catarino, Filipe e Santos, 2009: fig. 18, n.º 3), poderão ser provenientes peças de corda seca, denotando a vigência de redes de intercâmbio que se manteriam entre estas cidades.

3. A KŪRA DE SANTARÉM

Na sequência de processos históricos que remontam às ocupações sidérica e romana, a sede do antigo *Conventus Scalabitanus* torna-se, em época visigótica, na importante praça-forte de Santarém, cujo papel estratégico na defesa do Tejo se manteve durante o período islâmico. Conquistada por pacto de capitulação, desde cedo que a *Madīnat Shantarīn* (10) se afirmou como cidade-província, com mercados, banhos e mesquita aljama, e o seu alfoz, banhado pelo Tejo, compreendia "mais de mil alcarias" (Description, 1983: 58; fol. 43). Nos inícios do califado, a cidade viu reiterada a sua vocação como centro polarizador de um âmbito geográfico alargado, constituindo-se, com '*Abd al-Raḥmān* III, numa *kūra* com governadores nomeados directamente por Córdova. No entanto, este estatuto não se tem evidenciado com clareza nos contextos arqueológicos até agora identificados na cidade.

De facto, muito embora os vestígios cronologicamente enquadráveis em período islâmico tenham despertado um interesse relativamente precoce no contexto português, os contributos de Santarém para a temática ceramológica estão

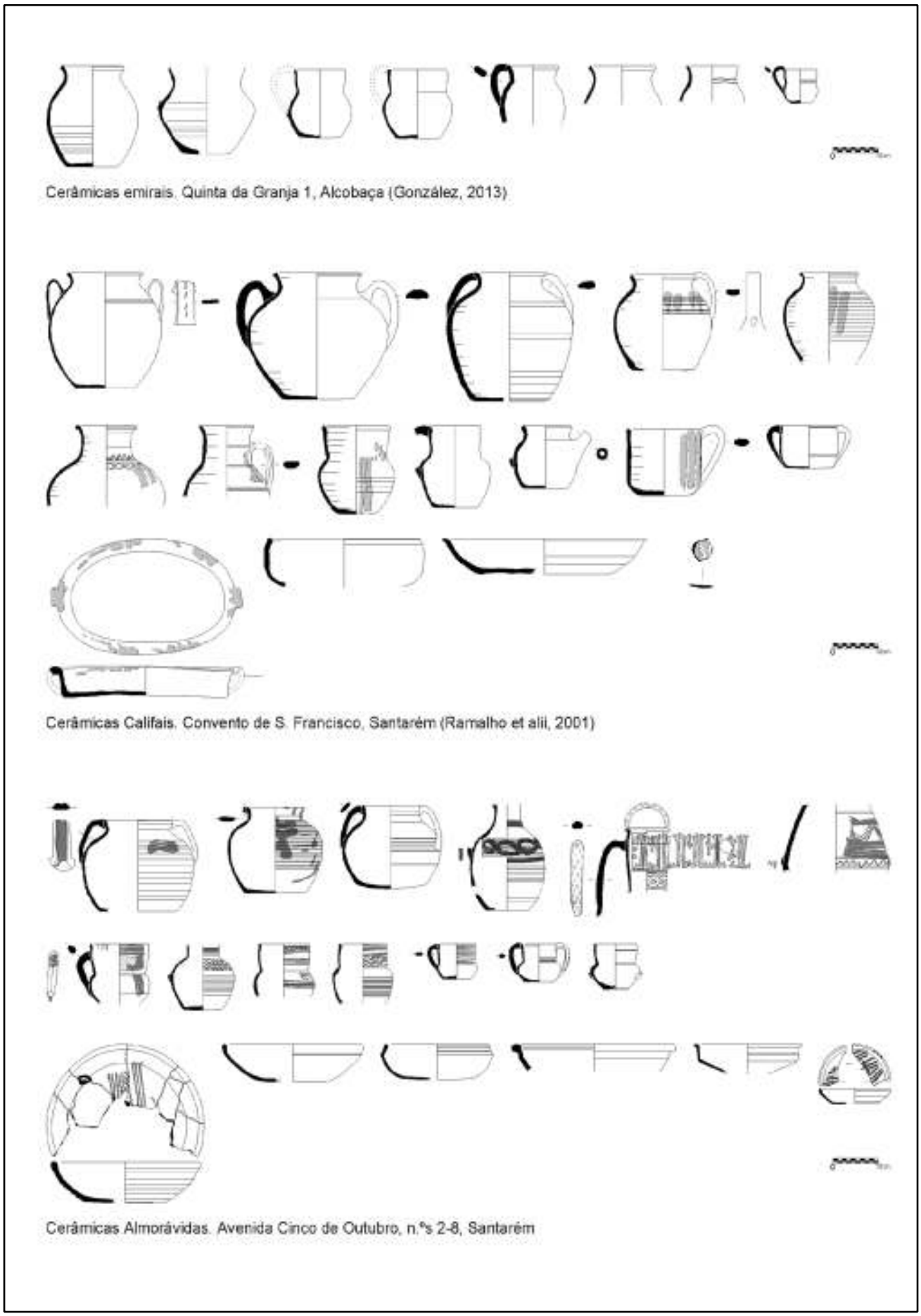

Fig.4 *Cerâmicas islâmicas da kūra de Santarém*

constrangidos por duas fragilidades estruturais. A primeira relaciona-se com a periodização, sendo evidentes as lacunas de informação para as cronologias mais recuadas. De momento, não se encontra publicado qualquer contexto ou amostra material de período emiral proveniente do seu aro urbano, sendo que apenas um arqueossítio ofereceu cerâmicas verosimilmente califais. Em síntese, os dados disponíveis concentram-se quase exclusivamente nos momentos finais do domínio islâmico, ou seja na época dos reinos taifa e no período almorávida, que antecede a conquista definitiva da cidade, em 1147.

Outra dificuldade por ora incontornável reside na raridade de ambientes rurais taxativamente integráveis no "*hinterland* cultural" de Santarém, com estratigrafias e/ou amostras materiais indiscutivelmente enquadráveis no período islâmico. Aliás, as conjunturas políticas que foram perpassando o extremo ocidental da Península entre os séculos VIII e XII, condicionaram a intensidade da presença muçulmana no espaço entre Mondego e Tejo, estabelecendo Santarém como a "fronteira" setentrional da islamização total da cultura material, dificultando desde logo ensaios comparativos com amostras provenientes de povoações e seus territórios que se afirmaram como verdadeiros ecótonos culturais, mesclando tradições mediterrânicas e continentais, de que são exemplo Torres Novas (11) ou Tomar (12). Só a ulterior sistematização crono-tipológica de cerâmicas provenientes do território do antigo *conventus* permitirá uma abordagem mais documentada a esta problemática.

3.1. PERÍODO EMIRAL (ver fig. 1)

Embora a *Madīnat Shantarīn* (10) apareça mencionada nas fontes escritas árabes desde época emiral, mormente no contexto da 1ª *Fitna* do séc. IX, a verdade é que a arqueologia na cidade não tem demonstrado materialidades deste período, à parte um candelabro de bronze, certamente da mesquita aljama documentada no reinado de *al-Hakam* I, que foi encontrado num silo, misturado com cerâmicas mais tardias.

Por agora a amostragem mais consistente foi recolhida no sítio Quinta da Granja 1 (13), Alcobaça. Localizado nas margens da Lagoa da Pederneira, que hoje se encontra totalmente assoreada mas que foi navegável até ao século XII, começa a desenhar-se uma imagem de forte presença humana no seu entorno durante a Alta Idade Média, de que é exemplo a igreja de S. Gião, Nazaré. A cerâmica recuperada remete para uma comunidade tendencialmente auto-suficiente, sendo frequentes as modelações manuais, as cozeduras redutoras e os acabamentos frustes. A escassíssima diversidade formal dos recipientes, com ampla superioridade estatística das formas fechadas, completa o quadro de um universo cultural e tecnológico de cariz rural. Morfologicamente são as jarras e as panelas que aproximam este conjunto de outras associações artefactuais peninsulares enquadráveis em período emiral (González, 2013).

3.2. PERÍODO CALIFAL/TAIFA (ver fig. 2)

Não sendo especialmente abundantes os contextos datáveis do período califal/taifa, os parcos dados disponíveis apontam no mesmo sentido: Santarém (10) estaria então plenamente integrada nos processos de osmose cultural centrados na bacia mediterrânica. No que diz respeito às cerâmicas que circulavam na cidade observam-se sistematicamente caracteres indiscutivelmente meridionais, quer nos aspetos formais quer no que à decoração diz respeito. Assim, assinalam-se jarras de colo alto, jarros de bico comprido, bilhas e candis, estando também amplamente vulgarizadas as formas abertas, sendo que o recurso a torno rápido e a cozeduras de tipo oxidante é absolutamente dominante. No entanto, são detectáveis alguns traços de arcaísmo - entendido aqui como resquícios de uma tecnologia de produção menos complexa, característica de regiões onde a presença islâmica foi mais ténue - nomeadamente na pouca diversidade de perfis identificados até ao momento para cada morfologia, sendo as panelas o exemplo paradigmático. Os mesmos estarão eventualmente presentes na associação de decoração incisa com traços a branco ou na ocorrência, aliás isolada, de puncionamentos na asa de uma panela (Ramalho *et alii*, 2001), bem como nos acabamentos superficiais algo grosseiros, mas também neste âmbito as opções decorativas caracterizantes da islamização cultural são dominantes e a opção pela pintura a branco encontra-se amplamente enraizada.

A integração nos circuitos comerciais supra-regionais é-nos demonstrada pela presença, ainda que percentualmente pouco representativa, de cerâmicas de produção exógena como o verde e manganés ou recipientes de pastas claras com pintura a vermelho. No entanto, a sociedade local não parece limitar-se a receber estas importações e apresenta uma dinâmica de adaptação tecnológica que se reflecte na reprodução de alguns itens de consumo restrito. Assim, surgem em alguns contextos - ainda não estudados sistematicamente - cerâmicas pintadas a vermelho ou decoradas a verde e manganés sobre pastas em tudo semelhantes às da cerâmica comum que circulava na cidade, remetendo com elevada probabilidade para produções locais que, a comprovarem-se, sublinharão a dinâmica urbana em período taifa e que corresponderia certamente a um forte ascendente cultural sobre o seu *hinterland*.

Embora os dados disponíveis de momento para testar esta hipótese não sejam especialmente abundantes, permitem conjecturar que este ascendente assumia intensidades muito diferenciadas decorrentes da posição geográfica dos assentamentos de cariz rural. Assim, nas margens do Tejo, os materiais recolhidos na Horta da Casa Cadaval (14) assumem semelhanças formais evidentes com os identificados na cidade, estando ainda bem representadas produções "citadinas" como corda seca total ou decorada a verde e manganés (Lopes, 2008). Já a porção setentrional do território polarizado por Santarém coincidia com a Marca Inferior, sendo expectável que a instabilidade político-militar se tenha reflectido também nos processos de integração cultural, dificultando a afirmação de tradições cerâmicas inequivocamente definíveis como meridionais ou setentrionais.

Proveniente de Torres Novas (11) encontra-se publicado um lote de cerâmicas apresentadas como coevas destas cronologias (Lourenço, 2002) sendo que, com excepção da

ocorrência residual de pintura a branco, não são observáveis outros pontos de contacto evidente com as produções escalabitanas, remetendo mesmo para um universo cultural e tecnológico diverso, o que é demonstrável em aspectos como o recurso sistemático às cozeduras redutoras, a prevalência absoluta de bordos triangulares ou a restrita diversidade formal. Estas hesitações estendem-se ao conjunto, aliás muito perturbado por acções pós-deposicionais, recuperado na gruta do Caldeirão (15), Tomar, enquadrado entre os séculos XI e XIII (Silva, 1997).

3.3. PERÍODO ALMORÁVIDA (ver fig. 4)

No período almorávida, destaca-se desde logo que o universo cerâmico se caracteriza por uma grande diversidade formal a que escapam apenas as panelas, o que aliás não surpreende: sendo o recipiente mais comum, com uma longa tradição de utilização, a sua morfologia seria mais estanque a inovações e à integração de novas variantes. Mas essa multiplicidade morfológica não colide com outro aspecto: o reportório

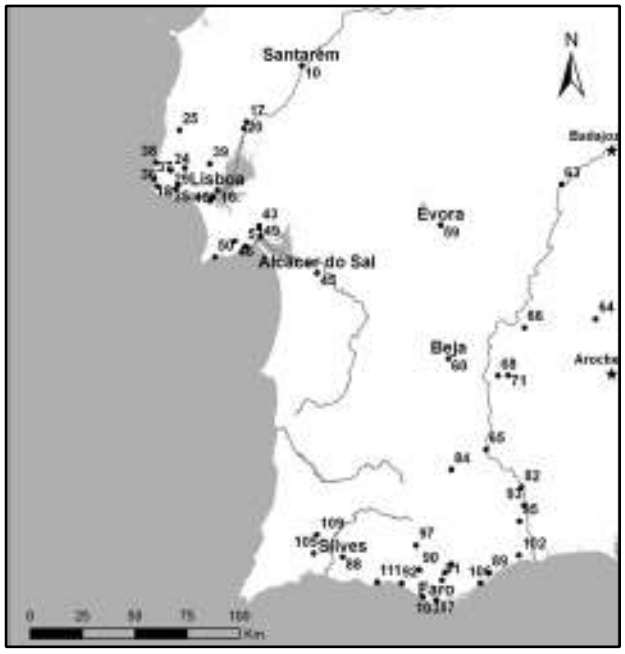

Fig.5 *Período almorávida. 10: Santarém; 16: Lisboa; 17: Castanheira do Ribatejo; 18: Caparide; 20: Alto do Senhor da Boa Morte (Povos); 24: Sintra; 25: Vale Casal Mourão; 29: Telhal; 35: Casal do Clérigo; 36: Casais Velhos; 37: Espigão das Ruivas; 38: Alto da Vigia; 39: Casal do Mortal; 40: Almada; 41: Quinta dos Castros; 43: Palmela; 45: Alcácer do Sal; 46: Coina-a-Velha; 49: Setúbal; 50: Lapa do Fumo; 57: Creiro; 59: Évora; 60: Beja; 63: Juromenha; 64: Noudar; 65: Mértola; 66: Moura; 68: Serpa; 71: Cidade das Rosas; 82: Castelo Velho de Alcoutim; 84: Alcaria Longa; 87: Faro; 88: Silves; 89: Tavira; 90: Loulé; 91: Milreu; 92: Cerro da Vila; 93: Montinho das Laranjeiras; 95: Odeleite; 97: Castelo de Salir; 102: Vale do Boto; 103: Tejo do Praio; 105: Monte Canelas; 106: Balsa; 108: Cerro da Mesquita 1; 109: Castelo da Nave; 110: Vale do Joio; 111: Albufeira.*

cerâmico em circulação estaria muito padronizado, o que revela uma elevada especialização na sua produção, demonstrando uma divisão do trabalho típica de uma sociedade urbanizada. É certo que existem muitas variantes, especialmente no que toca às tigelas, escudelas e jarros/jarras, mas as diferentes cambiantes formais são frequentemente identificadas em vários pontos da cidade (Viegas e Arruda, 1999; Liberato, 2011).

Os dados disponíveis demonstram que os paralelos morfológicos mais evidentes correspondem a produções de urbes estruturadas em torno da bacia do Tejo, esboçando uma imagem de forte unidade cultural, que sai reforçada pela utilização das mesmas soluções decorativas, nomeadamente no que diz respeito aos motivos e associações da pintura a branco, a técnica mais frequentemente utilizada. No entanto, observam-se também coincidências formais e decorativas com a cultura material de povoações da costa algarvia e as áreas de contactos parecem estender-se à Meseta, bem como às urbes plenamente mediterrânicas da Andaluzia e Múrcia, em especial no que toca às cerâmicas presumivelmente importadas, como as cordas secas e as pintadas a vermelho sobre pastas claras (*Ibidem*, 2011).

Surgem agora totalmente vulgarizados os revestimentos vidrados que, embora em percentagens diversas, marcam presença na maioria dos contextos conhecidos e com soluções decorativas ausentes anteriormente, como a pintura a negro, indicadores que parecem demonstrar uma crescente integração nos circuitos comerciais e culturais que perpassavam a Península. A culminar esta tendência destaca-se a produção local de cerâmicas decoradas em corda seca total, cujos aspectos morfológicos se aproximam de protótipos amplamente divulgados na costa mediterrânica, nomeadamente na zona de Almeria (ver Fernandes *et alii,* nestas mesmas actas). Infelizmente não existem conjuntos artefactuais passíveis de comparação, pelo que não é possível comprovar se esta dinâmica assinalada em período almorávida se repercutia nos ambientes rurais.

4. A KŪRA DE LISBOA

A Península de Lisboa foi, desde a Pré e Proto-História, um território com intensa ocupação, constituindo um espaço privilegiado para a fixação humana, devido à conjugação favorável de condicionantes geográficas, climatéricas e topográficas. A proximidade do mar e, principalmente, o ambiente estuarino do Tejo, que proporcionavam um leque amplo e variado de matérias-primas e recursos, representaram uma mais-valia para a permanência das ocupações e a densidade do povoamento, que se afirma com especial ênfase na época romana. Do mesmo modo, também na época visigótica, a Diocese *Olissiponensis* manteve um papel charneira de controlo militar, de domínio religioso-cultural e de preponderância económica que se estendia por amplo território.

Conquistada por pacto de capitulação, os cerca de quatro séculos de domínio islâmico na *Madīnat Ushbūna* (16) (entre as fases emiral e almorávida) reforçaram as funções estruturantes da cidade, ao nível económico e político-

administativo, instituindo-se desde época emiral como cidade-província, elevada na época califal a sede de uma *kūra*, que abrangia as duas margens do Tejo, incluindo o Monte dos Banu Benamocer (Serra da Arrábida). A centralidade de Lisboa (16), o seu papel relevante de baluarte na defesa do Tejo, coadjuvado pelas cidades-fortificações (*mudun/ḥuṣūn*) de Sintra (24) e de Almada (40), respectivamente a norte e a sul do estuário do grande rio, marcam uma forte presença islâmica no território destes centros urbanos. Contudo, apesar das referências documentais, a identificação estratigráfica dos vestígios materiais ainda peca por hiatos cronológicos, sobretudo para a época emiral, sendo mais consistentes os registos arqueológicos a partir do califado e dos reinos de taifas.

Relativamente às condicionantes e características da informação disponível, deve referir-se que a cidade de Lisboa tem registado uma intensíssima actividade arqueológica (nos últimos anos, cerca de 150 intervenções anuais - Araújo *et alii*, 2013). Contudo, apenas uma parte destas intervenções incide sobre o perímetro da cidade medieval. O processo subsequente de investigação não revela uma estratégia articulada, nem tão pouco de sistematização da informação arqueológica da cidade, o que dificulta a abordagem de investigação transversal ao território urbano.

A publicação científica é, por um lado, muito escassa e desigual, existindo numerosas intervenções completamente inéditas; por outro lado, a natureza das publicações é normalmente genérica, raramente incidindo sobre contextos histórico-cronológicos específicos e, menos ainda, sobre conjuntos artefactuais. A abordagem bibliográfica aos conjuntos cerâmicos islâmicos sofre das mesmas limitações. São escassos os conjuntos sujeitos a estudo monográfico e especializado. Na maior parte dos casos, há referências genéricas à presença de cerâmicas islâmicas, nem sempre ilustradas, às quais não estão associadas normalmente descrições de pormenor (relativamente ao tipo de fabricos, por exemplo), nem atribuição cronológica mais fina. Analisam-se apenas as presenças/ausências referenciadas, a sua distribuição geográfica e a maior ou menor frequência de ocorrência. Não é portanto possível qualquer análise de carácter estatístico. Concluindo, no que respeita à informação publicada, registam-se fragmentação e intermitência na informação arqueológica de base, o que dificulta abordagens de conjunto e de síntese.

Relativamente aos dados já disponíveis, verifica-se em Lisboa, como já foi referido, um ainda inexplicável hiato de contextos arqueológicos conhecidos, entre o século VII e o século IX, sendo que os contextos e materiais atribuídos aos séculos VI e X são muito escassos. Sabe-se, por informação histórica e pelo conhecimento da dinâmica diacrónica urbana, que a cidade não registou qualquer abandono na sua ocupação e vivência, pelo que esta ausência se poderá explicar pela incipiência do conhecimento da cultura material local e/ou pela consequente classificação cronológica parcialmente errónea de algum espólio, nomeadamente cerâmico. Estes aspectos poderão ser decisivos para a compreensão das fases em que os contactos da cidade com o exterior eram mais reduzidos e em que, consequentemente, as cerâmicas de fabrico local e consumo quotidiano (com características técnicas e morfológicas de longa duração) eram quase exclusivas. Outro aspecto a ter em consideração é o extraordinário crescimento urbano da cidade no final do século X/início do século XI, já sobejamente documentado. Este fenómeno poderá ter produzido uma pressão especialmente destrutiva sobre os contextos estratigráficos/estruturais datados do período imediatamente anterior.

As questões referidas para a cidade de Lisboa relevam-se também no que à ocupação rural de época emiral e califal diz respeito, uma vez que os escassos pontos de ocupação conhecidos se referem a sítios arqueológicos com continuidade de ocupação do período romano e tardo-antigo, à excepção do pequeno povoado fortificado do Alto do Senhor da Boa Morte (20), Castanheira do Ribatejo (17) (ambos em Vila Franca de Xira), Caparide (18) e Freiria (19), em Cascais. Em relação à ocupação rural, salienta-se que a península de Lisboa será eventualmente o território mais antropizado e urbanizado do antigo Gharb al-Andalus, característica que dificulta o conhecimento do território antigo.

Contudo, dificilmente se poderá defender que neste facto resida a explicação para a escassez de conhecimento da ocupação nas fases emiral e califal, se atendermos que tal aparentemente não se aplica aos períodos imediatamente anteriores e posteriores. Ou seja, a explicação mais plausível para esta lacuna poderá relacionar-se com a eventual dificuldade de reconhecimento e atribuição cronológica correcta para as cerâmicas tardo-antigas/alto-medievais. Não é contudo de excluir desta análise a possibilidade de se ter verificado, neste território e nestas fases, uma real contracção demográfica ou de povoamento, bem como uma retracção urbana na cidade de Lisboa. Não se trata, porém, de um aspecto suficientemente ponderado na investigação histórica e arqueológica.

4.1. PERÍODO EMIRAL (ver fig. 1)

A norte do Tejo, no período emiral, conhece-se apenas a ocupação rural, uma vez que em Lisboa (16) são muito ténues os vestígios claramente relacionados com esta cronologia e em Sintra foram identificados vestígios emirais igualmente escassos, eventualmente relacionados com o momento fundacional da cidade. Assim sendo, no que respeita à análise das relações entre Lisboa e o seu território através da cerâmica, dispõe-se essencialmente de dados para as fases califal/taifa (principalmente taifa) e almorávida. Todavia, para estes dois períodos, constata-se que estamos perante um território particularmente interessante devido à abundância de informação disponível..

Assim, de entre as ocupações rurais da fase emiral, são reconhecidas as cerâmicas provenientes das escavações de Castanheira do Ribatejo (17) (Batalha, 2009), São Miguel de Odrinhas (21) (Coelho, 2010), Caparide (18) (Rodrigues, 2005), Freiria (19) (Bugalhão e Fernandes, 2012), Miroiços (22) (Cardoso, Miranda e Teixeira, 2009) e Alto do Cidreira (23) (Cardoso, 1991) (sítios com persistência de ocupação romana/tardo-antiga) e no pequeno povoado fortificado

do Alto do Senhor da Boa Morte (20) (Banha, 1998). Relativamente aos conjuntos cerâmicos, marcam presença essencialmente fabricos locais, nomeadamente a cerâmica manual, a cerâmica comum, a cerâmica pintada a branco, a cerâmica com decoração incisa e a cerâmica com aplicações plásticas. Quanto ao reportório formal, o conjunto desta época estudado mais sistematicamente, procedente de Caparide, forneceu dez formas funcionais diferentes (taças, jarros, jarras, alguidares, panelas, cântaros, talhas, tampas, ânfora, brinquedo), sendo os restantes espólios menos diversificados. Verifica-se a influência dos modelos tardo-antigos e não parece haver uma maior variedade formal nos sítios fortificados do que nos rurais não fortificados.

No que se relaciona com os contextos urbanos, desconhecemos as cerâmicas do principal centro urbano do território, Lisboa, à excepção de um fragmento de cerâmica vidrada em melado no interior e castanho-chocolate no exterior, sobre motivos incisos no exterior, de tipo "Pechina" (inédito, proveniente do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros). Em Sintra (24), a identificação, para já residual, de cerâmica emiral (cerâmica comum, com aplicações plásticas e pintura vermelha) não permite a sua comparação com os conjuntos rurais coevos.

4.2. PERÍODO CALIFAL/TAIFAS (ver fig. 2)

O povoamento de época califal/taifa está representado, a norte do Tejo, por duas cidades, Lisboa (16) e Sintra (24), com significativos contextos de ocupação intervencionados e estudados. A nível rural, regista-se uma densa rede de aglomerados rurais que se estendem pelos actuais concelhos de Torres Vedras; de Vila Franca de Xira, Alto do Senhor da Boa Morte (20) (Banha, 1998) e Castanheira do Ribatejo (17) (Batalha, 2009); Mafra, Vale de Casal Mourão (25) (Sousa *et alii*, 2009); Sintra, Granja dos Serrões (26), Santo André de Almoçageme (27) (Bugalhão e Fernandes, 2012), São Miguel de Odrinhas (21) (Coelho, 2010), Colares (28) (Caetano, 2000; Coelho, 2002) e Telhal (29) (Bugalhão e Fernandes, 2012); Cascais (30) (Cardoso e Rodrigues, 1991), Freiria (19) (Bugalhão e Fernandes, 2012), Alcabideche (31) (Cardoso, Miranda e Teixeira, 2009), Alto do Cidreira (23) (Cardoso, 1991; Neto *et alii*, 2007), Vilares (32) (Cardoso *et alii*, *2000*; Nieuwendam e Santos, 2008), Zabrizes (33) (Cardoso *et alii*, 2000); e Oeiras (34) (Fernandes, Cardoso e André, 2009). Estão ainda referenciados os sítios de Casal do Clérigo (35) (Encarnação e Cardoso, 1996), Casais Velhos (36) (Cardoso, 1991), Espigão das Ruivas (37) (Cardoso e Encarnação, 1993) (Cascais), Alto da Vigia (Gonçalves, 2013) (38), (Sintra) e Casal do Mortal (39) (Neves *et alii*, 2009) (Loures), com ocupações ainda cronologicamente imprecisas, mas cuja fundação poderá remontar a esta fase.

Na cidade de Lisboa, foram identificados alguns contextos claramente califais que forneceram cerâmica comum (por vezes de torno lento), cerâmicas pintadas a branco e vermelho (importadas) e vidrados com uma grande diversidade de óxidos (branco, amarelo, melado claro, melado esverdeado, verde), bem como vidrado parcial irregular (normalmente castanho). Nesta fase a variedade formal conhecida na cidade é ainda reduzida (panelas, jarrinhas, jarros, taças, copos e candis) (Bugalhão, Gomes e Sousa, 2007).

Na fase taifa, o número de contextos identificados e estudados aumenta e com eles a diversidade dos conjuntos cerâmicos. Marcam presença a cerâmica comum e pintada a branco, a pintada a vermelho (de fabrico local e importação), a cerâmica vidrada monocroma em várias tonalidades, destacando-se a melada por vezes com manganés, a corda seca parcial (de fabrico local e importação), a cerâmica com vidrado parcial, o verde e manganés importado e raros exemplares de cerâmica com aplicações plásticas, incisa e manual. Os reportórios formais/funcionais de produção e de consumo são muito abundantes e diversificados, com destaque para a loiça de mesa. Registam-se cerca de 18 formas: alguidares, bilhas, caçoilas, candis, cântaros, copos, forma de pão, garrafas, jarrinhas, jarros, panelas, potes, púcaros, taças, talhas, tampas e tigelas (Bugalhão e Fernandes, 2012).

No período califal/taifa, em Sintra, documenta-se a presença de cerâmica comum, pintada a branco e pintada a vermelho, cerâmica vidrada melada, corda seca parcial e total, verde e manganés, com aplicações plásticas e com decoração incisa. Ao nível formal e funcional registam-se oito formas (alguidares, cântaros, jarrinhas, panelas, potes, taças, tampas e tigelas) (Coelho, 2000, 2002 e 2012).

Relativamente às cerâmicas recolhidas nos sítios rurais com ocupação califal/taifa, para além das diferenças relativas aos diversos estados de conservação, intervenção e investigação, depreende-se que a realidade fosse razoavelmente heterogénea (tipologia, dimensão, estatuto sócio-económico dos habitantes, proximidade relativamente às cidades, etc.). Apesar do número elevado de sítios referenciados, apenas se conhecem com algum detalhe os conjuntos cerâmicos desta época recolhidos em Vale Casal Mourão (Sousa *et alii*, 2009), Castanheira do Ribatejo (Batalha, 2009) e Alto do Senhor da Boa Morte (Banha, 1998). Contudo, pode referir-se a presença frequente de cerâmica comum, pintada a branco e pintada a vermelho e rara de cerâmica com decoração incisa e com aplicações plásticas. Apenas no Alto do Senhor da Boa Morte ocorre cerâmica vidrada e corda seca parcial. O reportório formal e funcional reconhecido nestes sítios rurais integra uma variedade razoável de tipos (15): alguidares, bilhas, caçoilas, candis, cântaros, garrafas, jarrinhas, jarros, panelas, potes, púcaros, taças, talhas, tampas e tigelas.

Nesta fase, identifica-se de forma mais clara a influência das cerâmicas produzidas na cidade de Lisboa sobre os territórios da margem sul do Tejo, nomeadamente, nas cerâmicas de Almada (40) (Antunes e Barros, 2000; Sabrosa e Espírito Santo, 1992), e Quinta dos Castros (Pragal) (41) (Batalha, Pereira e Barros, 2006; Raimundo e Dias, nestas mesmas actas), aspecto que se consolida na fase almorávida. Na Quinta de Castros identificou-se cerâmica vidrada, alguma com traços de manganés, e cerâmica pintada a branco, opção decorativa que surge também em Murfacém (42) e Almada (Rua Henriques Nogueira) (Raimundo e Dias, nestas mesmas actas).

As cerâmicas de consumo restrito produzidas em Lisboa, nomeadamente a corda seca parcial, registam aparentemente

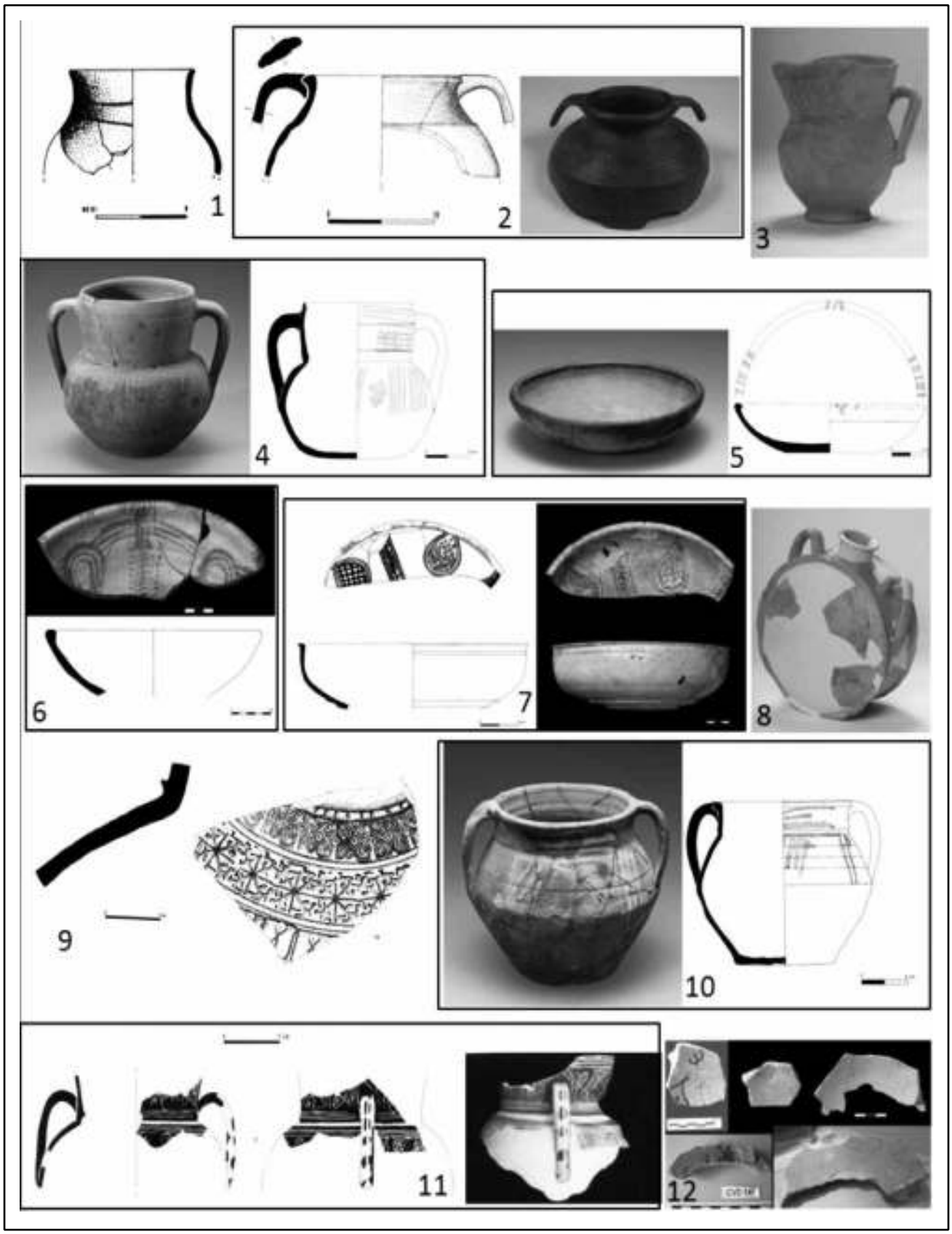

Fig.6 *Cerâmicas de Lisboa. 1: Panela de perfil em S, emiral (Alto da Queimada); 2: panela, califal (Alto da Queimada); 3: jarrinha com pintura a vermelho, califal-taifa (Castelo de Palmela); 4: jarrinha pintada a branco, produção de Lisboa, taifa (NARC); 5: caçoila pintada a branco, produção de Lisboa, taifa (NARC); 6: tigela pintada a vermelho, produção de Lisboa, taifa (NARC); 7: tigela em verde e manganés, importação sevilhana (provável), taifa (NARC); 8: cantil, almóada (Castelo de Palmela); 9: talha com decoração estampillhada, almóada (Alcácer do Sal), in Paixão, Faria e Carvalho, 2001, p. 206; 10: panela pintada a branco, produção de Lisboa, almorávida (NARC); 11: jarrinha com decoração esgrafitada, almóada (Alcácer do Sal), in Carvalho, Faria e Ferreira, 2008, p. 62; 12: tigelas estampilhadas sob vidrado, melado e melado e manganés, produção de Lisboa, taifa-almorávida (FRESS, Gomes e Sequeira, 2001, p. 107; NARC; Banco de Portugal, cortesia de Artur Rocha; Casa dos Bicos).*

um horizonte de distribuição mais alargado, atingindo aglomerados urbanos como Palmela (43) e Sintra, bem como cidades de distintos territórios administrativos como Coimbra (1) e Santarém (10).

Comparativamente pode referir-se que os conjuntos rurais denunciam uma menor diversidade formal/funcional, mas principalmente, de fabricos e técnicas. Ao nível das analogias mais evidentes refira-se a semelhança formal nos tipos mais frequentes, como as panelas, jarrinhas e cântaros. A distribuição de cerâmicas de consumo mais restrito, como a pintada a vermelho, o verde e manganés, a corda seca parcial produzida em Lisboa, possivelmente a partir dos núcleos urbanos, verifica-se pela presença pontual destes fabricos nos sítios rurais.

4.3. PERÍODO ALMORÁVIDA (ver fig. 4)

A região de Lisboa é especialmente ilustrativa das expressões materiais da primeira metade do século XII, pois foi neste período, em 1147, que a *Madīnat Ushbūna* (16) foi definitivamente tomada pelos cristãos, abundando os contextos estratigráficos de abandono, bem datados, contemporâneos da conquista da cidade. Quer Lisboa, quer Sintra (24) registam contextos relevantes deste período (Bugalhão e Fernandes, 2012). Relativamente aos núcleos rurais, verifica-se nesta fase uma redução considerável das ocupações, que ocorrem apenas em Caparide (18) (Rodrigues e Cabral, 1990; Cardoso, 1991; Neto *et alii*, 2008), Frielas (44) (Silva e Barbosa, 2003; Silva, 2004) e Vale Casal Mourão (25) (Sousa *et alii*, 2009). Também o Alto do Senhor da Boa Morte (20) (Banha, 1998) e Castanheira do Ribatejo (17) (Batalha, 2009) persistem, embora aparentemente em decadência. Destes sítios conhecem-se com mais detalhe as produções cerâmicas. Pelo contrário, como já foi referido, não é possível para já atribuir cronologias precisas aos sítios do Alto da Vigia (38), Telhal (29), Casal do Mortal (39), Espigão das Ruivas (37), Casal do Clérigo (35) e Casais Velhos (35).

Os conjuntos cerâmicos de Lisboa atribuídos à época almorávida registam um aumento de diversidade, quer ao nível formal/funcional, quer ao nível das técnicas e fabricos. Regista-se cerâmica comum, cerâmica pintada a branco, pintada a vermelho (importada e produção local) e pintada a negro (importada e produção local); cerâmica vidrada monocroma (meladas, esverdeadas e verde), bícroma (branco e verde, melada e verde, melado e manganés), vidradas parcialmente, cerâmica estampilhada vidrada a melado e estampilhada vidrada a melado e manganés, corda seca total (importada e de produção local), verde e manganés importado, cerâmica com decoração incisa e cerâmica com aplicações plásticas. Identificaram-se na cidade cerca de 21 formas (alcatruzes, alguidares, alguidares, bilhas, caçoilas, candis, cântaros, copos, fogareiros, formas de pão, garrafas, jarrinhas, jarros, lanternas, panelas, potes, púcaros, taças, talhas, tampas e tigelas), com uma diversidade morfológica igualmente considerável (Bugalhão e Fernandes, 2012).

Em Sintra, nesta fase, regista-se uma continuidade em relação à fase taifa a nível formal/funcional, com a presença de cerâmica comum, cerâmica pintada a branco, cerâmica pintada a vermelho, corda seca total e parcial, cerâmica vidrada, nomeadamente estampilhada vidrada e a melado e manganés (Coelho, 2000, 2002 e 2012).

Em Almada (40), para este período, registaram-se fragmentos de cerâmica comum sem decoração (Antunes e Barros, 2000; Sabrosa e Espírito Santo, 1992).

Os contextos rurais integram cerâmica comum, cerâmica pintada a branco e cerâmica com decoração incisa. Com menor frequência ocorrem também cerâmica pintada a vermelho, corda seca parcial, cerâmica estampilhada e cerâmica vidrada, cerâmica vidrada a verde, cerâmica com aplicações plásticas e cerâmica pintada a preto. Quanto ao reportório formal/funcional ocorrem 16 tipos: alguidares, bilhas, caçoilas, candis, cântaros, copos, garrafas, jarrinhas, jarros, panelas, potes, púcaros, taças, talhas, tampas e tigelas. Entre as características morfológicas das formas em presença, verificam-se semelhanças entre as cerâmicas de Lisboa e do seu espaço rural, nas panelas e cântaros em cerâmica comum e pintada a branco, nas tigelas vidradas a melado e manganés, e vidradas estampilhadas. As cerâmicas em corda seca parcial, pintadas a vermelho e a preto e as vidradas registam alguma distribuição no território rural, provavelmente a partir de Lisboa. Os aglomerados rurais da margem sul do Tejo apresentam uma realidade semelhante. Na Quinta de Castros (41) registou-se cerâmica estampilhada (Batalha, Pereira e Barros, 2006; Raimundo e Dias, nestas mesmas actas) e, em Almada, cerâmica vidrada e verde e manganés.

Nesta fase deve salientar-se a existência de produções cerâmicas em Lisboa destinadas exclusivamente ao consumo urbano, onde provavelmente se encontravam as elites. É o caso da produção de corda seca total que se encontra nos contextos da própria cidade, em Palmela (43) e, à semelhança do que se constatou para a fase anterior, em cidades de distintos territórios administrativos como Coimbra (1), Santarém (10) e Évora (59).

5. A KŪRA DE ALCÁCER E O ESTUÁRIO DO SADO

No que diz respeito à península de Setúbal (embora a Serra da Arrábida tenha feito parte da *kūra* de Lisboa), optámos por individualizar esta região, do médio vale ao estuário do Sado, na *kūra* de Alcácer (45), já que a *Madināt al-Qaṣr Abī Dānis* centralizou um vasto território no período califal e sobretudo a partir da época dos reinos taifas.

O território da península de Setúbal, entre a margem esquerda do Tejo, a Serra da Arrábida e o estuário do Sado, incluindo o baixo Sado (Alcácer do Sal e região envolvente), oferecia condições muito favoráveis à fixação humana, proporcionadas pelos recursos marinhos e fluviais, pelas características de boa parte dos solos e ainda pelos recursos minerais, de que se destaca o ouro da região de Almada. Uma mancha de floresta, que devia ser notável, cobria parte dos terrenos da margem esquerda do Tejo até Samora Correia e Benavente, favorável à prática da caça e ao aproveitamento da madeira para queima, construção e carpintaria. Estas

riquezas foram chamariz de populações ao longo de milénios, como a intensa ocupação pré-histórica, proto-histórica e romana da região o comprovam. No período islâmico, em meio rural, as actividades predominantes, em acordo com as disponibilidades referidas, seriam a pastorícia, a agricultura, alguma pesca e a exploração de sal. A prática de uma agricultura de regadio adaptava-se particularmente aos vales da pré-Arrábida e Serra de S. Francisco (Vale de Barris, Vale da ribeira de Alcube, entre outros). Na região de Alcácer do Sal, é importante referir a exploração de madeiras obtidas nos bosques, a oriente, e que eram transportadas por via fluvial, desde Porto de Rei, bem como a abundância de minério nas serras próximas.

Os sítios urbanos mais relevantes da região em estudo, no período islâmico, eram Almada (40), Palmela (43) e Alcácer do Sal. A estes devem juntar-se Coina-a-Velha (46) e castelo de Sesimbra (47), pequenos núcleos definidos por *ḥuṣūn*, mas que tiveram igualmente um papel na estruturação do território (Fernandes, 2004).

A cidade romana de *Salacia*, refundada no período emiral pela família berbere dos *Banū Dānis*, expulsos de Coimbra após a presúria de 878, acabou por tornar-se, com o califado, uma urbe em crescimento contínuo, um dinâmico porto e estaleiro naval. A este progresso económico e ao relevo político-administrativo em período califal não é alheio o entendimento dos *Banū Dānis* com o poder cordovês, de que se tornam legítimos representantes nesta região, repartindo na família o governo de *ḥuṣūn* e territórios rurais adjacentes.

Alcácer do Sal, desde finais do séc. IX, período de instalação da família berbere dos Ban*ū Dānis*, assume particular relevância político-administrativa, sobretudo no período de centralização do poder pelos califas de Córdova. Durante o Califado, e como sublinhámos, a região da Arrábida, Palmela incluída, deveria encontrar-se na dependência política e económica de *Qaṣr Abī Dānis*, situação que se terá prolongado durante as primeiras taifas, sob o domínio dos Aftássidas de Badajoz. Contudo, a partir do séc. XI, quando a vitalidade comercial de Lisboa (16) se começa a fazer sentir, tudo indica que Palmela passou a estabelecer ligações mais fortes com a urbe do Tejo, tanto na vertente comercial como de influência administrativa, o que se acentua com a conquista cristã (Picard e Fernandes, 1999; Fernandes, 2004 e 2009).

Para além dos sítios urbanos, a ocupação islâmica está registada ao longo dos vales e planaltos da pré-Arrábida, em praias e grutas da costa da Arrábida, até Sesimbra e Cabo Espichel, salientando-se a alcaria do Alto da Queimada (48) como o único arqueossítio rural arqueologicamente intervencionado na região. Os vestígios materiais indicadores dessa ocupação medieval islâmica têm-se situado entre os séculos VIII e o início do séc. XIII. Note-se que, a partir da conquista de Lisboa (1147), se desenha na região um quadro de instabilidade definido pelos avanços e recuos das hostes portuguesas, com períodos alternados de ocupação muçulmana e cristã. No caso de Palmela (*Balmalla*), a última presença islâmica, almóada, ocorreu entre 1191 e 1194. Alcácer do Sal, então *Qaṣr al-Fath*, tornou-se um importante centro militar almóada, que resistiu até 1217.

A actividade arqueológica incidente em sítios com ocupação islâmica, na região de Setúbal/Sado, conheceu nas últimas décadas desenvolvimentos determinantes para o seu conhecimento, mas está longe de permitir uma precisa visão de conjunto. Registaram-se intervenções arqueológicas de continuidade em Palmela e no Alto da Queimada, intervenções preventivas, em contexto de obra mas com extensão e duração significativas, em Alcácer do Sal e intervenções em Almada e Setúbal (49), quase sempre dirigidas para contextos arqueológicos de outros períodos cronológicos mas que forneceram alguns dados para o islâmico. A actividade prospectora tem sido lenta, escassa e com resultados limitados, tanto por condicionantes de investimento financeiro como por dificuldades de exploração do terreno, em boa parte com coberto vegetal rasteiro e cerrado.

Em termos de publicação científica existem estudos e divulgação para Palmela, Alto da Queimada (Fernandes, 2004, 2009 e 2012), Alcácer do Sal (Paixão, Faria e Carvalho, 1994 e 2002; Carvalho, Faria e Ferreira, 2004) e alguns artigos para a região de Sesimbra. Dos restantes sítios conhecem-se referências pontuais em cartas arqueológicas ou em estudos cujo objectivo principal não é a ocupação islâmica. Essas referências, para além de raras, sofrem por vezes de falta de rigor na atribuição cronológica.

No que se refere a publicações de cerâmicas islâmicas de proveniência arqueológica, elas existem para Palmela, Alto da Queimada, Alcácer do Sal, algumas cerâmicas da Lapa do Fumo (50) (Sesimbra) e do castelo de Sesimbra, bem como algumas referências para a mesma região de Sesimbra na Carta Arqueológica publicada em 2009. Para além disso, ocorrem alguns estudos marginais ou referências pontuais a peças/fragmentos que se apresentam fotografados ou apenas mencionados, não descritos e frequentemente mal datados (por insuficiência de informação de contexto, por escassez de informação dos fragmentos recolhidos, entre outras razões).

Assim, tal como acontece na região de Lisboa, analisam-se apenas as presenças e ausências referenciadas e a sua distribuição geográfica.

5.1. PERÍODO EMIRAL (ver fig. 1)

Para o período Emiral os principais sítios urbanos são Palmela (43) e Alcácer do Sal (45), sítios com evidência de ocupação romana/tardo-antiga. Os contextos arqueológicos de Palmela, em estratigrafia fiável, forneceram para a fase do emirato cerâmica manual e a torno lento, onde se incluem as panelas de perfil em S, com cozeduras redutoras, pastas muito grosseiras, cerâmica a torno alto, lisa ou com decoração incisa, pintura a branco, pintura a vermelho acastanhado, aplicações plásticas, alguns revestimentos a vidrado melado esverdeado com decoração a verde. No caso de Alcácer, para além destas variantes, está também a pintura a preto. Nas produções não vidradas, que reputamos de locais, as formas

predominantes são as fechadas: panelas, tigelas, jarros, jarrinhas, pucarinhos. Estão referenciadas como emirais algumas cerâmicas do castelo de Sesimbra (46), com e sem pintura a branco e em Setúbal (49).

A alcaria do Alto da Queimada (48), situada na cumeada da Serra do Louro, muito próxima da colina do castelo de Palmela e com perfeita ligação visual, estaria na sua directa dependência administrativa. É um sítio rural com persistência de ocupação tardo-antiga, onde se procedeu a escavação de continuidade, que forneceu os mesmos tipos de cerâmica e de decoração registados no castelo, embora sem cerâmica vidrada. Em termos formais predomina a panela de perfil em S.

Outros sítios rurais da península de Setúbal, como a Quinta de Castros (41), de forte afiliação a Lisboa (Batalha, Pereira e Barros, 2006), a Serra da Azóia (51), a Lapa do Jerónimo (52) e a Gruta do Forte do Cavalo (53) em Sesimbra (Carvalho, 2009), o Moinho da Fonte do Sol (54) (Palmela) evidenciam cerâmica comum a torno, três deles com cerâmica manual e um com pintura a branco.

5.2. PERÍODO CALIFAL/TAIFAS (ver fig. 2)

Para Palmela (43) e Alcácer do Sal (45) identificaram-se alguns fabricos cerâmicos a torno lento mas predominando já os elaborados a torno alto, decorações de pintura a branco, a vermelho, a preto, decorações incisas, com aplicações plásticas, vidradas e ainda a verde e manganés. Em Palmela registam-se também exemplares decorados a corda seca parcial, a corda seca total, além de vidrados a branco, a branco e manganés, a manganés e melado. Em termos formais prevalecem as panelas, as tigelas, as caçoilas, os jarros, as bilhas, as jarrinhas e pucarinhos.

No castelo de Sesimbra (47), em Setúbal (49) (Soares, 2000) e no castelo de Coina a Velha (46) foram registadas cerâmicas a torno rápido, lisas, pontualmente pintadas a branco.

De novo o Alto da Queimada (48) se impõe como o único sítio rural da região com dados para esta fase, que coincide com o final da ocupação. Aqui estão presentes, para o período califal, as cerâmicas manuais, as cerâmicas a torno rápido, lisas ou brunidas, as decorações incisas. Mais escassos, os revestimentos vidrados e o verde e manganés.

Outros sítios rurais da região da Arrábida - Sado, com registos de cerâmica enquadrada no período califal pelos arqueólogos que a recolheram e estudaram, são os seguintes: Serra da Azóia (51), Lapa do Jerónimo (52), Gruta do Forte do Cavalo (53) e Lapa do Fumo (50), com cerâmica vidrada e cerâmica pintada a branco; Porto da Baleeira (55) (Sesimbra), com cerâmica pintada a branco; Praia dos Coelhos (56) (Arrábida), com cerâmica vidrada; Moinho da Fonte do Sol (54) (Palmela) e Creiro (57) (Setúbal) (Silva e Coelho-Soares, 1987), com cerâmica vidrada; Tróia (58), com cerâmica pintada a vermelho. Todos forneceram também cerâmica a torno, lisa.

A vantagem de se terem intervencionado arqueologicamente dois sítios próximos, pertencentes à mesma realidade paisagística e político-administrativa, um urbano e outro rural, permite-nos algumas comparações, limitadas embora ao período omíada, uma vez que a ocupação do Alto da Queimada não foi além dos inícios do séc. XI. Existem reconhecidas afinidades formais e técnicas entre a loiça de Palmela e a do Alto da Queimada, embora uma mais reduzida frequência de peças decorativamente elaboradas e menor variedade formal. É assumido que existiriam várias alcarias e casais ao longo das cumeadas da pré-Arrábida, na dependência tributária de Palmela e de Coina-a-Velha. Os atributos culturais da população do Alto da Queimada são claramente próximos dos atributos dos habitantes do castelo, no período omíada, ressalvando as diferenças derivadas do poder aquisitivo de um grupo restrito, detentor do poder.

5.3. PERÍODO ALMORÁVIDA (ver fig. 4)

As ocorrências de cerâmica no período almorávida em Palmela (43) são abundantes, mostrando uma maior variedade formal e decorativa. Tanto em Palmela como em Alcácer do Sal (45) há registos, para esta fase, de cerâmica comum lisa, com vários tipos de cozedura, decorações de pintura a branco, a vermelho, vidrada a manganés e melado, verde e manganés e corda seca total. Destaque-se, em Palmela, a prevalência da pintura a branco sobre engobe cinzento, com criativas soluções decorativas geométricas e fitomórficas. Cerâmicas pintadas a preto foram reconhecidas em Palmela e, em Alcácer, são vários os exemplares estampilhados, não só evidenciados no castelo como na área da Igreja do Senhor dos Mártires.

As formas mais comuns são as panelas, tigelas, caçoilas, jarros, as jarrinhas e os pucarinhos, os alguidares.

No castelo de Coina a Velha (46) e em Setúbal (49) registaram-se fragmentos de cerâmica comum sem decoração.

Deste período, os dados para meios rurais são escassos na região. Existem registos de cerâmica comum lisa ou com pintura a branco na Lapa do Fumo (50) (Carvalho e Fernandes, 1996) e no Creiro (57), além de cerâmica vidrada neste último.

5.4. PERÍODO ALMÓADA (ver fig. 7)

O período almóada encontra-se sobretudo representado em *Qaṣr al-Fath*, a Alcácer do Sal (45) que foi sede do potentado destes berberes norte-africanos até 1217. A riqueza decorativa expressa-se sobretudo na decoração estampilhada das talhas e nos esgrafitados mas também em exemplares de louça dourada. Nesta cidade, como em Palmela (43), foram igualmente registadas panelas estriadas, peças vidradas estampilhadas, cantis e anforetas em ônfalo. Mencione-se, para Palmela, um cantil com decoração a almagre.

É evidente, da análise feita para a região do Sado - Arrábida em época almorávida e almóada, que é difícil estabelecer comparações entre a cidade e o campo, devido às fragilidades já enunciadas da investigação em meio rural. As identificações são pontuais e não consubstanciam uma investigação aturada e sistemática, contextualizada.

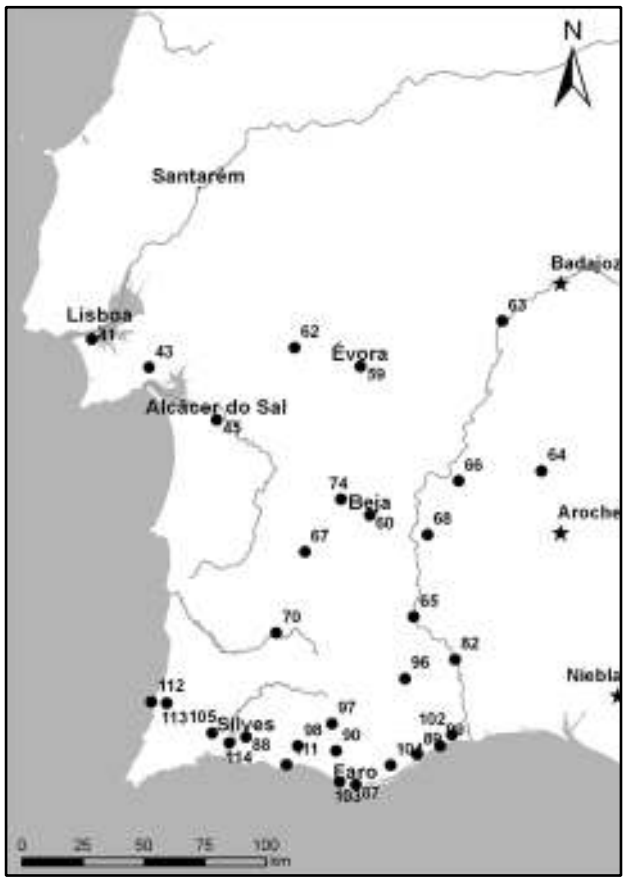

Fig.7 *Período almóada 41: Quinta dos Castros; 43: Palmela; 45: Alcácer do Sal; 59: Évora; 60: Beja; 62: Montemor-o-Novo; 63: Juromenha; 64: Noudar; 65: Mértola; 66: Moura; 67: Aljustrel; 68: Serpa; 70: Castro da Cola; 74: Funchais 6; 82: Castelo Velho de Alcoutim; 87: Faro; 88: Silves; 89: Tavira; 90: Loulé; 96: Aldeia dos Mouros; 97: Castelo de Salir; 98: Castelo de Paderne; 99: Cacela Velha; 102: Vale do Boto; 103: Tejo do Praio; 104: Poço da Hortinhola; 105: Monte Canelas; 111: Albufeira; 112: Ribat da Arrifana; 113: Aljezur; 114: Arge.*

É importante salientar a intensificação do grau de afinidade entre as produções de Palmela e as da região de Lisboa, nos séculos XI e XII, correspondente ao vigor económico da cidade do Tejo.

São sem dúvida os pólos de Palmela e Alcácer que se afirmam, com produções locais de notória pujança, evidenciando práticas criativas da olaria regional, para além do registo de importações que legendam a existência de elites com poder aquisitivo. A importância de Alcácer do Sal no período almóada, onde os dirigentes estabeleceram o seu quartel-general entre c. 1190-91 e 1217, é evidente. O conjunto notável de exemplares estampilhados e esgrafitados, alguns com variantes muito originais ao nível do desenho epigráfico e geométrico, beneficia de boa baliza cronológica e facilita aferições de peças de outras proveniências.

Do meio rural são escassos os registos, devendo no entanto mencionar-se algumas cerâmicas da Quinta de Castros (41), atribuídas a este período.

6. O TERRITÓRIO DE ÉVORA

A cidade de Évora (59) sempre teve uma importância estratégica como centro de um território de grandes recursos e de cruzamento de vias de comunicação. No entanto, as fontes árabes não lhe atribuem o estatuto de capital de um distrito administrativo em épocas califal e taifa. Inicialmente pertenceu à *kūra* de Beja (60), no seguimento das dinâmicas territoriais da Antiguidade Tardia; mas, a partir do século IX, sob o domínio de *Ibn Marwān al-Jilliqi* e de *Sa'dūn al-Surumbāqi,* desloca-se para o eixo Badajoz-Mérida, ficando inserida no âmbito da influência marwanida. Foi a partir da época califal que Évora adquiriu uma maior relevância, em consequência da reconstrução da cidade após o ataque de Ordonho II, que tinha levado os seus notáveis a refugiarem-se em Beja. Porém, no século XI, ficará na órbita da taifa aftássida de Badajoz, da qual será a segunda cidade em importância (Picard, 2000: 143).

Só após a unificação almorávida, será o centro dos domínios de *Sidrāy Ibn Wazīr* (*Ibidem*, 143), que controla este território e o de Beja até à unificação almóada, contestando as pretensões de *Ibn Qasī*. O domínio almóada será efémero e Geraldo sem Pavor conquista-a por volta de 1165.

Apesar destas vicissitudes políticas e administrativas, Évora deteve o estatuto de *madīnat* e sempre foi, em palavras de *Idrīsī*, (1840: 23) o centro de um território de fertilidade singular e etapa indispensável na via de comunicação entre Badajoz e Lisboa (16), o que lhe conferia um valor singular como nó de comunicações, com as consequentes repercussões no âmbito comercial.

No entanto, conhecemos muito mal o seu território, de difícil delimitação, e são muito poucos os estudos arqueológicos dedicados aos contextos rurais da sua área de influência, onde é anormal a escassez de referências, tanto de trabalhos de prospecção como de escavação. Só podemos especular com a continuidade em época emiral de sítios da Antiguidade Tardia, entre os quais poderiam encontrar-se São Manços ou o local da Mesquita e a existência de algum povoamento fortificado do qual poderão ser testemunho os diminutos vestígios encontrados em Montemor-o-Novo (62), no Castelo de Arraiolos ou no Castelo Velho de Terena. Por outro lado, as fortificações de Juromenha (63) e de Elvas sempre tiveram uma maior relação com Badajoz.

Por fim, no que respeita a publicações de estudos sobre cerâmica islâmica, apenas se encontram disponíveis os respeitantes à cidade de Évora, o que impede qualquer tipo de análise comparativa para o conjunto do território.

6.1. PERÍODO EMIRAL (ver fig. 1)

São muito reduzidas as informações sobre a cerâmica deste período, apenas referidas à cidade, onde a continuidade da ocupação do espaço parece segura. Trata-se de cerâmicas de cozinha, especialmente de perfil em "S" com colo marcado, produzidas com torneado lento, púcaros (Teichner, 1998) taças/caçoilas, uma das quais com digitações no bordo, e um alcatruz, conjunto que corresponderá a produções locais ou regionais (Filipe, 2012: 155, 156, 160, 162).

Sobre o território envolvente o conhecimento é escasso, embora trabalhos de carácter preventivo sugiram uma continuidade em época islâmica, por exemplo, no poço romano do Casarão da Mesquita 1 (61), que certamente não

terá sido a única. Não é portanto possível qualquer tipo de análise comparativa.

6.2. PERÍODO CALIFAL/TAIFA (ver fig. 2)

Em época califal/taifa as cerâmicas de Évora (59) reúnem um conjunto muito variado de produções (cerâmicas pintadas a branco, vermelho e preto, vidradas em melado, em melado com motivos em manganés, verde e manganés). Desaparecem as produções de torneado lento e as produções locais convivem com produções exógenas representadas pelas cerâmicas vidradas bicolores, em verde e manganés e em corda seca parcial ou total (*Ibidem*, 165).

Particular importância têm as panelas de ombro fortemente carenado (Teichner, 2006: 335-337; fig. 9-10), muito semelhantes morfologicamente com a *"olla de escotadura"* da Marca Média e com destaque para os paralelos documentados em Mérida já desde época emiral. A presença destes tipos denota uma estreita relação com o território de Mérida-Badajoz confirmando as dinâmicas sociopolíticas documentadas pelas fontes escritas.

Destaca-se o conjunto de cerâmicas califais de verde e manganés, testemunho de um circuito de intercâmbios com a capital Califal, do qual participou também o mármore de Estremoz, que foi utilizado na construção de *Madīnat al-Zahrā*.

No período dos reinos de taifas, a variedade das produções é ainda maior, notando-se uma diversificação técnica invulgar no verde e manganés. Ainda será preciso verificar se corresponde a influências da capital do reino da taifa, Badajoz. No entanto, algumas produções, como por exemplo os candis de corda seca parcial e o verde e manganés ornamentado com bandas ponteadas (Paulo, 2000) parecem ter uma maior relação com o reino abádida de Sevilha.

6.3. PERÍODO ALMORÁVIDA (ver fig. 4)

A estratigrafia da cidade de Évora (59) não tem permitido deslindar claramente as produções deste período; no entanto, parecem enquadrar-se neste momento as tigelas e caçoilas com paralelos em Palmela (43) e Lisboa (16) e alguns exemplares de corda seca total de fundo melado (Teichner, 2006), que poderão corresponder a produções atribuídas a Lisboa por arqueometria.

Também para este período não é possível estabelecer pontos de comparação com o território da cidade, embora algumas peças em corda seca total de Juromenha (63) (Correia e Picard, 1992) e Noudar (64) (Rego, 2003) apresentem semelhanças notáveis.

6.4. PERÍODO ALMÓADA (ver fig. 7)

Apesar do curto tempo em que Évora (59) esteve sob o domínio almóada, algumas produções podem ser atribuídas a este período, nomeadamente alguns tipos de panela, o pequeno alguidar trípode (Teichner, 2006: 344 e 355), as talhas estampilhadas e suas tampas, bem como as formas novas de caçoila e fogareiro (Filipe, 2012).

Sítios fortificados próximos partilham algumas destas produções, nomeadamente, Juromenha (63) (incisão sob vidrado verde; Correia e Picard, 1992) e, com dúvidas, Montemor-o-Novo (62) (talha estampilhada: Pereira, 2012).

A falta de dados não permite determinar que tipo de relacionamento existiria entre Évora e o seu território no âmbito da produção e distribuição cerâmica. No entanto, é possível verificar, até ao século XI, afinidades entre materiais da cidade e do território de Mérida-Badajoz. A partir dos finais do século XI, nota-se uma ligação mais estreita com as produções do sul, de influência sevilhana.

7. A KŪRA DE BEJA

O carácter central de Beja (60) como capital de *conventus* do Sul da Lusitânia manteve-se, adaptando-se às novas condições socio-económicas durante a Antiguidade Tardia. Em época emiral, a sua importância regional é indubitavelmente afirmada com a instalação nessa cidade do *jund* do Egipto em 742, com a afirmação independentista do clã *Yaḥṣubī* entre o 763 e o 773 e do *muwallad Abi l-Jawwād* no século IX. O seu porto de Mértola (65) tinha perdido, já durante o século VII, parte do vigor anterior, mas mantendo o estatuto de cidade, se é que pode ser considerada como tal nesta altura, subordinada à capital da *kūra*. De facto, as fontes sempre lhe atribuíram o estatuto de *ḥisn*.

No século X, a partir da conquista em 929 por *'Abd al-Raḥmān* III, nota-se o decréscimo do papel central de Beja, compensado pelo cada vez mais destacado relevo de Mértola, que atinge o estatuto de capital da taifa independente de *Ibn Ṭayfūr* enquanto Beja oscila primeiro entre o domínio de Badajoz e depois de Sevilha. Durante o século XII a importância política de Mértola não diminuiu, o que levou a que se tornasse capital do sufi independentista *Ibn Qasī*.

A aproximação da fronteira com o reino de Portugal levou ao acréscimo do papel estratégico de Mértola, enquanto Beja, sujeita a sucessivas conquistas e reconquistas, decai fortemente em época almóada, especialmente após a efémera conquista cristã de 1162.

As duas cidades são os pólos estruturantes de um extenso território rural em época islâmica, no qual se detectam mudanças significativas no que diz respeito à densidade e à tipologia do povoamento.

O povoamento fortificado teve uma singular importância como elemento de controlo territorial e refúgio das aristocracias locais. Para além de Mértola, os castelos de Moura (66), Aljustrel (67), Serpa (68) e Aroche foram, em muitas ocasiões, a base do poder das famílias, sobretudo das *muwalladūn*, em luta especialmente durante o período emiral. Outras fortificações tiveram um papel crucial na estruturação do povoamento rural da *kūra* como Ourique, Garvão, Almodôvar, Mesas do Castelinho (69), Castelo da Messejana, Sines, Santiago do Cacém e, nos seus limites, Castro da Cola (70), Portel e Noudar (64).

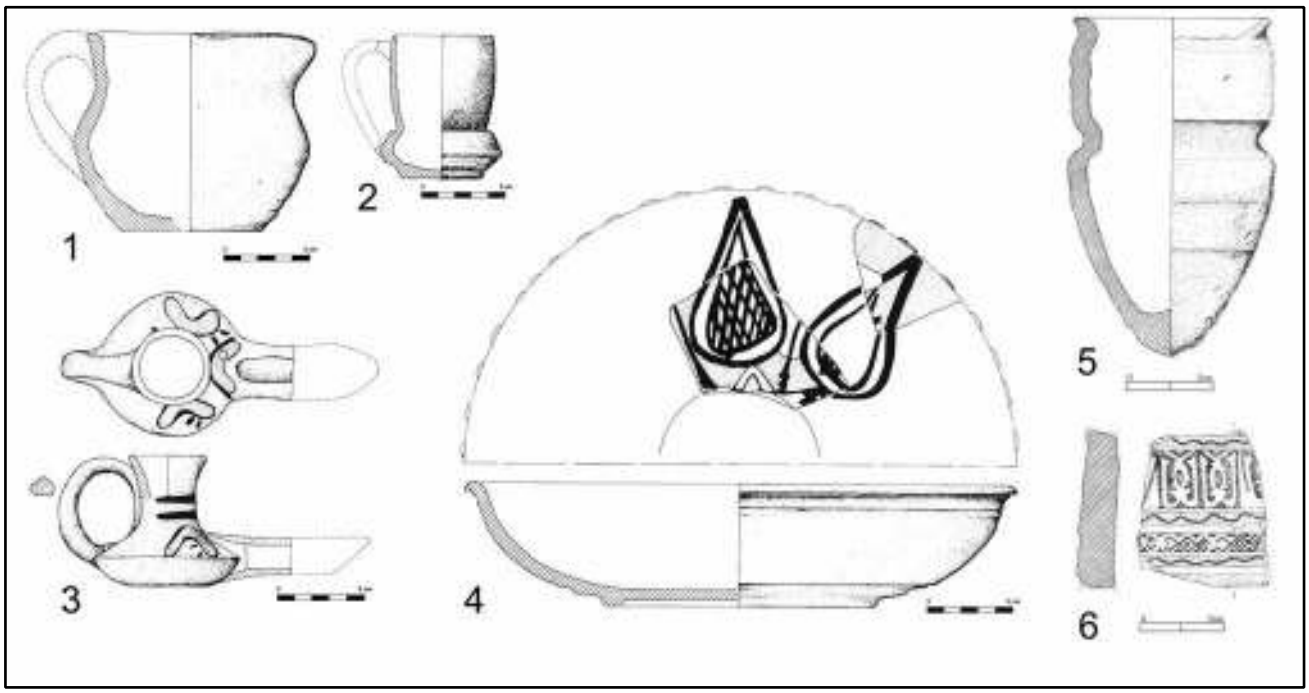

Fig.8 *Cerâmica islâmica de Évora. 1 e 2. Jarrinhos emirais (in Teichner, 1998); 3. Candil de corda seca parcial de época taifa (in Teichner, 1998: 25); 4. Tigela em verde e manganês de época taifa (in Teichner, 1998: 25); 5. Alcatruz (in Paulo, 2000: 229); 6. Talha estampilhada almóada (in Paulo, 2000: 227).*

No que diz respeito ao povoamento rural do território de Beja, nota-se uma grande persistência da maior parte das *villae* como São Cucufate, Monte da Cegonha, Cidade das Rosas, Pisões, Apolinárias, Romeirã, Carrascozinha, Paço do Conde, Marianas e Torre Velha (Macias e Lopes, 2012). No entanto os estudos sobre estes núcleos antigos para época islâmica são muito sucintos.

No território do alfoz de Mértola, para o qual dispomos de mais informação publicada, o povoamento aparece muito pulverizado num avultado número de pequenas ocupações rurais, no início do período islâmico, para se ir progressivamente concentrando em núcleos maiores, sendo abandonados muitos dos pequenos povoados (Boone, 1994 e 2001; Palma, 2012). São exemplo deste tipo de assentamento os sítios de Raposeira (72) e Queimada (73), com antecedentes na Antiguidade Tardia. Em época califal/taifa verificam-se novas ocupações.

No que diz respeito à cerâmica, a informação arqueológica geral de que dispomos é muito desigual, conforme os períodos cronológicos focados e as zonas de estudo e, nos casos de publicações mais antigas, carece de precisão. São escassos os conjuntos sujeitos a estudo monográfico e especializado. Na maior parte das situações, há referências genéricas à presença de cerâmicas islâmicas, nem sempre ilustradas, às quais normalmente não estão associadas descrições de pormenor (relativamente ao tipo de fabricos, por exemplo), nem atribuição cronológica mais fina. Verifica-se assim uma fragmentação e uma intermitência na informação arqueológica de base e nos estudos disponíveis, o que dificulta abordagens de conjunto e de síntese.

Revela-se difícil, na maior parte dos casos, fazer comparações entre os sítios urbanos e o povoamento rural envolvente porque raramente temos informação para os mesmos períodos nos dois âmbitos (quando conhecemos o âmbito rural não conhecemos o âmbito urbano e vice-versa). Mesmo nos casos em que é possível fazer a comparação, não há possibilidade de quantificar os dados, inviabilizando, portanto, qualquer análise de carácter estatístico. Assim, a análise centra-se apenas nas presenças/ausências referenciadas, na sua distribuição geográfica e na maior ou menor frequência aproximada.

7.1. PERÍODO EMIRAL (ver fig. 1)

Temos alguma informação, ainda que fraca, sobre as cerâmicas emirais de Mértola (65) e do seu território. Verificamos alguma diversidade técnica em meio urbano (Mértola) onde encontramos cerâmicas manuais, de torneado rápido e pintadas em vermelho e a presença esporádica de importações emirais de Pechina. Este panorama contrasta com as cerâmicas emirais de meios rurais não fortificados do alfoz de Mértola, como Queimada (73) e Raposeira (72) (Boone, 2001), caracterizadas por uma enorme sobriedade técnica onde apenas aparecem cerâmicas comuns, manuais ou de torneado rápido.

A mesma caracterização de sobriedade técnica aprecia-se nas outras regiões do litoral de que se conhecem materiais emirais: Castelo das Bouças (75) e Cemitério de Odemira (76) (Gómez Martínez, Grangé e Lopes, 2012); zona do Alqueva, Cabeçana 4 (77), Monte Roncão 13 (78), Monte Roncanito 10 (79) (Marques *et alii*, 2012). A presença de cerâmicas pintadas em vermelho ou preto (Odemira) ou vidradas (Monte Roncanito 10) é muito ocasional e só ocorre nos sítios que atingem cronologicamente os inícios do século X.

No caso de Beja (60) conhecem-se sítios rurais em torno a Beja (por exemplo Funchais 6 (74) em Beringel e Barranco da Mourata 4 (80) em Cuba, mas ainda inéditos, onde os conjuntos cerâmicos parecem ter mais qualidade do que noutros sítios rurais da região (variedade formal e qualidade das pastas e dos acabamentos). Não é possível comparar com os materiais do centro urbano porque se desconhecem.

Podemos, portanto, concluir que não é possível estabelecer a comparação entre Beja e o seu território, pois apenas conhecemos as cerâmicas de sítios rurais (produções locais, toscas, com predomínio de fabricos manuais e raras decorações incisas).

Em Mértola, podemos estabelecer essa comparação, concluindo que as produções do meio urbano são mais ricas, com algumas importações do Sudeste do al-Andalus. O centro urbano não parece, portanto, actuar como distribuidor no seu território rural. Ao contrário, constatamos maiores semelhanças, tanto técnicas como formais, com os sítios fortificados do Baixo Guadiana, como o Castelo das Relíquias (81) e o Castelo Velho de Alcoutim (82), com os quais partilha uma fundamental via de comunicação, o rio Guadiana.

7.2. PERÍODO CALIFAL/TAIFA (ver fig. 2)

O período califal/taifa é melhor conhecido na maior parte dos sítios da *kūra* de Beja (60), embora ainda tenhamos poucos dados relativos à própria cidade.

Em Beja encontraram-se fragmentos de cerâmica pintada a vermelho e vidrados em melado e manganés e verde e manganés, tanto de época califal como taifa, nas escavações da Rua do Sembrano (Casmarrinha, 2013). Estes materiais assemelham-se aos encontrados nos sítios rurais próximos do Barranco da Mourata 4 (80) (informação inédita facilitada por Susana Nunes) e Funchais 6 (74) em Beringel (Brazuna e Coelho, 2009), onde encontramos candis, cerâmicas pintadas a vermelho e a branco, vidrados em verde e manganés, em melado e em melado e manganés; e ainda na Cidade das Rosas (71), em Serpa, com cerâmicas de todos os tipos de produções (cerâmica comum, pintada a branco, a vermelho e a preto, vidrados melados e combinando melado com motivos em manganés e corda seca parcial (Retuerce Velasco, 1986).

Relativamente a Mértola (65), a diversidade técnica e ornamental é muito grande (Gómez Martínez, 2006). Constatamos produções locais em cerâmica comum, pintada a branco, a vermelho e a preto, e cerâmicas vidradas em melado, melado e manganés, branco e manganés, algumas certamente de importação como as produções de verde e manganés de Córdova e as de corda seca parcial.

As maiores afinidades formais verificam-se com os sítios fortificados como Castro da Cola (70) (Viana, 1960; Mestre, 1992; Gómez Martínez, 1998), Mesas do Castelinho (69) (Fabião e Guerra, 1993) e Castelo de Serpa (68) (Soares e Braga, 1986), que também possuem uma variedade de decorações considerável, com cerâmicas de verde e manganés e corda seca parcial, associadas aos vidrados em melado e melado e manganés. Verificam-se também afinidades com sítios do Baixo Guadiana como o Castelo das Relíquias (81) e Velho de Alcoutim (82) (Catarino, 1997/98), onde se constatam as mesmas formas na cerâmica comum.

Esta realidade contrasta com a dos sítios rurais mais próximos, onde só aparecem as cerâmicas comuns no sítio de Costa 2 (83), estas juntamente com cerâmica vidrada em melado e em melado e manganés em Raposeira (72) (Boone, 2001), e também pintadas a branco e candis em corda seca parcial em Alcaria Longa (84) (Boone, 1993). Sem poder precisar, à luz das publicações existentes, parece que esta mudança se produz apenas a partir do século XI.

Verificamos a mesma dinâmica em outras zonas rurais mais isoladas, como nos sítios de Monte Roncanito 10 (79), Monte Roncanito 18 (85) (Marques *et alii*, 2012) e Cid Almeida (86) na área do Alqueva, ou no Castelo das Bouças (75) em Odemira (Gómez Martínez, Grangé e Lopes, 2012).

7.3. PERÍODO ALMORÁVIDA (ver fig. 4)

No século XII assistimos, na *kūra* de Beja (60), a mudanças notáveis tanto nas tipologias dos objectos como na diversificação das técnicas ornamentais, especialmente com a difusão da corda seca total. No entanto, é mais difícil precisar o reportório cerâmico de época almorávida do que na região de Lisboa, devido à continuidade que algumas produções parecem ter experimentado após meados do século XII. De facto, no território de Beja, as alterações mais significativas ao nível da cerâmica verificam-se na primeira metade do século XIII e não na transição entre os domínios almorávida e almóada.

Para este período, a concentração do povoamento leva-nos a documentar quase exclusivamente núcleos urbanos e povoados fortificados.

Identificamos algumas produções deste período em Beja, nomeadamente as cerâmicas de corda seca total e as de melado e manganés, provenientes tanto da Rua do Sembrano como das escavações da área do antigo *forum* na Praça da República. Os sítios rurais da sua área de influência também têm alguma variedade técnica: melado e manganés e cerâmicas pintadas em Funchais (74) e quase todas as técnicas ornamentais em Cidade das Rosas (71) (Retuerce Velasco, 1986).

No caso de Mértola (65), o conjunto arqueológico encontrado na Hospedaria Beira Rio permite desenhar uma imagem geral deste período (Lopes, Gómez Martínez e Rafael, 2012). Constata-se uma grande variedade de produções (cerâmica pintada a branco, vidrados em melado e melado e manganés, branco e manganés, verde e manganés de influência norte-africana, corda seca total e corda seca parcial) que, em muitos casos, não encontram paralelo noutros sítios fortificados. No caso dos sítios rurais da sua envolvente, verifica-se uma grande concentração do povoamento, e apenas constatamos materiais deste período em Alcaria Longa (84), com as

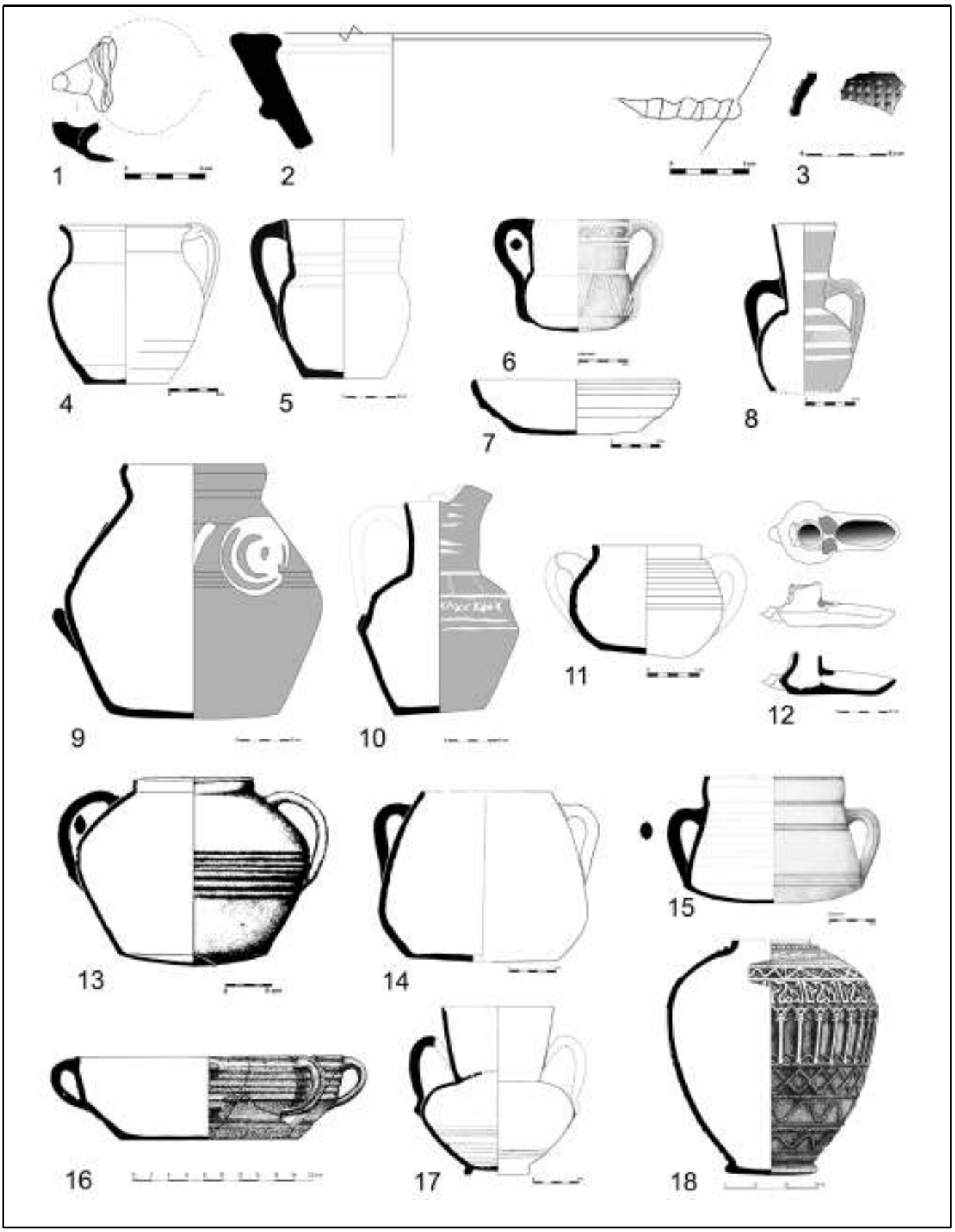

Fig.9 *Cerâmicas da kūra de Beja. 1. Candil emiral (Monte Roncanito 10 in Marques et alii, 2012: 215); 2. Alguidar emiral (id.); 3. Jarrinho emiral proveniente de Pechina (Arrabalde de Mértola); 4. Panela califal/taifa (Castelo de Mértola); 5. Panela califal/taifa (Castelo de Mértola); 6. Jarrinha califal/taifa (Alcáçova de Mértola); 7. Caçoila-tigela califal/taifa (Castelo de Mértola); 8. Bilha pintada a branco (Castelo de Mértola); 9. Panela, século XII (Arrabalde de Mértola); 10. Jarro, século XII (Arrabalde de Mértola); 11. Panela, século XII (Arrabalde de Mértola); 12. Candil, século XII (Arrabalde de Mértola); 13. Panela globular almóada (Alcáçova de Mértola); 14. Panela troncocónica almóada (Beja in Correia, 1991); 15. Panela troncocónica almóada (Alcáçova de Mértola); 16. Caçoila almóada (Beja in Correia, 1991); 17. Jarrinha almóada (Beja in Correia, 1991); 18. Talha almóada (Beja in Correia, 1991).*

mesmas características da fase anterior. Portanto, não se registam muitas das produções mais requintadas (corda seca total ou parcial), apenas os vidrados em melado, em melado e manganés e as cerâmicas pintadas a branco.

Ainda temos pouca informação sobre os reportórios cerâmicos dos castelos do território, mas conhecem-se cerâmicas de corda seca total ou parcial desta fase em Serpa (68) (Soares e Braga, 1986), Moura (66) (Macias, 1993) e Noudar (64) (Rego, 2003).

Apesar da escassez de dados para o conjunto da *kūra* de Beja, parece que neste período a distribuição da cerâmica, especialmente a importada, se faz a partir dos núcleos urbanos e atinge sobretudo os locais fortificados, sendo mais reduzida a distribuição destes objectos de importação nos povoados rurais.

7.2. PERÍODO ALMÓADA (ver fig. 7)

O conhecimento das cerâmicas de época almóada é maior, mas o número de sítios é muito mais reduzido. Conhecemos apenas as cidades e alguns dos sítios fortificados. O povoamento rural desta época parece ter desaparecido certamente por causa da insegurança produzida pelas incursões portuguesas prévias à conquista do território.

Em Mértola (65), encontra-se todo o tipo de produções neste período, mesmo as mais invulgares como a loiça dourada, o esgrafitado e o verde e manganés almóada, que não aparecem nos outros sítios da *kūra* (Gómez Martínez, 2006). Não temos conhecimento das cerâmicas dos sítios rurais desta fase na área envolvente.

Em Beja (60), encontramos uma maior variedade de produções do que em períodos anteriores. Destacam-se as produções de talhas estampilhadas com ou sem vidrado, cerâmicas pintadas a branco, vidrados verdes, castanhos, melados, melados e manganés (Correia, 1991; Pinto, 2007). No entanto, desconhecemos a presença das produções importadas mais raras (esgrafitados, louça dourada). O reportório formal do período final (finais do XII e inícios do XIII) é muito reduzido. Também não temos dados seguros sobre um povoamento rural nas suas proximidades, embora em relatórios de trabalhos arqueológicos seja referida a existência de vidrados verdes em Funchais (74) (Brazuna e Coelho, 2009).

No povoamento fortificado destacam-se as cerâmicas de Aljustrel (67) (Ramos *et alii*, 1993; Estorninho *et alii*, 1994) e Castro da Cola, (70) (Mestre, 1992), com um reportório semelhante ao de Beja e uma grande variedade técnica: cerâmicas pintadas a branco e a vermelho, estampilhadas, vidrados verdes, castanhos, melados, melado e manganés. Aparecem também materiais almóadas, embora pontuais: em Serpa (68), vidrado verde (Soares e Braga, 1986) e em Noudar (64), estampilhados (Rego, 2003). Muito recentemente apareceram materiais almóadas em Moura (66), ainda inéditos.

Portanto, verificamos a mesma tendência do período anterior, de concentração do povoamento em povoados fortificados, aos quais chega uma rede intensa de intercâmbios regionais, embora nela não pareçam circular os objectos de importação mais requintados, como os esgrafitados e a louça dourada.

8. A KŪRA DE OCSONOBA

A *kūra* de Ocsonoba (87), herdeira da *Diocesis Ossonobensis*, compreendeu um amplo território, demarcado a Sul e Poente pelo Atlântico, a Leste pelo Guadiana, limite com a *kūra* de *Labla* (Niebla/Huelva), e, a Norte, os rios Vascão e Mira faziam a separação com a *kūra* de Beja (60). A diversidade geográfica da região e a riqueza dos seus recursos naturais, incluindo jazidas mineiras, explicam, desde épocas remotas, a densidade de povoamento, estruturado no período romano em *ciuitatis*, das quais se sabe que Baesuris, Balsa, Ossonoba, Cilpes, Ipsa e Lacobriga foram centros de cunhagem monetária.

Durante a presença islâmica, que durou cerca de 500 anos (entre as fases emiral e almóada), assiste-se ao aparecimento de novos núcleos urbanos: Silves (88), Tavira (89), Loulé (90) e outros, indicados nas fontes árabes mas hoje de localização indeterminada, e ao desaparecimento ou decadência de outros (Baesuris, Balsa e Lacobriga), o mesmo acontecendo em relação a muitos dos seus sítios rurais. Pela importância que tiveram, ao longo de todo o período islâmico, as *mudun* de Santa Maria de Ocsonoba ou do Gharb (Faro) e a de *Shilb*/Silves estruturaram a geografia política e económica em duas regiões: a oriental (actual Sotavento) centralizada em Santa Maria de Ocsonoba/Faro; a ocidental (actual Barlavento) centralizada em Silves.

Nestas regiões, que formaram efémeros reinos de taifa, no século XI (depois anexados ao reino de Sevilha), o povoamento organizou-se em distritos rurais, centralizados em fortificações e espaços urbanos emergentes (casos de Tavira e de Loulé), e em numerosas povoações rurais, de extensões que vão desde pequenos casais agrícolas e povoados mineiros até às grandes alcarias. No entanto, convém realçar a diversidade das formas de ocupação dos espaços rurais, umas vezes mantendo-se na periferia de *villae* tardo-romanas ou no mesmo espaço delas, como acontece em Milreu (91) (Teichner, 1994), no Cerro da Vila/Vilamoura (92) (Teichner e Schierl, 2006) ou no Montinho das Laranjeiras (93) (Coutinho, 1993), outras revelando fundação islâmica, como são exemplo a Alcaria de Aljezur (94) ou os Alcariais de Odeleite (95) (Santos, 2006), sendo que, em alguns casos, a ocupação perdura até, pelo menos, à Baixa Idade Média, como aconteceu na Aldeia dos Mouros (96) (Gamito, 1994), em Vaqueiros.

Estamos, pois, perante um território pautado por formas de ocupação e padrões de povoamento diferenciados ao longo do tempo. Se, nas fases emiral e califal/taifas, podemos assistir à continuidade de ocupação em alguns dos sítios rurais herdeiros das antigas *villas* tardo-antigas, como Milreu ou o Cerro da Vila/Vilamoura, durante o período almorávida e almóada assiste-se à criação de centros urbanos

e rurais, como Loulé e Salir (97) (Catarino, 1996), novas fortificações, como o Castelo de Paderne (98) (Catarino e Inácio, 1996) ou o Castelo Belinho, e ao desenvolvimento de Tavira e de Cacela (99) (Álvaro Sanchéz, 2011).

8.1. PERÍODO EMIRAL (ver fig. 1)

No actual estado da investigação sobre o Algarve islâmico, o período emiral está pouco representado do ponto de vista arqueológico e, apesar de a antiga *ciuitas* de Ossonoba (85) se ter mantido capital de *kūra* (pelo menos até ao século X), as cerâmicas deste período ainda não estão documentadas no espaço urbano de Faro. É a cidade de Silves (88) que tem revelado informações mais consistentes, seja resultantes das escavações no castelo, seja nas intervenções urbanas. Por outro lado, a informação disponível para o meio rural é maior, estando comprovados, na área de influência de Silves (região Barlavento), sítios como Barradas (100) (Silva e Silva, 2005) e Castelo de Alferce (101) (Meulemeester, Grangé e Dewulf, 2006) e, na área de influência de Faro (Região Centro e Sotavento), em sítios como Milreu (91), Cerro da Vila (92), Vale do Boto (102) (Catarino, Arruda e Gonçalves, 1981), Montinho das Laranjeiras (93), Castelo Velho de Alcoutim (82) (Catarino, 2008) e Castelo das Relíquias (81) (*Idem*, 1997/1998).

É, pois, na *Madīnat Shilb* (Silves) que encontramos documentada uma panóplia diversificada de materiais cerâmicos e técnicas decorativas, integráveis entre os séculos VIII e inícios do século X. Estão presentes cerâmicas comuns, de fabricos manuais/torno lento e de torno alto; cerâmicas pintadas a branco, a vermelho e a negro; cerâmicas com motivos incisos e outras com aplicações plásticas, sendo ainda de realçar a presença de vidrados monocromos castanhos. As tipologias abarcam um leque muito variado, sendo predominantes as cerâmicas de cozinha: panelas, caçoilas e alguidares, estando também presentes cerâmicas de mesa, nomeadamente pratos, taças e púcaros.

Os sítios rurais patenteiam diversificado reportório formal, predominando as formas fechadas, como panelas, potes e púcaros, sendo minoritárias as caçoilas, os alguidares e as tampas ou testos planos, em fabricos manuais/torno baixo ou a torno alto. Destacamos, ainda, um jarrinho que serviu para entesourar moedas emirais - as mais antigas do reinado de *'Abd al-Raḥmān* I (756-788) e as mais recentes de *Muḥammad* I (852-886) - descoberto nos arredores de Castro Marim (Marinho, 1995-1997: 444-445, fig. 1). Os materiais cerâmicos recolhidos, por exemplo, no Castelo das Relíquias e no Castelo Velho de Alcoutim, incluem fabricos manuais/torno lento, de rotação irregular, que prolongam modelos precedentes visigóticos. A presença de cerâmica manual/torno lento também se verifica em Milreu, no Castelo de Alferce e no sítio das Barradas.

No que concerne aos tratamentos de superfície, técnicas e motivos decorativos, verifica-se o predomínio de cerâmica comum de superfícies alisadas, por vezes brunidas; aparecem as caneluras, nomeadamente nos colos de alguns púcaros, os motivos pintados a branco, por exemplo no Cerro da Vila/Vilamoura, e a vermelho, em Milreu, no Cerro da Vila, em Alferce e no Tejo do Praio (103) (Arruda, Almeida e Freitas, 2003), sendo que, nestes dois últimos sítios, também existem cerâmicas pintadas a negro. Os motivos de meandros incisos, em ziguezague ou em ondulado, estão presentes no Castelo de Alferce, no Castelo das Relíquias, no Castelo Velho de Alcoutim, no Montinho das Laranjeiras e no Vale do Boto, sendo que as aplicações plásticas apenas foram identificadas, em escassos exemplares, no Castelo de Alferce, no Castelo das Relíquias e no Castelo Velho de Alcoutim. Cerâmica vidrada a verde sobre decoração incisa apenas foi reconhecida no Castelo das Relíquias e num fragmento, de origem duvidosa, recolhido no Castelo Velho de Alcoutim, na fase atribuída à transição emiral/califal.

Embora não possamos, no estado actual da investigação, aceitar a presença de determinados tipos decorativos (a maioria dos vidrados policromos referidos para a alcáçova de Silves, nomeadamente o verde e manganés e a corda seca parcial), a verdade é que o vidrado emiral está presente, tanto em meio urbano (Silves), como rural (Castelo das Relíquias), nomeadamente com fragmentos de peças vidradas, respectivamente a castanho e a verde, sobre decoração incisa, de provável produção em Pechina. Por outro lado, a maior diversidade formal e decorativa é atestada nos acervos de Silves, quando comparados com os provenientes de meio rural. Por fim, pelos exemplos acima enunciados, a escassez de dados arqueológicos torna difícil estabelecer linhas de continuidade e evolução face a períodos anteriores, embora tal realidade pareça ser mais estável em meio rural do que na cidade. Assim, a linha de continuidade em relação ao período de ocupação tardo-antiga/época visigótica encontra-se melhor atestada em sítios de origem romana, como Milreu e Cerro da Vila/Vilamoura. A ocupação da cidade de Faro/Santa Maria de Ocsonoba (87) ainda não se encontra atestada através de vestígios materiais de época emiral.

8.2. PERÍODO CALIFAL/TAIFA (ver fig. 2)

No período califal/taifa assiste-se, também na *kūra* de Ocsonoba (87), a uma proliferação morfotipológica de cerâmicas, bem como à ocorrência de novas técnicas decorativas, sendo que se observa o desaparecimento da cerâmica manual. Para além de já termos dados arqueológicos disponíveis para a cidade de Faro (o que não acontecia para o período anterior) são também conhecidas mais realidades rurais.

Na cidade de Silves (88) existe uma continuidade relativamente ao período precedente, com excepção da cerâmica manual que desaparece, sendo que, nesta fase, se destacam, em qualidade e diversidade, as cerâmicas de superfícies pintadas (a branco, a negro e a vermelho) e as vidradas. Destas últimas, continuam os vidrados monocromos, sobretudo melados (por vezes conjugando motivos a manganés), e os policromos (verde e manganés e corda seca parcial), surgindo duas novas técnicas decorativas, a cerâmica dourada, ou de reflexos metálicos, e a corda seca total. Observa-se, para além da grande diversidade formal, a

afirmação incontornável das cerâmicas vidradas, sobretudo nas tipologias enquadráveis na loiça de mesa, assumindo, pratos e tigelas, um protagonismo assinalável.

Quanto à cidade de Faro (Catarino e Inácio, 2012), embora os conjuntos cerâmicos califais e taifas não sejam tão conhecidos como os de Silves (Gomes, 2004), também podemos constatar a presença de idêntica diversidade formal e decorativa. Assinale-se, para além da maioritária cerâmica comum de cozinha e de mesa, as peças de superfícies pintadas, mormente a branco e a vermelho, e as vidradas, sejam monocromas (sobretudo meladas) ou policromas. Destas, destacam-se as técnicas do verde e manganés, da corda seca parcial e total.

Do conhecimento arqueológico disponível para as áreas rurais desta *kūra*, podemos observar que os períodos califal/taifas coincidem com maior uniformidade nos modelos formais e nas técnicas e motivos decorativos, embora as peças de vidrado policromo estejam mais representadas em castelos que foram centro de distritos rurais, como seja o Castelo Velho de Alcoutim (82), cuja ligação à via fluvial do Guadiana permitia, naturalmente, estreitas relações económicas com outras regiões do sul de al-Andalus.

No cômputo geral dos sítios até agora conhecidos, podemos afirmar que, entre as cerâmicas decoradas predominam as pinturas a branco, excepção feita ao Castelo das Relíquias (81) e ao Poço da Hortinhola (104) (Gomes, 1998), sendo que em Balsa (106) a bibliografia apenas menciona cerâmica pintada (Nolen, 1994), desconhecendo-se a coloração. Conhecemos pintura a vermelho e a preto em Monte Canelas (105) (Moran, Parreira e Sanchez Liranzo, 2005), na Alcaria de Aljezur (94), no Cerro da Vila (92) e no sítio das Barradas (100), sendo que no Castelo Velho de Alcoutim existem exemplares com pintura a branco e a vermelho. A cerâmica de Milreu (91) encontra-se muito fragmentada, mas apresenta raros fragmentos com pintura a negro, por exemplo numa bilha. A cerâmica com motivos incisos ondulados está presente em alguns dos sítios rurais até agora escavados, como sejam em Vale do Boto (102) e Monte Canelas e nas alcarias de Aljezur, de Barradas e de Odeleite (95), sendo que nestas duas últimas também foram identificadas aplicações plásticas. Também as caneluras estão largamente representadas, sobretudo no bojo de panelas e outras formas fechadas, sendo de destacar, no Castelo Velho de Alcoutim e no das Relíquias, um tipo particular de púcaro com colo cilíndrico canelado.

No que concerne a cerâmica vidrada, podemos certificar que se encontra amplamente difundida. Contudo, os vidrados a verde apenas estão presentes na Aldeia dos Mouros (96) e no Castelo das Relíquias (através de pequeno fragmento). Na alcaria de Barradas, observa-se cerâmica vidrada melada, com ou sem decoração a manganés, o mesmo acontecendo no Cerro da Vila, no Tejo do Praio (103), nos Alcariais de Odeleite, no Castelo das Relíquias, no Castelo Velho de Alcoutim, no Montinho das Laranjeiras (93) e em Vale do Boto. Também Balsa e Monte Canelas apresentam cerâmica vidrada melada, assim como muitos dos sítios prospectados na serra algarvia, mormente no Castelo de Altamora (107) (Castro Marim), (Catarino, 1997/98: Est. CXLIX.1 e 2).

As cerâmicas decoradas em verde e manganés, seja sobre superfícies vidradas a branco, seja a melado claro, maioritárias em formas abertas (tigelas e pratos), estão presentes no Cerro da Vila, no Castelo das Relíquias, no Castelo Velho de Alcoutim, nos Alcariais de Odeleite, em Vale do Boto, em Monte Canelas, na Alcaria de Aljezur, no Tejo do Praio e no sítio de Barradas.

Destaque para a presença de exemplares de cerâmica decorada com a técnica da corda seca em alguns destes sítios rurais. Ambas as variantes desta técnica estão presentes no Tejo do Praio, nos Alcariais de Odeleite e em Vale do Boto, sendo que, na Aldeia dos Mouros, no Castelo das Relíquias e no Castelo Velho de Alcoutim apenas foram exumados materiais de corda seca parcial. Destaque ainda para o *aquamanil* de corda seca parcial proveniente do Cerro da Vila.

Para este período e conforme as regiões (mais ou menos afastadas do litoral e dos principais eixos de circulação), podemos inferir algumas diferenças entre espaços urbanos e rurais, os primeiros mostrando claramente a dinâmica comercial que emerge desde o califado, sendo sobretudo as cidades receptoras de peças mais esmeradas, como as de verde e manganés e de corda seca, e incluindo importações fatimidas (caso da louça dourada de Silves) (88), que dificilmente se propagaram no interior serrano. Assim, se é verdade que o verde e manganés e a corda seca, sobretudo parcial, também chegaram aos meios rurais, a presença destas cerâmicas parece mais evidente nos sítios periurbanos de Silves e de Faro (87), perto do litoral, e nos que estão relacionados com a grande via que foi o Guadiana. Por exemplo, o sítio de Monte Canelas (105) revelou um fragmento de verde e manganés califal, facto que faz recuar a sua ocupação aos séculos X/XI, embora o conjunto da cerâmica aí recolhida seja integrado no século XII. Para a área de influência de Faro são de destacar o Tejo do Praio, com grande diversidade de formas, técnicas e motivos decorativos, e principalmente o Cerro da Vila/Vilamoura (92), que revela materiais mais requintados e diversificados que os do centro urbano, facto que deve relacionar-se com a sua actividade económica ligada ao mar. De notar ainda que este é o único sítio que revela evidências de produção cerâmica nos séculos X/XI, comprovada pelas escavação de um forno (Matos, 1985: 77). Já no vale do Guadiana, o Castelo Velho de Alcoutim (82), o Montinho das Laranjeira (93) e os Alcariais de Odeleite (95) também revelaram cerâmicas policromas próprias destes períodos, o mesmo acontecendo, ainda que em reduzida proporção, no Castelo das Relíquias (81), localizado junto ao Vascão (afluente do Guadiana e à fronteira com a *kūra* de Beja) e em Vale do Boto (102), posicionado junto do principal eixo viário que, da foz do grande rio do Sul, percorria Tavira (89), núcleo rural agora emergente em detrimento de Balsa (106), e daí seguia para Faro e Silves.

8.3. PERÍODO ALMORÁVIDA (ver fig. 4)

Em época almorávida, e considerando os dados disponíveis, parecem acentuar-se as diferenças entre as produções cerâmicas disponíveis nas cidades e as que chegam aos espaços periféricos rurais, sendo também visíveis diferenças entre o que seria consumido nas cidades de Faro (87) e de Silves (88), sendo esta última a que tem, claramente, uma maior diversidade de cerâmicas.

Verifica-se que a totalidade dos sítios ocupados em período almorávida na região algarvia apresenta cerâmica pintada a branco, com excepção do Cerro da Mesquita 1 (108) e de Balsa (106). A pintura a vermelho apenas se encontra documentada nas cidades e em dois sítios rurais, sendo a pintura a preto exclusiva de Silves. Destaque ainda para a continuidade da cerâmica manual no Castelo da Nave (109), Monchique (Grangé e Dewulf, 2006).

No que à cerâmica vidrada diz respeito, verifica-se uma disseminação alargada dos tons melados, presentes em doze dos dezassete sítios em apreço, em detrimento do vidrado verde, presente apenas em meio urbano, ou do branco, exclusivo de Silves. De realçar que em algumas publicações apenas é mencionada a existência de cerâmica vidrada, sem designar a coloração do óxido utilizado, o que pode desmentir a afirmação anterior.

Na cidade de Silves continua a observar-se cerâmica comum pintada a branco, vermelho e preto, cerâmica incisa e com aplicações plásticas, corda seca parcial e total, cuja prevalência aumenta consideravelmente, cerâmica vidrada nas cores branca, verde, melada, com e sem motivos a manganés, castanha, cerâmica a molde, cerâmica pintada a branco, motivos incisos e as primeiras decorações estampilhadas.

Em Faro encontra-se, igualmente, grande diversidade de formas e técnicas decorativas. Estão presentes as cerâmicas comuns, em formas de cozinha como jarrinhas ou panelas, algumas com pinturas a branco ou a manganés, e de mesa, como tigelas meladas, com decoração a óxido de manganés, cerâmica estampilhada e cerâmica verde e manganés.

Nos meios rurais, a diversidade morfotipológica das cerâmicas aparenta ser menor que nas cidades, estando porém bem representadas as peças de cozinha (panelas, alguidares, caçoilas), de armazenamento e transporte (talhas, potes e cântaros) e de mesa (púcaros, jarras e jarrinhas e tigelas).

Se a pintura a branco se encontra, mais uma vez, disseminada um pouco por todo o meio rural, o mesmo não acontece com a pintura a vermelho, apenas presente em Tavira (89) e Monte Canelas (105), sendo que este último é o único sítio rural que exibe cerâmica comum pintada a negro. A cerâmica incisa apenas se encontra presente em dois sítios rurais, Monte Canelas e Vale do Boto (102) e, até ao momento, as aplicações plásticas apenas foram documentadas em Tavira (Catarino, Covaneiro e Cavaco, 2012).

Como já foi mencionado, a cerâmica vidrada a melado e com motivos decorativos a óxido de manganés está, nos séculos XI/XII, bastante bem representada em toda a região algarvia, pelo que se documenta, entre outros, no Castelo Velho de Alcoutim (82), no Montinho das Laranjeiras (93), nos Alcariais de Odeleite (95), no Tejo do Praio (103), no Cerro da Mesquita 1 (108) (Catarino e Inácio, 2012), em Tavira e Vale do Boto. Por outro lado, terá sido com os almorávidas que surgem as primeiras decorações estampilhadas, sob vidrado melado, distribuindo-se as estampilhas numa cartela entre círculos incisos, a definir o fundo interno de tigelas. Esta técnica decorativa está presente nos Alcariais de Odeleite, no Tejo do Praio (103) e em Vale do Boto, sendo que aqui se misturam os motivos estampilhados com os traços, em arcos de círculos, a negro de manganés. Por fim, a corda seca parcial parece estar ligeiramente circunscrita aos sítios rurais do Sotavento, estando documentada no Castelo Velho de Alcoutim, no Montinho das Laranjeiras, em Tavira, em Vale do Boto e no Tejo do Praio, enquanto a variante total desta técnica parece circunscrever-se ao Cerro da Mesquita 1, a Tavira, Vale do Boto e Tejo do Praio.

O período almorávida, embora abrangendo um curto domínio político na região (entre 1091/94 e 1143/54), parece coincidir com alterações nos modelos de povoamento, considerando o desaparecimento de alguns sítios rurais relevantes em épocas anteriores, como Milreu (91) e Cerro da Vila (92), com o protagonismo que começa a evidenciar-se, por exemplo em Tavira (89) e Loulé (90), que se tornam prósperas cidades no período seguinte, e o aparecimento de novos sítios rurais, como Vale do Joio (110) ou o Cerro da Mesquita 1 e de castelos, como Salir (97) e Albufeira (111). Estas modificações no povoamento parecem estar relacionadas com o período de reunificação político-administrativa, logo interrompido pela revolta dos Muridines (1143/45) e, depois, pela formação dos segundos reinos de taifa, sendo de destacar, neste período, a formação da taifa de *Tābira* (Tavira), que consegue manter-se em autonomia entre 1151 e 1167/68.

Assim, e apesar da reunificação do al-Andalus e do relevante desenvolvimento das cidades, a realidade rural parece continuar desigual quando a tentamos caracterizar através da cerâmica. Os fabricos mais elaborados, materializados em ornamentações complexas, como seja a da corda seca, continuam a ser escassos em contextos rurais. A predominância das formas comuns mais simples remete-nos para uma cultura do exclusivamente utilitário, sendo escassos os exemplares de formas de mesa e abundantes os que incluímos na louça de cozinha, e que, certamente, teriam uma utilização alargada. A maior diversidade formal e decorativa aparece, naturalmente, nos espaços urbanos, surgindo mesmo peças de morfologia mais rara, de que se destacam formas compatíveis com o designado "vaso de Tavira". Ainda em contextos urbanos, deve registar-se a ocorrência de tigelas decoradas a verde e manganés que, embora correspondendo a fabricos locais/regionais, apresentam influência norte africana (região de Kairouan). Por fim, é de realçar o aparecimento das tigelas de perfil tendencialmente carenado, superfícies meladas e motivos estampilhados no interior, que também podem identificar-se em sítios rurais, tais como Vale do Boto (102), Tejo do Praio (103) e Alcariais de Odeleite (95).

8.4. PERÍODO ALMÓADA (ver fig. 7)

As alterações políticas verificadas neste período deverão ter contribuído para o desaparecimento de alguns sítios anteriores e o surgimento de novas povoações, assim como consolidação de outras. É, pois, sob domínio almóada, que

vamos assistir à estabilização dos aglomerados urbanos pré-existentes e à afirmação, enquanto cidade, de Loulé (90), Tavira (89) e Cacela Velha (99). O sítio do Tejo do Praio (103) é abandonado e consolida-se a ocupação dos castelos de Salir (97) e de Albufeira (111). Assiste-se também à fundação de fortificações, como o castelo de Paderne (98), que estruturam o povoamento rural dos diversos distritos rurais, num reforço defensivo de resposta ao avanço cristão para o extremo sul do Gharb.

O conhecimento das cerâmicas almóadas é mais consistente, até porque são mais numerosas as escavações respeitantes a este período e se conhece melhor a panóplia das produções que antecedem a conquista definitiva do Algarve. Do ponto de vista formal, deparamos com grande difusão das tigelas e caçoilas carenadas e o aparecimento das caçoilas ditas de "*costillas*", que podem, ou não, ser vidradas a melado. No que concerne as técnicas ornamentais, uma vez mais se confirma o predomínio da pintura a branco (presente em catorze dos dezasseis sítios publicados) sobre as demais soluções, possivelmente pela facilidade de execução e pelo baixo custo que lhe estaria associado. Das outras técnicas decorativas, continuam a corda seca (total e parcial), os melados com motivos pintados a óxido de manganés, divulgam-se os vidrados verdes e verde-acastanhados e destacam-se as cerâmicas douradas, esgrafitadas e, sobretudo, as estampilhadas, simples ou em composições (geométricas, vegetalistas, epigráficas, arquitectónicas, etc.) que caracterizam um tipo de talhas (vidradas ou não) que está bem representado, seja nos espaços urbanos, seja em alguns dos sítios rurais.

A diversidade formal em meio urbano é agora maior, realidade extensiva a todo o sul do Gharb ocorrendo formas consideradas de maior raridade, como bocais de poço cerâmicos, tinas associadas a pequenas indústrias, pias de abluções decoradas a corda seca total, ou em vidrado monocromo, por vezes de forma poligonal, entre outras.

Na cidade de Silves (88) continuamos a ter cerâmica comum, pintada a vermelho, branco e negro, cerâmica com motivos incisos e com aplicações plásticas, corda seca parcial e total, cerâmica estampilhada, em quantidade e qualidade apreciáveis, cerâmica vidrada nas cores castanha ou verde, mas também branca ou melada, com ou sem motivos a manganés, cerâmica dourada, cerâmica a molde, cerâmica esgrafitada (apenas na alcáçova) e cerâmica decorada a verde e manganés.

Em Faro (87), a diversidade de formas e de técnicas e motivos decorativos encontra-se expressa nos diversos tipos de louça de cozinha e de mesa, em cerâmica comum não vidrada e vidrada, esta sobretudo em tons melados, acastanhados e esverdeados, e na presença cerâmica vidrada estampilhada, nas típicas talhas almóadas.

Em Loulé (90), o reportório formal e decorativo é igualmente diversificado. Destaca-se a presença de panelas, caçoilas e testos em cerâmica comum, quase sempre com decoração de pintura a branco, a vermelho ou a negro, a cerâmica vidrada melada, que pode apresentar decoração a óxido de manganés e a cerâmica estampilhada.

Em Tavira (89) podemos registar todo o tipo de produções que caracteriza este período. Entre as peças mais raras, regista-se o verde e manganés almóada, a cerâmica esgrafitada e a louça dourada (Cavaco, 2011: 106), feita a molde ou não. Até ao momento, não foram identificadas cerâmicas vidradas a castanho, peças a molde que não sejam vidradas e cerâmicas em corda seca total com esgrafitado ou estampilhado. Facto curioso, que de momento não conseguimos interpretar, é a maioria das cordas secas totais de Tavira corresponder à mesma forma, interpretada como pia de abluções, sendo claramente residuais as tigelas executadas nesta técnica.

Em Cacela Velha (99) encontramos uma menor variedade técnica e decorativa do que na vizinha Tavira, ainda que estejam presentes técnicas menos frequentes para esta época, como seja o verde e manganés. De realçar também a ausência de corda seca total.

Tal como acontece nas cidades, também o meio rural regista agora uma maior diversidade formal, estando presentes panelas, caçoilas, jarrinhas, bilhas, tigelas, cântaros, talhas, entre outros, alguns dos quais com motivos de pintura a branco. Também se encontram presentes as tigelas e talhas vidradas e com estampilhado.

A excepção a este panorama diversificado parece ser o Ribat da Arrifana (112) (Gomes e Gomes, 2007), observando-se claramente a existência de formas associadas a práticas meramente utilitárias, imperando a simplicidade e a austeridade, como seria de esperar num contexto religioso, não sendo, por isso, de estranhar a ausência das cerâmicas vidradas a branco e das estampilhadas. De qualquer forma, estes dois tipos cerâmicos são raros nos sítios rurais algarvios, existindo as primeiras apenas no castelo de Aljezur (113), enquanto as segundas foram identificadas um pouco por toda a região, nos castelos de Paderne (98), de Albufeira (111), de Salir (97), de Aljezur, Alcaria de Arge (114) (Sabrosa, Henriques e Soares, 2005) e Monte Canelas (105). No que respeita às cerâmicas comuns, a pintura a branco encontra-se em todos os sítios com excepção do Castelo de Paderne (98) e do Poço da Hortinhola (104) e a pintura a vermelho está presente no Ribat da Arrifana (112) e na Alcaria de Arge. A cerâmica pintada a negro foi identificada no Castelo de Aljezur, no de Albufeira, no de Salir, na Alcaria de Arge e no Ribat da Arrifana. O número de sítios com cerâmica de motivos incisos e com aplicações plásticas é bastante residual, estando a primeira técnica presente no Castelo de Aljezur, no Ribat da Arrifana e no Poço da Hortinhola, e a segunda técnica nos dois primeiros sítios mencionados, bem como no Castelo de Paderne, no de Salir, em Vale do Boto (102) e na Alcaria de Arge.

Tal como acontece no período almorávida, predominam os vidrados melados (com ou sem motivos a manganés) sobre os de outra coloração, estando presentes em todos os sítios desta cronologia, com excepção de Albufeira. Os vidrados a verde aparecem no Castelo de Aljezur, em Albufeira, em Salir, em Vale do Boto, na Alcaria de Arge e no Ribat da Arrifana. Mais raros, os vidrados castanhos encontram-se nos castelos de Aljezur, de Paderne e de Salir, bem como em Vale do Boto e na Alcaria de Arge. Para este período não

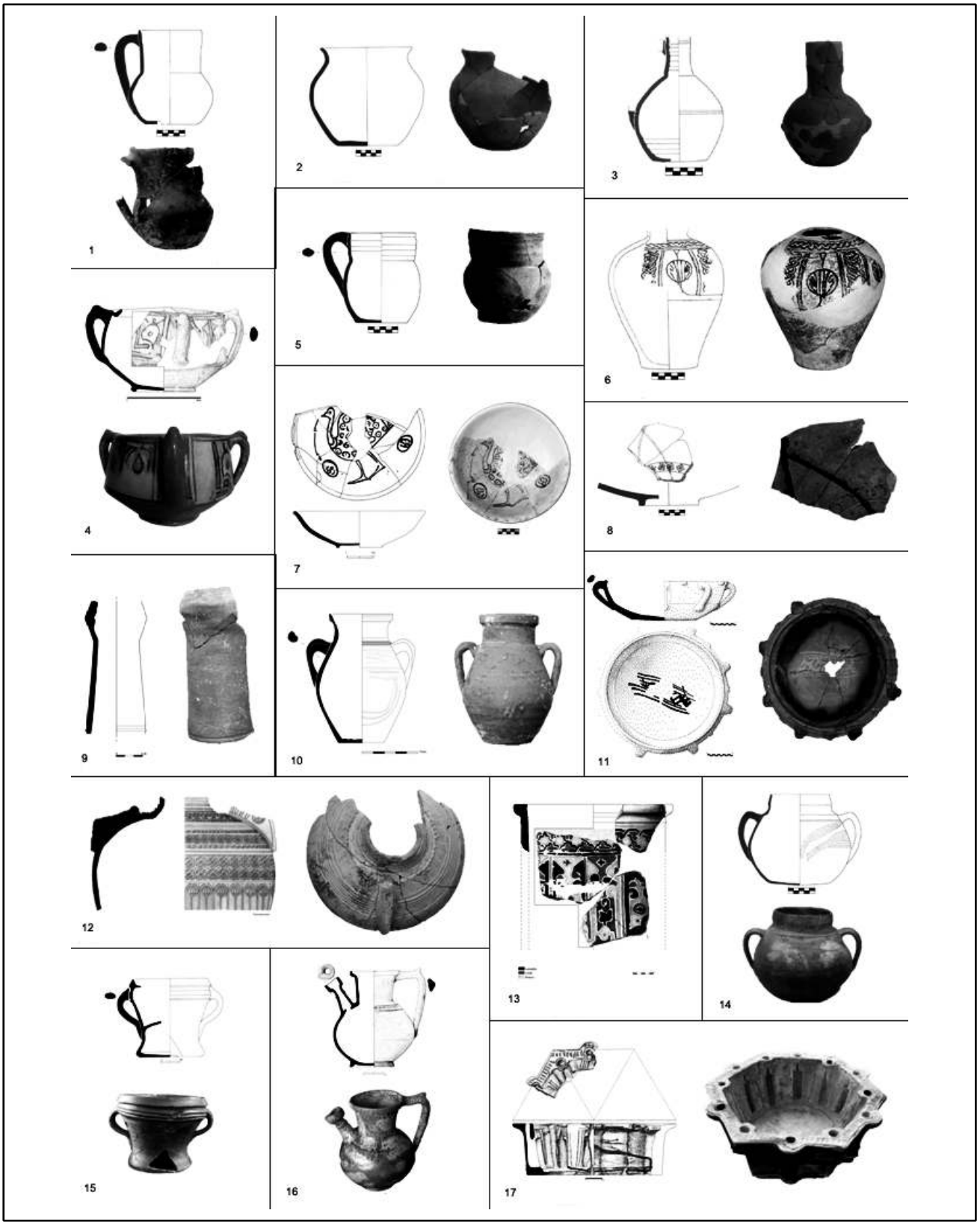

Fig.10 *Cerâmicas da kūra de Ocsonoba. 1. Púcaro emiral – Castelo Velho de Alcoutim (Catarino, 1997/98: 1104, Est XVIII. 4); 2. Panela emiral – Castelo Velho de Alcoutim (Catarino, 1997/98: 1113, Est XXVII. 1); 3. Jarra emiral/califal – Castelo das Relíquias (Catarino, 1997/98: 1170, Est LXXXVI. 4); 4. Terrina califal/taifa – Almedina de Silves (adaptado de Gomes, 2011:219); 5. Púcaro califal/taifa – Castelo Velho de Alcoutim (Catarino, 1997/98: 1102, Est XVI. 3); 6. Cântaro califal/taifa – Castelo das Relíquias (Catarino, 1997/98: 1162, Est LXXVIII. 8); 7. Tijela califal/taifa – Arrabalde de Silves (Gonçalves, 2015, neste volume); 8. Tijela almorávida/almóada – Vale do Boto (Catarino, 1997/98: 1234, Est CLIII. 1); 9. Cano – almóada – Tavira (Cavaco, 2011, peça 150); 10. Jarra almóada – Tavira (Cavaco e Covaneiro, 2010:107); 11. Frigideira almóada (Cavaco e Covaneiro, 2010:107); 12. Talha almóada (Cavaco e Covaneiro,2012:66); 13. Bacio (?) almóada – Castelo de Paderne (Catarino e Inácio, 2006: 289, Fig 4. 7 e 8); 14. Panela almóada – Castelo de Salir (Catarino, 1997/98: 1200, Est CXVI. 3); 15. Fogareiro almóada – Arrabalde de Silves (inédito); 16. Jarro almóada – Arrabalde de Silves (Gonçalves e Khawli, 2004: 192); 17. Pia de Abluções (?) – Alcáçova de Silves (adaptado de Gomes, 2003: 264).*

se conhecem exemplares em corda seca total em meio rural, registando-se exemplares em corda seca parcial no Castelo de Paderne e na Aldeia dos Mouros (96). Apenas na Alcaria de Arge foram recolhidos exemplares de verde e manganés almóada. Somente em Salir (97) foram recolhidas cerâmicas manuais deste período.

No que às formas mais simples diz respeito - louça de cozinha e de armazenamento - há a notar grandes afinidades das cerâmicas de Aljezur (113) e do Ribat da Arrifana (112) com as de Silves (88), como bem notam os autores dos estudos publicados sobre esses sítios. Apesar de a distância ser considerável, a influência da cidade faz-se sentir, naturalmente, até ao extremo da sua área de influência, denotando a existência de redes de comércio bem montadas.

É notória a diferença entre o campo e a cidade no que diz respeito a cerâmicas cujos fabricos têm associadas técnicas de maior complexidade. Exceptuando os vidrados que, na maioria dos casos, são um simples acabamento, não propriamente uma ornamentação, e que, por tal, conhecem uma maior difusão e são relativamente frequentes em meio rural, outros modelos mais sofisticados, como a louça dourada e o esgrafitado, restringem-se à cidade, não só por questões económicas, mas acreditamos que também por questões culturais.

9. A CIDADE E O SEU TERRITÓRIO: CONCLUSÕES

Ao longo deste trabalho, avaliámos, a partir da bibliografia disponível, as possíveis relações entre a cultura material ceramológica, na sua diacronia, nas especificidades técnicas, formais e decorativas, e a sua distribuição (mais ou menos uniforme) dentro do binómio espaços urbanos/espaços rurais. Tomando como paradigma as diferentes etapas vivenciais da história do Gharb al-Andalus, sintetizámos as conclusões que a seguir se apresentam.

9.1. PERÍODO EMIRAL (VIII-IX)

Para o período emiral, a quase ausência de informação sobre os meios urbanos do Gharb dificulta a tarefa de extrair conclusões gerais. Podemos assinalar, contudo, alguns elementos comuns entre as diferentes cidades para as quais temos evidências arqueológicas, embora existam diferenças no seu relacionamento com os respectivos territórios rurais. Note-se, de qualquer modo, que neste aspecto se verificam desigualdades de conhecimento entre as cidades setentrionais em relação às suas congéneres meridionais.

Para Coimbra e Santarém são ainda fracas as evidências materiais da época emiral e praticamente desconhecidas as cerâmicas dos respectivos meios rurais, dos quais quase nada se sabe. No território de Coimbra, o período emiral está representado por cerâmica comum que segue fundamentalmente uma matriz técnica e formal anterior, com domínio de formas fechadas, algumas decorações incisas e o aparecimento de púcaros com caneluras no colo, presentes quer na cidade do Mondego, quer em Conímbriga, no Paço da Ega e no castelo de Santa Olaia, sendo que nas duas últimas fortificações também algumas cerâmicas pintadas parecem apontar para este período. Quanto ao território de Santarém, as cerâmicas emirais estão, de momento, ausentes na cidade e destaca-se o sítio rural da Quinta da Granja 1 (Maiorga, Alcobaça), com cerâmicas manuais e a torno, num leque cronológico entre os séculos VII/VIII e IX.

Em contrapartida, os meios urbanos meridionais (área de Lisboa, Baixo Alentejo e Algarve) são mais ricos de informação, constatando-se, inclusivamente, a presença de importações de outras regiões do al-Andalus, nomeadamente de Pechina (Almeria).

Na região de Lisboa temos mais evidências no meio rural, nomeadamente em *villae* tardo-romanas ocupadas neste período, do que propriamente na cidade. Já na margem sul do Tejo, o caso talvez melhor representado, em termos de comparação urbano-rural no período emiral, é o de Palmela. Pudemos concluir que existem efectivas afinidades formais e técnicas entre a loiça de Palmela e a do sítio rural do Alto da Queimada, verificando-se, contudo, uma menor variedade formal e decorativa neste sítio rural. As peças executadas manualmente ou a torno lento são mais abundantes no Alto da Queimada, onde é notória uma ocupação autóctone pré-islâmica. A presença romana nos estratos de base está atestada mas não se comprova em absoluto a continuidade ininterrupta da ocupação. As afinidades encontram-se nas decorações incisas e em aspectos formais de bilhas e panelas.

Quanto ao Baixo Alentejo e ao Algarve, são ainda nulas as informações sobre cerâmica emiral proveniente de escavações urbanas em Beja e em Faro, ao contrário do que acontece para vários sítios rurais afectos aos territórios destas *kuwar*, onde, mais uma vez, se verifica o predomínio de cerâmicas comuns toscas, manuais e a torno. Por outro lado, sendo Mértola e Silves cidades que recebem novidades técnicas e decorativas (como as cerâmicas de Pechina), observa-se que, nos respectivos meios rurais imediatos, ocorrem materiais muito distintos daqueles que provêm das escavações destes centros urbanos, concluindo-se que estas cidades ainda não seriam centros redistribuidores para os seus espaços rurais. Em contrapartida, os castelos rurais da área intersticial entre Faro e Mértola, como o Castelo Velho de Alcoutim e o das Relíquias, têm diversidade técnica notável, equivalente à que se observa no meio urbano (Mértola), com o qual partilhariam redes de distribuição cerâmica, tendo o rio Guadiana como via fundamental de comunicação. Por fim, também em Silves há grande diversidade técnico-formal e mais importações relativamente ao meio rural.

9.2. PERÍODO CALIFAL/TAIFA (X-XI)

Em relação ao período anterior, observam-se agora mudanças em todos os territórios, havendo maior semelhança entre os materiais provenientes dos sítios urbanos e dos sítios rurais. As produções mais sofisticadas e as importações provenientes ou redistribuídas pelas cidades chegam aos meios rurais fortificados com maior fluidez. Mas, mais uma vez, são as cidades do Sul que continuam a ter cerâmicas mais diversificadas tecnicamente e com mais importações do que as do Norte. Na área mais setentrional, as importações

vindas do sul do al-Andalus, chegam sobretudo às cidades de Santarém e de Coimbra, sendo ainda de destacar o Castro de Valinhas/Castelo de Arouca, com ocorrência de decorações a verde e manganés.

Nos estuários do Tejo e Sado regista-se maior homogeneidade de produções entre meios urbanos e rurais, os produtos são tecnicamente mais elaborados, embora as importações cheguem em menor volume aos sítios rurais. É o que se verifica em Palmela (urbano) e no Alto da Queimada (rural). Nesta última, a presença de vidrados e de decorações a verde e manganés encontra-se identificada mas é rara.

Na *kūra* de Beja, especialmente em Mértola, verifica-se grande homogeneidade na cerâmica comum, limitando-se as produções de luxo e as importações aos sítios urbanos e fortificados. Os centros urbanos alargam a rede de redistribuição. Para Faro e seu território constata-se uma ampla distribuição de materiais de importação, enquanto em Silves se mantém alguma distinção entre cidade e campo.

Em suma, a rede de cidades consolida-se e afirma-se no papel de produtora/distribuidora de cerâmica, mas com relações mais estreitas para os sítios fortificados.

9.3. PERÍODO ALMORÁVIDA (XII)

Durante o período Almorávida assiste-se, em relação ao período anterior, a mudanças em todos os territórios, salvaguardando-se a continuação de diferenças entre cidades estudadas, excluindo Coimbra que foi reconquistada, em 1064, durante a época taifa. De um modo geral, verifica-se maior uniformidade no abastecimento de cerâmicas de luxo em todos os meios urbanos e consolida-se a semelhança entre os materiais exumados nas escavações dos sítios urbanos e rurais.

Nos estuários do Tejo e Sado mantem-se a homogeneidade nas produções comuns entre as cidades e os seus territórios de influência, mantendo-se a tendência para os produtos tecnicamente mais elaborados (vidrados, estampilhados, corda seca) se restringirem sobretudo às cidades.

Também para a região de Beja, a homogeneidade nas cerâmicas comuns é um facto em todo o território, com as importações a registarem maior volume nos meios urbanos e nas fortificações. Através do eixo Mértola/Beja entram as importações, actuando estas cidades como centros redistribuidores. O papel de entreposto comercial de Mértola é especialmente relevante, a julgar pela variedade, qualidade e quantidade dos objectos importados deste período.

Para o Algarve, continua a existir homogeneidade entre Faro e o seu território (Sotavento), com uma ampla distribuição de materiais de importação, enquanto no território de Silves (Barlavento) as importações estão bem representadas na cidade, sendo menos conhecidas as evidências materiais dos seus espaços rurais.

Conclui-se que as cidades no período almorávida actuam como centros produtores e consumidores de produções e importações de luxo (mormente a corda seca) e as mais meridionais funcionam igualmente como redistribuidores dessas cerâmicas.

9.4. PERÍODO ALMÓADA (FINAIS DO XII-XIII)

Em acelerado retrocesso espacial, o Gharb al-Andalus regista neste período, uma vez mais, mudanças na distribuição de cerâmicas no binómio cidade-campo. No Alentejo, o povoamento rural é quase exclusivamente fortificado. Na fronteira desse território, onde a r*econquista* progride, Alcácer do Sal, centro do poder almóada, oferece grande diversidade de importações, nomeadamente esgrafitados e dourados. O mesmo acontece em Mértola, que continua a funcionar como centro redistribuidor no território de Beja, especialmente em relação aos núcleos de povoamento fortificado. A homogeneidade campo-cidade marca, em definitivo, os territórios de Faro e Silves, agora com uma ampla rede de redistribuição de materiais de importação, embora os mais raros apenas se consumam nos meios urbanos (Silves, Faro e Tavira). Portanto, a mobilidade da fronteira é agora propícia ao desenvolvimento das redes de redistribuição e ao aumento da conformidade entre os materiais provenientes de centros urbanos e de sítios rurais.

As conclusões deste estudo são reconhecidas como provisórias, devido à fragilidade da informação disponível. Contudo, foi possível, para alguns territórios, definir as relações entre cidade e campo através da cerâmica registada e estudada. E observa, sobretudo a partir de época califal/taifas, uma maior capacidade das cidades meridionais do Gharb em actuarem como centros produtores, importadores e redistribuidores de cerâmica, o que é historicamente compreensível.

As cerâmicas comuns são dominantes em todo o Gharb al-Andalus, sendo algumas decoradas com meandros incisos e/ou com aplicações plásticas, ocorrendo tanto em ambiente urbano como rural. A cerâmica manual é, contudo, mais frequente em contextos rurais e para cronologias mais antigas. Assim, a cerâmica comum apresenta uma disseminação cronológica e geográfica abrangente, pois é de consumo e produção alargados, com recurso a conhecimentos e tradições autóctones e com assimilação de influências exteriores, nomeadamente nas cidades.

A cerâmica pintada a branco, essencialmente de produção local e regional, é mais frequente em contextos urbanos e com presença mais esporádica em contextos rurais. Praticamente ausente no período emiral, é no período califal/taifa que aparece com maior consistência, tanto nas cidades como no campo. Na fase taifa/almorávida, esta cerâmica é intensamente produzida em Lisboa e redistribuída pelo território rural envolvente. A cerâmica pintada a vermelho está presente nas cidades e tem uma razoável distribuição nos territórios rurais, sobretudo na região de Lisboa. A pintada a preto, importada, pontua apenas em ambientes urbanos.

Quanto à cerâmica vidrada, rara e exclusivamente importada na época emiral, alcança na fase califal/taifa uma razoável

distribuição em sítios urbanos (de Coimbra ao Algarve) e começa a surgir também em sítios rurais, ainda que pontualmente e sobretudo do Vale do Tejo para sul, sendo que esta realidade se prolonga pelo período seguinte. A cerâmica vidrada estampilhada ocorre na fase almorávida, em Lisboa e no Algarve (por vezes associada a decoração a manganés), mas é rara em sítios rurais, estando presente, por exemplo, em Vale do Boto. As produções de verde e manganés e de corda seca (parcial e total), de produção local e de importação, ocorrem principalmente nas cidades e em algumas fortificações, estando menos representadas nos sítios rurais. Têm uma expressão significativa no Algarve.

Nas fases taifa e almorávida, a importância da cidade de Lisboa, pela sua dimensão e pujança como centro produtor e redistribuidor, faz-se sentir de forma predominante em toda a península de Lisboa, estendendo-se pelos territórios a sul do Tejo, onde partilha estas funções com Palmela. No caso das produções de consumo mais restrito, a distribuição das produções de Lisboa atinge, aparentemente, aglomerados urbanos mais longínquos, como, Coimbra, Santarém e Évora. Eventualmente, os aglomerados rurais localizados no Vale do Tejo, a norte de Lisboa, sofreram também a influência da cidade de Santarém, também ela centro produtor e distribuidor de cerâmica. Por outro lado, a influência de Sintra, como centro produtor e abastecedor, faz-se sentir no seu território (Sintra / Cascais) e para norte (até Mafra e eventualmente a Torres Vedras). Esta rede de influência dos centros urbanos não invalida, todavia, o papel desempenhado pelas pequenas produções cerâmicas de âmbito local, nomeadamente as tecnicamente menos sofisticadas, que certamente supririam parte significativa das necessidades de consumo das povoações.

No território de Beja, a dicotomia entre núcleos urbanos, com cerâmicas de grande variedade técnica e formal, e núcleos rurais, de enorme pobreza artefactual, é uma constante que se observa para a época emiral. Contudo, a partir da época califal/taifa, verifica-se uma maior diversidade nos materiais cerâmicos dos núcleos fortificados do território. Este fenómeno apenas tem paralelo nos núcleos de povoamento rural próximos dos grandes centros redistribuidores de Beja e Mértola, enquanto os territórios mais afastados, por exemplo a zona do litoral alentejano, desconhecem esta diversidade na cerâmica, mesmo nos casos de povoados fortificados de alguma importância.

Finalmente, no caso do território Algarvio, os dados disponíveis permitem evidenciar diferentes modelos de ocupação urbana e rural (fortificada ou não), bem como uma cultura material muito diversificada, que abarca todas as fases islâmicas do extremo sul do Gharb. Como pode observar-se nos sítios analisados, são dominantes as cerâmicas comuns não vidradas, algumas mantendo fabricos, formas e decorações que prolongam protótipos anteriores ao século VIII. As cerâmicas decoradas com pintura (sobretudo a branco), as peças vidradas (monocromas e com pintura a óxido de manganés), assim como as decorações em verde e manganés e com a técnica da corda seca estão representadas, desde os períodos califal/reinos de taifas, tanto nas cidades como nos recintos fortificados, o mesmo acontecendo na maior parte dos núcleos rurais. A partir do século XI tornam-se cada vez mais constantes os fabricos a torno alto e os modelos decorativos almorávidas e almóadas têm a sua melhor representatividade e variedade técnico-decorativa nas cerâmicas das cidades de Mértola, de Silves, de Faro, de Tavira e de Cacela.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge de (1975) – La céramique commune locale et régionale. *Fouilles de Conimbriga*. Paris: Diffusion E. de Boccard. vol. V.

ALARCÃO, Jorge de; Delgado, Manuela; MAYET, Françoise; ALARCÃO, Adília Moutinho e PONTE, Salete da (1976) – Céramiques diverses et verres. *Fouilles de Conimbriga*. Paris : Diffusion E. de Boccard. vol. VI.

ÁLVARO SÁNCHEZ, Rocío (2011) – *Cacela (Algarbe-Portugal) en el siglo XIII: Sociedad y Cultura Material.* BAR International Series 2290. Oxford: Archaeopress.

ANTUNES, Luís Pequito e BARROS, Luís de (2000) – *O Passado como Expressão do Presente. Catálogo da exposição.* Núcleo Medieval/Moderno de Almada Velha. Almada: Câmara Municipal de Almada.

ARAÚJO, João; CARDOSO, Bernardo; CASTELO, Inês; MUCCIOLI, Giovanni; REIS, Helena; RUELA, Sara (2013) – A Arqueologia urbana em Lisboa: análise da actividade arqueológica entre 2006 e 2011 e divulgação patrimonial. In *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 97-102.

ARRUDA, Ana Margarida; ALMEIDA, Rui Roberto e FREITAS, Vera Teixeira de (2003) – O Sítio Islâmico do Tejo do Praio, Quinta do Lago, Loulé: uma primeira análise e caracterização. In GONÇALVES, Maria José (dir.) *Actas do 1.º Encontro de Arqueologia do Algarve. Silves 2005. Xelb.* Silves: Câmara Municipal de Silves. Museu Municipal de Arqueologia. n.º 4, p. 247-264.

BANHA, Carlos M. dos Santos (1998) – As cerâmicas do Alto do Senhor da Boa Morte (Povos): estudo preliminar. *Cira*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. n.º 7, p. 75-109.

BATALHA, Luísa (2009) – Cerâmica Islâmica. In *A villa romana da Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira)*. Trabalhos arqueológicos efectuados no âmbito de uma obra da EPAL. [S.l.]: EPAL. p. 121-130.

BATALHA, Luísa; PEREIRA, Susana e BARROS, Luís (2006) – Espólio islâmico da Quinta de Castros – Almada. *Anais de Almada*. Almada: Câmara Municipal de Almada. nº 7-8, p. 11-46.

BATATA, Carlos (2000) – Presença árabe no Castelo da Sertã (Centro de Portugal). In *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular. vol. VII – Arqueologia da Idade Média da Península Ibérica. Vila Real 1999*. Porto: ADECAP. p. 435-437.

BOONE, James L. (1993) – The third season of the excavations at Alcaria Longa. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. n.º 2, p. 111-126.

BOONE, James L. (1994) – Rural settlement and islamization in the Lower Alentejo of Portugal. Evidence from Alcaria Longa. In CAMPOS CARRASCO, Juan Manuel; PÉREZ MACÍAS, Juan Aurelio e GÓMEZ, Francisco (coord.) *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana. Actas del encuentro Internacional de Arqueología del sudoeste. Huelva-Niebla 1993*. Huelva: Universidad de Huelva. p. 527-545.

BOONE, James L. (2001) – Tribalism, Ethnicity, and Islamization in the Baixo Alentejo of Portugal: Preliminary results of investigation into transitional period (AD 550-850) rural settlements. *Era*. Lisboa: Era, Arqueologia/ Colibri. n.º 4, p. 105-121.

BRAZUNA SANDRA E COELHO, Manuela Dias (2009) – Funchais 6: Resultados Preliminares da Intervenção Arqueológica. *Apontamentos de Arqueologia e Património.* n.º 4, p. 51-57.

BUGALHÃO, Jacinta, GOMES, Ana Sofia e SOUSA, Maria João (2007) – Consumo e utilização de recipientes cerâmicos no arrabalde ocidental da Lisboa islâmica (Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros e Mandarim Chinês). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 10: 1, p. 317-343.

BUGALHÃO, Jacinta e FERNANDES, Isabel Cristina (2012) – A cerâmica islâmica nas regiões de Lisboa e Setúbal. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. n.º 12, p. 71-89.

CAETANO, Maria Teresa (2000) – *Colares*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra. p. 163.

CARDOSO, Guilherme (1991) – *Carta Arqueológica do concelho de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

CARDOSO, Guilherme; CABRAL, João; ENCARNAÇÃO, José d' e TRINDADE, Lurdes(2000) – Sondagens de emergência no Concelho de Cascais. Sítios de Vilares e Zabrizes. *Al-madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série, n.º 9, p. 9.

CARDOSO, Guilherme e ENCARNAÇÃO, José d', (1993) – Sondagem no Espigão das Ruivas (Alcabideche, Cascais). *Al-madan*. Almada: Centro de arqueologia de Almada. II Série, n.º 2, p. 150.

CARDOSO, Guilherme; MIRANDA, Jorge e TEIXEIRA, Carlos A. (2009) – *Registo fotográfico de Alcabideche e alguns apontamentos histórico-administrativos*. Alcabideche: Junta de Freguesia de Alcabideche. p. 468.

CARDOSO, Guilherme e RODRIGUES, Severino (1991) – Alguns tipos de cerâmica dos sécs. XI a XVI encontrados em Cascais. In SILVA, Luís Alves e MATEUS, Rui (ed.) *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo. Lisboa 1987*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. p. 575-585.

CARVALHO, António Rafael (2009) – A antiguidade tardia e a islamização na costa Sesimbrense. In *O Tempo do Risco. Carta Arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra. p. 172-191.

CARVALHO, António Rafael; FARIA, João Carlos e FERREIRA, Marisol (2004) – *Alcácer do Sal Islâmica. Arqueologia e História de uma Medina do Garb al-Andalus (Séculos VIII-XIII)*. Alcácer do Sal: Câmara Municipal de Alcácer do Sal.

CARVALHO, A. Rafael e FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (1996) – Algumas Cerâmicas Muçulmanas da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra. n.º 5, p. 21-23.

CASMARRINHA, Helena Patrícia Saúde (2013) – *Materiais Islâmicos do Sítio da Rua do Sembrano, Beja*. Dissertação de mestrado em Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

CATARINO, Helena (1996) – *Catálogo de cerâmicas islâmicas do Castelo de Salir*. Loulé: Museu Arqueológico Municipal de Loulé.

CATARINO, Helena (1997/1998) – *O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados. al-'ulyã*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé. n.º 6, 3 vols.

CATARINO, Helena (2008) – Cerâmicas islâmicas do Castelo Velho de Alcoutim recolhidas em contexto de cozinha. In DIOGO, João Manuel (ed.) (2008) – *Actas das 4.as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo. Tondela 2000*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. p. 33-48.

CATARINO, Helena; ARRUDA, Ana Margarida e GONÇALVES, Victor (1981) – Vale do Bôto: escavações de 1981 no complexo árabe – medieval. *Clio*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa. n.º 3, p. 9-28.

CATARINO, Helena *et alii* (2012) – La céramique islamique du Ġarb al-Andalus: contextes socio-territoriaux et distribution". IN GELICHI, Sauro (ed.) *Atti del IX Congresso Internazionale sulla Ceramica Medievale nel Mediterraneo. Venezia 2009*. Venezia: Edizioni All'Insegna del Giglio. p. 429-441.

CATARINO, Helena; COVANEIRO, Jaquelina e CAVACO, Sandra (2012) – O Sotavento Algarvio. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. n.º 12, p. 147-154.

CATARINO, Helena; FILIPE, Sónia e SANTOS, Constança dos (2009) – Coimbra islâmica: uma aproximação aos materiais cerâmicos. In GONÇALVES, Maria José (dir.) *Actas do 6.º Encontro de Arqueologia do Algarve. O Gharb no al-Andalus: Síntese e Perspectivas de Estudo. Homenagem a José Luís de Matos. Silves 2008. Xelb*. Silves: Câmara Municipal de Silves. Museu Municipal de Arqueologia. n.º 9, p. 333-376.

CATARINO, Helena e INÁCIO, Isabel (2006) – Vestígios do urbanismo islâmico no Castelo de Paderne: uma primeira abordagem. In GONÇALVES, Maria José (dir.) *Actas do 3.º Encontro de Arqueologia do Algarve. Silves 2005. Xelb*. Silves: Câmara Municipal de Silves. Museu Municipal de Arqueologia. n.º 6, vol. I, p. 281-298.

CATARINO, Helena e INÁCIO, Isabel (2012) – O Algarve Central. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. n.º 12, p. 155-161.

CAVACO, Sandra (2011) – *O arrabalde da Bela Fria: contributos para o estudo da Tavira islâmica*. Dissertação de mestrado em Portugal Islâmico e o Mediterrâneo. Faro: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve.

CAVACO, Sandra e Covaneiro, Jaquelina (2010) – "Materiais cerâmicos provenientes de um silo do Bairro Almóada do Convento da Graça – Tavira". *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. n.º 11. p. 103-112.

CAVACO, Sandra e Covaneiro, Jaquelina (2012) – 47. Caçoila de oito asas e oito mamilos com cordão da eternidade realizado a pintura a branco. In. *Tavira Islâmica*. Catálogo da exposição. Tavira. Câmara Municipal de Tavira. p. 43.

COELHO, Catarina (2000) – A ocupação islâmica do Castelo dos Mouros (Sintra): interpretação comparada. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 3:1, p. 207-225.

COELHO, Catarina (2002) – O Castelo dos Mouros (Sintra). In FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) *Mil anos de fortificações na Península Ibérica e no Magreb. Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos*. Palmela: Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela. p. 389-395.

COELHO, Catarina (2010) – Ruínas arqueológicas de São Miguel de Odrinhas: a propósito da campanha de 1997. *Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 58-59, p. 119-142.

COELHO, Catarina (2012) – A cerâmica verde e manganês do Castelo de Sintra. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. n.º 12, p. 91-107.

CORREIA, Fernando (1991) – Um conjunto cerâmico árabe-medieval de Beja. In SILVA, Luís Alves e MATEUS, Rui (ed.) *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*. Lisboa 1987. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. p. 373-385.

CORREIA, Fernando e Picard, Cristophe (1992) – Intervenção arqueológica no Castelo da Juromenha. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. n.º 1, p. 71-89.

COUTINHO, Hélder M. R. (1993) – Cerâmica Muçulmana no Montinho das Laranjeiras. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. n.º 2, p. 39-54.

DESCRIPCIÓN (1983) – *UNA DESCRIPCIÓN ANÓNIMA DE AL-ANDALUS*. EDICIÓN Y TRADUCCIÓN DE LUIS MOLINA. MADRID: CSIC. 2 TOMOS.

ENCARNAÇÃO, José Manuel dos S. E CARDOSO, Guilherme (1996) - *Relatório das Sondagens efectuadas na Villa Romana do Casal do Clérigo (Cascais)*. Novembro de 1996. Documento policopiado. Processo n.º S – 06010. Acessível no Arquivo de Arqueologia da DGPC.

ESTORNINHO, Alexandra; MARTINS, Artur; RAMOS, Carlos e MURALHA, João (1994) – O povoamento da área de Aljustrel. Seu enquadramento na faixa piritosa alentejana. In CAMPOS CARRASCO, Juan Manuel; PÉREZ MACÍAS, Juan Aurelio e GÓMEZ, Francisco (coord.) *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana. Actas del encuentro Internacional de Arqueología del sudoeste. Huelva-Niebla 1993*. Huelva: Universidad de Huelva. p. 27-36.

FABIÃO, Carlos e GUERRA, Amílcar (1993) – Uma fortificação Omíada em Mesas do Castelinho (Almodôvar). *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. n.º 2, p. 85-102.

FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (2004) – *Castelo de Palmela. Do islâmico ao cristão*. Palmela: Edições Colibri - Câmara Municipal de Palmela.

FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (2009) – Palmela – Um castelo e um território no período islâmico: estado da investigação e perspectivas. In GONÇALVES, Maria José (dir.) *Actas do 6.º Encontro de Arqueologia do Algarve. O Gharb no al-Andalus: Síntese e Perspectivas de Estudo. Homenagem a José Luís de Matos. Silves 2008. Xelb.* Silves: Câmara Municipal de Silves. Museu Municipal de Arqueologia. n.º 9, p. 393-403.

FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (2012) – Palmela Medieval e Moderna: a leitura arqueológica. In *Palmela Arqueológica no contexto da região interestuarina Sado-Tejo*. Palmela: Município de Palmela. p. 111-132.

FERNANDES, Isabel Cristina F.; CARDOSO, João Luís e ANDRÉ, M. da Conceição (2009) – Cerâmicas muçulmanas do Centro Histórico de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. n.º 17, p. 97-115.

FILIPE, Vanessa Galiza (2012) – *Contributo para o conhecimento da presença islamica em Yâbura – estudo do espólio exumado nas intervenções arqueológicas do Museu Municipal de Évora*. Dissertação de mestrado em Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

GAMITO, Teresa Júdice (1994) – O povoamento islâmico da serra do Caldeirão. O caso da Aldeia dos Mouros (Vaqueiros, Alcoutim). In CAMPOS CARRASCO, Juan Manuel; PÉREZ MACÍAS, Juan Aurelio e GÓMEZ, Francisco (coord.) *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana. Actas del encuentro Internacional de Arqueología del sudoeste. Huelva-Niebla 1993*. Huelva: Universidad de Huelva. p. 545-563.

GOMES, Ana e SEQUEIRA, Maria José (2001) – Continuidades e descontinuidades na arquitectura doméstica do período islâmico e após a conquista da cidade de Lisboa: escavações arqueológicas na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. n.º 7. p. 103-110.

GOMES, Mário Varela (1998) – Cerâmicas islâmicas do poço da Hortinhola (Moncarapacho, Olhão). IN ABRAÇOS, Hélder e DIOGO, João Manuel (eds.) *Actas das 2.as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo. Tondela 1995*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. p. 33 – 41.

GOMES, Rosa Varela (2003) – Silves (Xelb), uma cidade do Gharb al-Andalus: a Alcáçova. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. n.º 35.

GOMES, Rosa Varela (2011) – Silves (Xelb), uma cidade do Gharb al-Andalus: a zona da Arrochela, espaços e quotidianos. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. n.º 53.

GOMES, Rosa Varela e GOMES, Mário Varela (coord.) (2007) – *Ribāt da Arrifana. Cultura material e espiritualidade. Catálogo da Exposição*. Aljezur: Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (1998) – Cerâmica de verde e manganês do Castro da Cola. In ABRAÇOS, Hélder e DIOGO, João Manuel (eds.) *Actas das 2.as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo. Tondela 1995*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. p. 57-65.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2006) – *Cerámica Islámica de Mértola: Producción y comercio* [Em linha]. Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense de Madrid, 2006. [Consult. 2-6-2014]. Disponible en: <http://eprints.ucm.es/7087/>. 4041 p.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; GRANGÉ, Mathieu e LOPES, Gonçalo (2012) – A cerâmica islâmica no Alentejo. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. nº 12, p. 109-120.

GONÇALVES, Alexandre Marques (2013) – *Alto da Vigia (Colares, Sintra). Relatório dos Trabalhos arqueológicos de 2013*. Documento policopiado. Processo n.º S – 19458, Acessível no Arquivo de Arqueologia da DGPC.

GONÇALVES, Maria José (2015) – Contributo para o estudo dos utensílios do quotidiano de um arrabalde islâmico de Silves: a cerâmica decorada a verde e manganês, in Actas do X Congresso A Cerâmica no Mediterrâneo, Silves (nestas actas).

GONÇALVES, Maria José; Khawli, Abdallah (2004) - Um lote de Cerâmica Estampilhada de um Arrabalde Islâmico de Silves. In *Actas do IV Congresso Peninsular de Arqueologia*, pp.175-192.

GONZALEZ, Cristina (2013) – Quinta da Granja 1 (Maiorga, Alcobaça): novos dados para o povoamento da Estremadura na Alta Idade Média. In *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. *913-921.*

GRANGÉ, Mathieu e DEWULF Joke (2006) – O Cerro do Castelo da Nave (Monchique) – Imagem de superfície de um assentamento islâmico no Vale da Ribeira de Boina. In GONÇALVES, Maria José (dir.) *Actas do 3.º Encontro de Arqueologia do Algarve. Silves 2005. Xelb.* Silves: Câmara Municipal de Silves. Museu Municipal de Arqueologia. n.º 6, vol. II, p. 87-104.

IDRĪSĪ (1840) – *GEOGRAPHIE D'EDRISI* (TRADUCCIÓN DE P. AMÉDÉE JAUBERT). PARIS: IMPRIMERIE ROYALE. T. II.

LIBERATO, Marco (2011) – *A cerâmica pintada a branco na*

Santarém Medieval. Uma abordagem diacrónica: séculos XI a XVI. Dissertação de mestrado em Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

LOPES, Gonçalo (2001) – Cerâmicas medievais da torre de menagem do castelo de Leiria. In *Torre de Menagem do Castelo de Leiria*. Leiria: Câmara Municipal de Leiria. p. 31-37.

LOPES, Gonçalo (2008) – Materiais islâmicos da Horta da Casa Cadaval (Muge, Salvaterra de Magos). Poster apresentado ao *6.º Encontro de Arqueologia do Algarve. O Gharb no al-Andalus: Síntese e Perspectivas de Estudo. Homenagem a José Luís de Matos. Silves 2008.* Não publicado nas actas do Encontro.

LOPES, Virgílio; GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana e RAFAEL, Lígia (eds.) (2012) – *Museu de Mértola. Arrabalde Ribeirinho.* Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

LOURENÇO, Sandra (2002) – A ocupação medieval na Rua Tenente Valadim, n.os 1 e 3 (Torres Novas). *Nova Augusta*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas. n.º 14, p. 109-156.

MACIAS, Santiago (1993) – Moura na Baixa Idade Média: elementos para um estudo histórico-arqueológico. *Arqueologia Medieval.* Porto: Edições Afrontamento. n.º 2, p. 127-157.

MACIAS, Santiago e LOPES, Maria Conceição (2012) – O território de Beja entre a Antiguidade Tardia e a Islamização. In *Visigodos y Omeyas. El território.* Mérida: Instituto de Arqueología – Mérida. CSIC/Junta de Extremadura – Consorcio de Mérida. p. 305-328.

MARINHO (1995-1997) – UM ACHADO DE DIRHAMES DO EMIRATO DE AL-ÂNDALUS. *O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS.* LISBOA: MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA. SÉRIE IV, n.º 13-15, p. 441-456.

MARQUES, João; GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; GRILO, Carolina; ÁLVARO, Rocío e LOPES, Gonçalo (2012) – Cerâmica e povoamento rural medieval no troço médio-inferior do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal). In GELICHI, Sauro (ed.) *Atti del IX Congresso Internazionale sulla Ceramica Medievale nel Mediterraneo. Venezia 2009*. Venezia: Edizioni All'Insegna del Giglio. p. 442-448.

MATOS, José Luís de (1985) – Forno de cerâmica (Cerro da Vila). *Informação Arqueológica*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural. n.º 5, p. 77.

MAZZOLI-GUINTARD, Christine (2011) – Los territorios urbanos de las ciudades andalusíes: perspectivas de estudio. In MARTÍNEZ ENAMORADO, Virgilio (ed.) *I Congreso Internacional: Escenarios urbanos de al-Andalus y el Occidente musulmán. Vélez-Málaga 2010*. Málaga: Iniciativa Urbana "De toda la Villa". p. 15-41.

MESTRE, Joaquim Figueira (1992) – *Cerâmica muçulmana do Castro de Nossa Senhora da Cola*. Ourique: Câmara Municipal de Ourique.

MEULEMEESTER, Johnny de; GRANGÉ, Mathieu e DEWULF, Joke (2006) – Novos dados sobre o povoamento altomedieval na Serra de Monchique (séc. VI-IX): Intervenção arqueológica no Cerro do Castelo do Alferce, Monchique, Faro (2004). In GONÇALVES, Maria José (dir.) *Actas do 3.º Encontro de Arqueologia do Algarve. Silves 2005. Xelb.* Silves: Câmara Municipal de Silves. Museu Municipal de Arqueologia. n.º 6, vol. I, p. 261-280.

MORAN, Helena; PARREIRA, Rui e SANCHEZ LIRANZO, Olga (2005) – Monte Canelas (Alcalar, Portimão). Trabalhos arqueológicos de salvamento de um habitat de época islâmica no Barrocal Algarvio. In GONÇALVES, Maria José (dir.) *Actas do 2.º Encontro de Arqueologia do Algarve. Silves 2005. Xelb.* Silves: Câmara Municipal de Silves. Museu Municipal de Arqueologia. n.º 5, p. 133-156.

NAZARÉ, Maria João (2013) – *Cerâmicas medievais de Santa Olaia (Figueira da Foz) depositadas no Museu Municipal Dr. Santos Rocha*. Relatório de estágio no âmbito do Mestrado em Arqueologia e Território. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

NETO, Nuno; REBELO, Paulo; SANTOS, Raquel e FONTES, Tiago (2007) – Neoépica, Lda. Principais intervenções em 2007. Intervenção arqueológica na ZEP do Alto do Cidreira. *Al-madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série, n.º 15, p. 5.

NETO, Nuno; REBELO, Paulo; SANTOS, Raquel e FONTES, Tiago(2008) – Silos Islâmicos de Caparide. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. n.º 10 p. 105-111.

NEVES, Maria João *et alii* (2009) - *Casal do Mortal/Terrenos do futuro hospital de Loures - Sondagens prévias para diagnóstico arqueológico*. Relatório Final de Intervenção de Arqueologia Preventiva. Dryas Arqueologia. Coimbra. Processo 2003/1 (528). Acessível no Arquivo de Arqueologia da DGPC.

NIEUWENDAM, Lurdes e SANTOS, Raquel – (2008) *Villa* Romana de Vilares - Cascais. Trabalhos arqueológicos em 2007-2008. *Al-madan on line*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série, n.º 16 p. 2-3.

NOLEN, Jeannette U. Smit (1994) – *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares (Balsa) incluindo o espólio ósseo e medieval*. Lisboa: Instituto Português de Museus. Museu Nacional de Arqueologia.

PAIXÃO, A. Cavaleiro; FARIA, João Carlos e CARVALHO, António Rafael (1994) –O castelo de Alcácer do Sal: um projecto de arqueologia urbana. In *Actas do III Encontro de Arqueologia Urbana. Bracara Augusta*. Braga: Câmara Municipal de Braga. n.º 97 (110), vol. XLV, p. 215-264.

PAIXÃO, A. Cavaleiro; FARIA, João Carlos e CARVALHO, António Rafael (2002) –Aspectos da presença almóada em Alcácer do Sal (Portugal). In FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) *Mil anos de fortificações na Península Ibérica e no Magreb. Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos*. Palmela: Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela. p. 369-384.

PALMA, Maria de Fátima (Coord.) (2012) – *Carta Arqueológica do Concelho de Mértola*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

PAULO, Luís CAMPOS (2000) – Achados Islâmicos e Mudéjares no Centro Histórico de Évora. *A Cidade de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora. II Serie, n.º 4, p. 219-236.

PEREIRA, Manuela (2012) – Cerâmicas Islâmicas do Castelo de Montemor-o-Novo. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. n.º 12, p. 121-128.

PICARD, C. (2000) – *Le Portugal musulman (VIIIe - XIIIe siècles). L'Occident d'al-Andalus sous domination islamique*. Paris: Maisonneuve et Larose.

PICARD, Christophe e FERNANDES, Isabel Cristina F. (1999) – La Défense côtière à l'êpoque musulmane: l'exemple de la presqu'île de Setúbal. *Archéologie Islamique*, Paris: CNRS-Maisonneuve & Larose. n.º 8, p. 67-94.

PINTO, Maria Adelaide (2007) – Praça da República de Beja. *Vipasca Arqueologia e História* [CD-ROM]. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel. 2.ª Série, n.º 2, p. 519-530.

RAMALHO, Maria; LOPES, Carla; CUSTÓDIO, Jorge e VALENTE, Maria João(2001) – Vestígios da Santarém Islâmica – um

silo no Convento de S. Francisco de Santarém. *Arqueologia Medieval.* Porto: Edições Afrontamento. n.º 7, p. 147-183.

RAMOS, Carlos; MARTINS, Artur; MURALHA, João e ESTORNINHO, Alexandra(1993) – O Castelo de Aljustrel, campanhas de 1989 e 1992. In *Vipasca*, *Arqueologia e História*. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel. n.º 2, p. 11-40.

REGO, Miguel (2003) – A ocupação islâmica de Noudar. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. n.º 8, p. 69-82.

RETUERCE VELASCO, Manuel (1986) – Cerámica islámica de Cidade das Rosas, Serpa (Portugal). In *Actas del Segundo Coloquio Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo Occidental. Toledo. 1981*. Madrid: Ministerio de Cultura. p. 85-92.

REVEZ, Ana Lima (2012) – Trabalhos arqueológicos no projecto de recuperação do Paço da Ega (2007-2009). *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. n.º 12, p. 41-57.

RODRIGUES, José A. Severino (2005) – *A presença medieval na vila romana de Caparide. Vivências continuadas. Trabalho apresentado na Cadeira "Relatório Final"*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

RODRIGUES, José A. Severino e CABRAL, João (1990) – Silos medievais de Caparide. *Arquivo de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais. n.º 9, p. 63-73.

SABROSA, Armando e ESPÍRITO SANTO, Paulo (1992) – Almada Medieval/Moderna, um Projecto de Investigação. *Al-madan*. Almada: Centro de arqueologia de Almada. II Série, n.º 1, p. 5-12.

SABROSA, Armando; HENRIQUES, Fernando Robles e SOARES, Isabel (2005) – A «Alcaria» de Arge – Portimão. In GONÇALVES, Maria José (dir.) *Actas do 2.º Encontro de Arqueologia do Algarve. Silves 2005. Xelb.* Silves: Câmara Municipal de Silves. Museu Municipal de Arqueologia. n.º 5, p. 201-212.

SANTOS, Filipe João Carvalho dos (2006) – O povoado islâmico dos alcariais de Odeleite. Uma Qarya no Algarve Oriental. Primeiros resultados arqueológicos. *Promontoria*. Faro: Universidade do Algarve. n.º 4, p. 161 – 265.

SILVA, Ana Raquel Mendes da (1997) – A cerâmica medieval da gruta do Caldeirão, Tomar. Primeira abordagem. In BATATA, Carlos (ed.) *As origens de Tomar. Carta arqueológica de Tomar*. Tomar: Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar. p. 313-319.

SILVA, Ana Raquel (2004) – A *villa* de Frielas: tempo, espaço e funcionalidade. In *Arqueologia como Documento*. Loures: Câmara Municipal de Loures. p. 11-19.

SILVA, Ana Raquel e BARBOSA, Pedro Gomes (2003) – Cerâmica de tradição muçulmana da villa romana de Frielas (Loures). *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. n.º 8, p. 109-127.

SILVA, António Manuel S. P. E RIBEIRO, Manuela C. S. (2006-2007) – Cerâmica medieval das escavações no Castelo de Arouca. Ensaio de análise morfotipológica. *Portvgalia*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Nova Série. vol. XXVII-XXVIII, p. 69-88.

SILVA, António e SILVA, Ricardo Costeira da (2005) – Resultados da intervenção no sítio arqueológico de Barradas (Odiáxere, Lagos). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. n.º 2, vol. 8, p. 55-106.

SILVA, Carlos Tavares da e COELHO-SOARES, Antónia (1987) – Escavações arqueológicas no Creiro (Arrábida). Campanha de 1987. In *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnologia do Distrito de Setúbal. n.º 7, p. 221-237.

SOARES, Joaquina (2000) – Arqueologia urbana de Setúbal: problemas e contribuições. In *Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida. Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. n.º 14, p. 101-130.

SOARES, António Monge e BRAGA, José Rodrigues (1986) – Balanço provisório da intervenção arqueológica já realizada no Castelo de Serpa. *Arquivo de Beja*. Beja. 2.ª série, vol. III, p. 167-198.

SOUSA, Ana Catarina de Freitas Alves Bravo de; MIRANDA, Marta Alexandra Vasconcelos Tomaz; SOUSA, Elisa Rosa Barbosa de e CARVALHO, Liliana Adelaide Veríssimo (2009) - *Vale do Casal Mourão - Relatório final. 2009-01-09*. Documento policopiado. Processo n.º S – 30745. Acessível no Arquivo de Arqueologia da DGPC.

TEICHNER, Felix (1994) – Acerca da Vila Romana de Milreu/Estoi. Continuidade da ocupação na época árabe. *Arqueologia Medieval.* Porto: Edições Afrontamento. n.º 3, p. 89-100.

TEICHNER, Felix (1998) – A ocupação do centro da cidade de Évora da época romana à contemporânea. Primeiros resultados da intervenção do Instituo Arqueológico Alemão. In *Actas das 2.as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo. Tondela. 22 a 25 de Março de 1995*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. p. 17-31.

TEICHNER, Felix (2006) – Die mittelalterliche und neuzeitliche Fundkeramik aus den Grabungen des Deutschen Archäologischen Institutes in Évora (Alentejo, Portugal). *Madrider Mitteiilungen.* Madrid: Deutsches Archäologisches Institut. n.º 47, p. 295-409.

TEICHNER, Felix e SCHIERL, Thomas (2006) – Cerro da Vila (Algarve, Portugal). Aldeia do Mar na época islâmica. In GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (dir.) *Al-Ândalus espaço de mudança. Balanço de 25 anos de história e arqueologia medievais*, *Seminário de Homenagem a Juan Zozaya Stabel-Hansen. Mértola 2005.* Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. p. 123-139.

VIANA, Abel (1960) – Notas históricas arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. Senhora da Cola. *Arquivo de Beja*. Beja. XVII. p. 138-231.

VIEGAS, Catarina e ARRUDA, Ana Margarida (1999) – Cerâmicas islâmicas da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. nº. 2, vol. 2, p. 105-186.

ZOZAYA STABEL-HANSEN, Juan *et alii* (2012) – Asentamientos andalusíes en el Valle del Duero: el registo cerámico. In GELICHI, Sauro (ed.) *Atti del IX Congresso Internazionale sulla Ceramica Medievale nel Mediterraneo. Venezia 2009*. Venezia: Edizioni All'Insegna del Giglio. p. 217-229.